

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TEOFRASTO

CARACTERES

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

Maria de Fátima Sousa e Silva é professora catedrática do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Dentro da sua actividade de docente e investigadora tem privilegiado os estudos de língua e literatura grega – sobretudo teatro e historiografia – e os temas de recepção. É autora de várias traduções de Aristófanes, Heródoto, Aristóteles e Cáriton.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação, João Pedro Gomes, Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadésús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TEOFRASTO

CARACTERES

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

Caracteres

Characters

AUTOR AUTHOR

Teofrasto Theophrastus

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Maria de Fátima Sousa e Silva

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

www.artipol.net

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-0899-0

ISBN Digital

978-989-26-0900-3

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0900-3>

Depósito Legal Legal Deposit

383983/14

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contato Contact

@annablume.com.br

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA
E DA COMUNICAÇÃO

POCI/2010

© Novembro 2014

Annablume Editora * São Paulo

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Vniversitatis

Conimbrigenensis

<http://classicaldigitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

da Universidade de Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

TEOFRASTO THEOPHRASTUS

CARACTERES

CHARACTERS

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Maria de Fátima Sousa e Silva

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

Esta publicação inclui a tradução dos *Caracteres* de Teofrasto, acompanhada de um estudo introdutório e de notas ao texto, de acordo com a recente edição e comentário de J. Diggle. No estudo introdutório, além de uma informação geral sobre o autor e a sua actividade intelectual, está contemplada a definição dos vários géneros literários que deixaram a sua marca nesta produção de Teofrasto: os tratados de ética de Aristóteles, a retórica contemporânea e a Comédia Nova. O estudo vem acompanhado de uma bibliografia actualizada.

PALAVRAS-CHAVE

Aristóteles, Comédia Nova, sociedade do séc. IV a. C.

ABSTRACT

This publication includes the translation of the *Characters* of Theophrastus, with an introduction and footnotes, following the recent edition and commentary by J. Diggle. In the introduction, after a short information about the author and his intellectual activity, the different literary genres are considered that left their influence on this production by Theophrastus: the ethic thought of Aristotle, contemporary rhetoric and New Comedy. The study is complemented with an actualized bibliography.

KEYWORDS

Aristotle, New Comedy, Greek society during the fourth century BC.

AUTORA

Maria de Fátima Sousa e Silva é professora catedrática do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Dentro da sua actividade de docente e investigadora tem privilegiado os estudos de língua e literatura grega – sobretudo teatro e historiografia – e os temas de recepção. É autora de várias traduções de Aristófanes, Heródoto, Aristóteles e Cáríton.

AUTHOR

Maria de Fátima Sousa e Silva is professor cathedratica in the Institute of Classical Studies and a member of the Centre of Classical and Humanistic Studies of the University of Coimbra. As a professor and researcher her preference goes to the studies on Greek language and literature – mainly theatre and historiography – and reception studies. She has translated different authors, like Aristophanes, Herodotus, Aristotle and Chariton.

SUMÁRIO

TEOFRASTO - O HOMEM E A SUA ACTIVIDADE	9
<i>Caracteres</i> : Controvérsia sobre a natureza da obra	12
Teofrasto e o pensamento ético de Aristóteles	17
<i>Os Caracteres</i> e a prática retórica	22
<i>Os Caracteres</i> de Teofrasto e a comédia	24
BIBLIOGRAFIA	42
<i>Os CARACTERES</i>	45
<i>Proémio</i>	48
1. <i>O dissimulado</i>	50
2. <i>O bajulador</i>	53
3. <i>O tagarela</i>	56
4. <i>O parolo</i>	59
5. <i>O complacente</i>	62
6. <i>O impudente</i>	65
7. <i>O parlapatão</i>	68
8. <i>O enredador</i>	70
9. <i>O descarado</i>	73
10. <i>O mesquinho</i>	75
11. <i>O disparatado</i>	77
12. <i>O inoportuno</i>	78
13. <i>O intrometido</i>	80
14. <i>O estúpido</i>	81
15. <i>O autoconvencido</i>	83
16. <i>O supersticioso</i>	85
17. <i>O eterno descontente</i>	89
18. <i>O desconfiado</i>	90
19. <i>O desmazelado</i>	91
20. <i>O inconveniente</i>	93
21. <i>O pedante</i>	95
22. <i>O forreta</i>	98
23. <i>O gabarola</i>	100
24. <i>O arrogante</i>	103
25. <i>O cobarde</i>	105
26. <i>O ditador</i>	107

27. <i>O remoçado</i>	110
28. <i>O maledicente</i>	112
29. <i>O padrinho do vigarista</i>	115
30. <i>O explorador</i>	117
ÍNDICE DE AUTORES E PASSOS CITADOS	121
ÍNDICES	133

TEOFRASTO

O HOMEM E A SUA ACTIVIDADE

Foi em Asso, na Mísia, onde um centro cultural florescia e atraía gregos no exílio, alguns deles antigos discípulos da Academia de Platão, que Aristóteles procurou refúgio do ambiente adverso de Atenas. A Asso se seguiram outras paragens, num lento prolongar de um afastamento forçado. Durante esta ausência e em local que não podemos precisar, conheceu um estudante de Éreso, na ilha de Lesbos, Tírtamo de seu nome, e deixou-se encantar pelos dotes superiores daquele jovem, a quem veio a alcunhar de Teofrasto, “o que tem dons divinos no uso da palavra” (c. 370-288 a. C.). Assim, nascida ao sabor do acaso, esta amizade fortaleceu-se para a vida inteira, sem que o entusiasmo do mestre pelos dotes do discípulo algum dia esmorecesse. Teofrasto acompanhou Aristóteles num demorado itinerário: algum tempo em Mitilene (344 a. C.), na sua ilha natal, para, em 343/342 a. C., o seguir até à Macedónia, onde o filósofo se deveria encarregar da educação do jovem príncipe, filho de Filipe II, Alexandre. Só anos mais tarde, em 335/334, Aristóteles pôde voltar a Atenas; de facto, a autoridade que o agora soberano conquistador exercia sobre a Grécia favorecia o regresso daqueles que, por simpatias pró-macedónicas, se tinham visto forçados ao exílio.

Foi então que, fora dos muros de Atenas, nas proximidades de um santuário de Apolo Lício, Aristóteles iniciou o seu ensino; aí fundou uma escola e, à sombra acolhedora de um pórtico deambulatório (o περίπατος), satisfez curiosidades de muitos espíritos ávidos de cultura, dele designados por peripatéticos. À frente dessa escola, desenvolveu uma actividade diversificada e

constante, que só a morte de Alexandre, em 323 a. C., com o recrudescer na Grécia das expectativas anti-macedónicas, veio abalar. Obrigado de novo ao exílio, Aristóteles partiu, desta vez sem regresso, de Atenas.

Chegou assim a hora de o seu companheiro de tantos anos, colaborador em tantos sucessos pedagógicos e científicos, um dos mais distintos discípulos do Liceu, se lhe substituir na direcção da escola. Ao longo de trinta e cinco anos, com breves quebras ainda motivadas por perseguições políticas, até que a morte pôs fim a uma vida longa, toda ela dedicada ao saber e à melhoria progressiva do Liceu, Teofrasto batalhou, sempre de olhos postos nos méritos paradigmáticos do seu mentor.

Da imagem, ainda que um tanto vaga, que nos chegou da sua actividade¹ parecem avultar duas características: em primeiro lugar, a do gestor atento, que conhece bem a instabilidade do ambiente que o cerca e os riscos que essa situação representa para a segurança e futuro da escola que dirige; receios que, aliás, a própria realidade veio confirmar, quando Teofrasto, acusado de impiedade e vítima de uma lei que proibia os filósofos de manterem escolas em Atenas sem autorização do Conselho e da Assembleia², se viu forçado, em 318, a um ano de afastamento da cidade. Não hesitou o filósofo em valer-se de amigos, em geral seus antigos colegas ou discípulos do Perípatos, mais tarde figuras influentes na ribalta política de Atenas, nomeadamente Demétrio de Falero, que, em nome da Macedónia, dirigiu durante anos o destino da cidade de Palas. Foi graças à influência de Demétrio de Falero que Teofrasto, apesar da lei que proibia

¹ As informações que temos sobre a biografia de Teofrasto advêm sobretudo de Diógenes Laércio 5. 36-57 e da *Suda*, s. v. Θεόφραστος.

² Sobre a acusação de impiedade que lhe foi movida por Hagnónides, vide Diógenes Laércio 5. 37; Plutarco, *Fócion* 29. Sobre a legislação que limitava a actuação pedagógica dos filósofos, cf. Diógenes Laércio 5. 38; Pólux 9. 42.

estrangeiros de serem proprietários de terras ou edifícios em solo ático, pôde comprar o terreno, onde se estabeleceu a sede permanente do Liceu. Em consequência, portanto, do seu prestígio pessoal e do da escola que dirigia, o continuador de Aristóteles levou a cabo a difícil missão que assumira: a de manter viva e respeitada a instituição que o Estagirita fundara e prestigiara junto dos Atenienses.

Não menos decisiva foi a sua actividade científica, que se orientou pela mesma universalidade que caracterizara a de Aristóteles, facto que, antes de mais, a coincidência de vários títulos comprova; como também, naturalmente, se não estranhará que, com o curso do tempo, Teofrasto possa ter optado por alguma emancipação ou por soluções de relativa independência em relação ao mestre.

Foi sobretudo a ciência, a botânica em particular, a despertar o interesse de Teofrasto, que lhe dedicou dois tratados preservados até nós, *História das plantas* e *Causas das plantas*. De resto, com o avanço do exército de Alexandre à conquista da Ásia e da África, a botânica e a zoologia recebiam um impulso novo, a partir da convivência com outros horizontes e paisagens. Mas também a filosofia, nas diversas perspectivas - metafísica, ética, lógica, política -, a retórica³ e a poética atraíram a curiosidade de um espírito insaciável e motivaram, sob forma de múltiplos tratados, reflexões técnicas nos mais diversos quadrantes.

Pela relevância que reveste para uma avaliação mais justa dos *Caracteres*, será importante destacar a sua produção ética e poética. Plutarco, *Péricles* 38 cita Teofrasto ἐν ταῖς ἠθικοῖς, enquanto um escólio a Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1121a (cf.

³ Sobre algumas posições adoptadas por Teofrasto no que respeita à retórica, a sua relação com Aristóteles e a influência exercida na produção retórica posterior, cf. G. A. Kennedy (1957), "Theophrastus and stylistic distinctions", *HSCP* 62: 93-104.

Ateneu 15. 673e) refere a sua obra *Περὶ ἠθῶν*, que Eustácio (sobre a *Ética a Nicómaco* 1129b) confirma como dois tratados independentes. Na hipótese de Usener⁴, os ἠθικὰ deveriam ser uma coleção de pequenos ensaios do tipo *Περὶ εὐδαιμονίας*, *Περὶ κολακείας*, *Περὶ εὐτυχίας*. Por seu lado, o *Περὶ ἠθῶν* talvez se assemelhasse à *Ética a Nicómaco* de Aristóteles.

Quanto à produção poética, são de referir dois tratados, para nós perdidos, que dedicou à arte cômica, *Περὶ κωμῳδίας* e *Περὶ γελοίου* (cf. Diógenes Laércio 5. 46-48; Ateneu 6. 261d, 8. 348a): o primeiro, de natureza sobretudo histórica, analisava, em retrospectiva, o progresso do gênero cômico desde as suas origens; o segundo voltava-se mais concretamente para as formas de produzir o cômico, de acordo com os princípios aristotélicos.

Mas curiosamente, de todo este conjunto de obras, na sua grande maioria perdidas para nós⁵, foi um opúsculo, de natureza controversa e de data insegura (próxima de 320 a. C.)⁶, que sobretudo reservou para a posteridade o nome de Teofrasto: os seus *Characteres*.

CARACTERES

CONTROVÉRSIA SOBRE A NATUREZA DA OBRA

Constituídos por uma sequência de trinta retratos, cada um dedicado a um tipo humano, os *Characteres* chegaram-nos em registo muito controverso e de difícil leitura⁷. Para além das dificuldades na fixação do texto, é também manifesta a anarquia

⁴ *Apud* Jebb and Sandys ²1909: 10.

⁵ O que nos resta da obra de Teofrasto compõe-se dos dois tratados de botânica, diversos opúsculos sobre, por exemplo, minerais, perfumes, o fogo, alguns fragmentos de assunto filosófico e os *Characteres*.

⁶ Sobre a discussão em volta da data dos *Characteres*, *vide* Diggle 2004: 27-37.

⁷ Sobre esta questão, *vide* Vilardo 1989: XXXIX-XLIII; Rusten, Cunningham and Knox ²1993: 24-32; Diggle 2004: 16-19, 37-40.

que preside à arrumação dos diversos retratos. Há porções de texto que parece terem sido deslocadas do seu lugar próprio, de modo a integrarem-se na definição de um tipo a que logicamente não pertencem. É esse o caso do *Caracter* XIX, que inclui uma segunda parte que melhor se enquadraria noutro caracter; por outro lado, apesar de haver alguns tipos que partilham traços de personalidade, a sequência estabelecida pelos manuscritos não contempla essa proximidade, o que à primeira vista dilui a relação óbvia entre eles. Assim, por exemplo, nada aproxima no conjunto aqueles tipos para quem poupar o próprio dinheiro ou explorar o próximo é atitude predominante: o descarado (IX), o mesquinho (X), o forreta (XXII) e o explorador (XXX); ou aqueles que abusam da linguagem: o tagarela (III), o parlapatão (VII), o enredador (VIII) e o maledicente (XXVIII); ou ainda os que manifestam, em relação ao semelhante, uma certa sobrançeria: o autoconvencido (XV), o arrogante (XXIV) e o ditador (XXVI). Numa tentativa de valorizarem essas semelhanças, houve editores, nomeadamente Jebb and Sandys, que entenderam adoptar uma ordenação diferente da dos manuscritos.

Acresce a estes problemas a consciência de que mão estranha, em época difícil de precisar, introduziu no conjunto texto espúrio, sobretudo no que respeita ao proémio⁸, ao remate filosófico de alguns Caracteres (I, II, VI, VIII, XXIX) e a certas definições a precederem cada tipo. De uma forma geral, é o tom filosofante e a desadequação ao desenvolvimento posterior que denunciam a intromissão estranha no texto original.

Mas como descrever então, nas suas linhas gerais, estas saborosas dezenas de tipos humanos? Num plano abrangente, o mundo para que remetem é o de Atenas do tempo de Alexandre, e a sociedade que representam a de uma classe média de

⁸ *Vide infra* nota 1.

características marcadamente cidadinas, avaliada dentro dos padrões contemporâneos com uma notória dose de humor. Cada retrato reparte-se entre uma definição genérica e abstracta inicial, de enunciação muito breve, seguida do traçar multifacetado de um perfil, mais ou menos longo, onde uma soma de atitudes ou palavras desenha uma personagem, por um processo cuja semelhança com a técnica teatral tem sido sempre acentuada. As situações apresentadas pertencem ao quotidiano da cidade, público ou privado, e privilegiam ambientes ou momentos – a ágora, as termas, o teatro, o banquete – onde a vida social é mais palpitante. Nestes diversos cenários, figuras comuns são chamadas a agir de uma forma em que se acentua a inconveniência ou o ridículo, face a uma etiqueta convencional, sem que o seu comportamento pressuponha uma valorização de alcance moral. Relacionando estas componentes, Vilardo⁹ sugeriu uma leitura expressiva na sua simplicidade: “Cada character pode pois definir-se como um punhado de situações, significativas e interdependentes de uma definição inicial”.

À constância deste esquema pelo qual cada character se desenvolve corresponde também uma simetria de estilo, onde uma linguagem de tonalidades científico-filosóficas e outra de traço dramático-literário cooperam. Cada retrato inicia-se com a definição de uma qualidade, de sabor claramente abstracto, valendo-se de uma terminologia de natureza filosófica e concebida dentro de um laconismo de marca científica. Com esta frase enunciativa coordena-se uma outra, iniciada por *τοιούτός / τοιόσδε τις οἶος*, “eis o perfil”, com o verbo subentendido, que introduz o tipo propriamente dito, aquele que, numa sequência de situações, actuará de uma determinada maneira. Sucede-se então uma série de consecutivas, com o verbo no

⁹ 1989: XXVIII.

infinitivo, a descreverem, também de forma sucinta e directa, esse comportamento; sem pretensões, um mero καί copulativo pode multiplicar, por um número indefinido de quadros, a sequência de imagens ilustrativas. É agora a tonalidade dramática e coloquial da linguagem que se instala. Enfim, a eficácia de cada retrato, para além da monotonia evidente do seu traçado, resulta em boa parte do carácter elíptico e por demais directo do estilo, expressivo no entanto pela acutilância dos pormenores.

Depois da descrição sumária da obra, resta para os estudiosos de *Caracteres*¹⁰ uma questão ainda não solucionada: em que modelo literário, dentro dos padrões da literatura grega antiga, incluir este opúsculo? Não parece polémico que os *Caracteres* apresentam uma natureza própria, para que não se encontra paralelo directo, mas também não é controverso que a obra surge dentro de uma época e de um contexto intelectual que sobre ela imprimem a sua marca. A partir desta base, tem-se optado essencialmente por três hipóteses para a interpretação dos *Caracteres*: 1. Uma produção ética; 2. Retórica; 3. Cómica. E as afinidades procuram-se naturalmente dentro da escola

¹⁰ Sobre o sentido da palavra χαρακτήρ, cf. Diggle 2004: 4-5. Do significado inicial de “efigie”, como as que se imprimem na cunhagem de moedas, ou como as que constituem “o selo” que identifica um Estado ou uma família, evolui para outros sentidos: um “traço linguístico”, que distingue um dialecto em particular; um “traço retórico”, que identifica um orador; até ao que parece ser o sentido que reveste no título de Teofrasto, o de “tipos”, “marcas distintivas” de comportamento. Por isso, para alguns comentadores, a palavra Χαρακτῆρες constitui um título incompleto, a exigir algum qualificativo de tipo ἠθικοί, “marcas de carácter”. No entanto, Diógenes Laércio e a *Suda* coleccionam referências a um conjunto de obras perdidas, em cujo título a palavra Χαρακτῆρες, como única ou combinada com outras, figurava; cf. Diggle 2004: 5. É sabido que, dentro da escola peripatética, foram produzidas obras com um título semelhante (cf. Diógenes Laércio 5. 88). Filodemo, na sua obra *Sobre os vícios* 10, conservou exemplos de tipos caracterizados por Ariston de Céos, dentro da tradição de Teofrasto. Sobre a repercussão deste modelo de obra, vide também Diggle 2004: 25-27.

peripatética. Antes de mais, Aristóteles, o patriarca da escola e a figura mais marcante da cultura do momento, o mestre e o amigo de tantos anos de convívio científico e humano, aparece como o modelo evidente, na sua produção ética (*Ética a Nicómaco*, *Ética a Eudemo* e a *Grande Ética*, mau grado as dúvidas de autoria que se colocam a estes textos, sobretudo ao último) e retórica (*Retórica*); além dele, Menandro, discípulo de Teofrasto e o mais distinto de entre aqueles que então produziam, com êxito notável, comédias ao novo gosto, oferece outra referência óbvia. Ainda que inegáveis as relações existentes, a verdade é que as diferenças se contrabalançam, em equilíbrio, às semelhanças. Portanto, a dificuldade residirá, em última análise, no grau de parentesco a estabelecer.

Tentemos, por nossa vez, uma análise de *Caracteres* nestas diversas perspectivas, pressupondo como aceites à partida certos princípios: a mesma preocupação com o indivíduo, que se revela no pensamento de Aristóteles, Teofrasto e Menandro, desenvolve-se paralelamente na mentalidade contemporânea, e encontra outras expressões concordantes, particularmente plásticas, pelo aperfeiçoamento e valorização da técnica do retrato; nessa observação, o ser humano é analisado em contraluz com o meio social a que pertence, ou para que se lhe proponham normas de conduta, ou para que se lhe apontem os comportamentos e os pequenos ridículos, numa perspectiva didáctica ou satírica; logo, a compreensão do indivíduo pressupõe um enquadramento colectivo, sem o qual não é inteligível e para cuja reconstituição se torna um contributo indispensável.

Em resumo, a importância de *Caracteres* não se confina a um mérito puramente literário, nem se avalia tão só a partir da leitura e do apreço pela eficácia do seu conteúdo e estilo; é preciso considerá-los como um testemunho dos valores intelectuais de uma época, em paralelo com as obras de teorização nela

produzidas e, por outro lado, encará-los dentro de uma nova noção de cómico então preferida; finalmente, como pano de fundo a sustentar todo este fervilhar de ideias e movimentos, está a Atenas do séc. IV, para cuja história social os *Caracteres* podem dar um contributo inestimável.

TEOFRASTO E O PENSAMENTO ÉTICO DE ARISTÓTELES

Tem sido a marca ética dos *Caracteres* o aspecto mais valorizado no sentido da definição da natureza desta obra. Aliás, para além da própria evidência dos trinta retratos, é importante a interpretação que o autor tardio do prómio dá dos *Caracteres* como uma tentativa de cotejo entre vícios e virtudes, com vista a produzir um texto doutrinário que sirva de base teórica à formação de jovens personalidades. Acrescente-se ainda que os *Charakterismoi*¹¹ de Aríston de Céos, que, no delinear de certos tipos, revelam inteira subserviência aos *Caracteres* de Teofrasto, fazem parte de um tratado ético como um bloco exemplificativo de determinados comportamentos. Estes são portanto testemunhos que, à primeira vista, parecem apontar para um vínculo claro entre o opúsculo de Teofrasto e a produção ética de raiz peripatética. Impõe-se pois estabelecer um confronto com alguns passos concretos da produção ética de Aristóteles; vamos cingir-nos aqui, pela importância que detêm, a *Ética a Nicómaco* 1107a 33-1108b 7, onde os diversos tipos de virtude são enumerados, e 1115a 6-1128b 35, onde se passa à definição e descrição minuciosa de vícios e virtudes; mas a mesma análise constitui ainda o motivo de *Ética a Eudemo* 1220b 21-1221b 3, 1228a 23-1234b 14, e de *Grande Ética* 1190b 9-1193a 37. São estes textos normalmente entendidos como precursores dos tratados

¹¹ *Vide supra* nota 10.

que o próprio Teofrasto dedicou à matéria ética¹², bem como de outros posteriores dentro da mesma tradição peripatética¹³.

O que ressalta de imediato desta enunciação é que a proposta feita pelo autor do proémio, descabida em relação aos *Caracteres*, corresponde sem dificuldades ao projecto aristotélico. De facto, o objectivo do autor da *Ética a Nicómaco* é isolar e estudar, por categorias, os traços da personalidade humana; para tal estabelece um quadro de vícios, por diferença ou excesso, em relação a um ponto de equilíbrio intermédio onde reside a virtude (1107a 33-1108b 7). Passa, por fim, a dilucidar, tal como propõe também o autor do proémio, “as respectivas características e tendências”.

É, em primeiro lugar, evidente que alguns dos tipos definidos por Aristóteles, no passo acima mencionado da *Ética a Nicómaco*, correspondem a certos *Caracteres*: assim a εἰρωνεΐα “autodepreciação” (cf. I) é contrastada, por diferença, com a ἀλήθεια “autenticidade”, como por diferença são também cotejadas a ἀναισθησία “estupidez” com a σωφροσύνη “temperança” (cf. XIV), a δειλία “cobardia” com a ἀνδρεία “coragem” (cf. XXV), a ἀνελευθερία “forretice” com a ἐλευθεριότης “generosidade” (cf. XXII), a ἀγροικία “parolice” com a εὐτραπελία “polimento” (cf. IV), a ἀναισχυντία “descaramento” com a αἰδημονία “distinção” (cf. IX). Em contrapartida, são formas de excesso a ἀλαζονεΐα “gabarolice” em relação a ἀλήθεια “verdade” (cf. XXIII), de onde resulta que εἰρωνεΐα e ἀλαζονεΐα são vícios diametralmente opostos, a ἄρεσκειά “complacência” por oposição à φιλία “amizade” (cf. V) e a κολακεία “bajulação” à φιλία “amizade ou simpatia” (cf. II). E Vilardo¹⁴ chama ainda a atenção para o facto de haver outros caracteres cuja delineação

¹² *Vide supra* p. 12.

¹³ *Vide supra* nota 10.

¹⁴ 1989: XIII-XIV.

tem correspondência em Aristóteles, ainda que sob designações diferentes. Será este o caso, por exemplo, do μικροφιλότιμος “pedante” (cf. XXI) que se desvia do sentido da honra, e que Aristóteles designa por ἀφιλότιμος e φιλότιμος, salientando a deficiência ou o excesso na atitude respectiva. Por seu lado, o δυσχηρής “desmazelado” (cf. XIX) e o ἀηδής “inconveniente” (cf. XX) podem assimilar-se ao βωμολόχος e ao φορτικός de Aristóteles.

A partir deste quadro de correspondências há, porém, desde logo, diferenças que ressaltam de forma igualmente óbvia. Teofrasto retrata apenas os vícios, por diferença ou por excesso, e o empenho em estabelecer paralelos e relações entre vícios e virtudes está de todo ausente dos *Caracteres*, até mesmo quando é evidente a semelhança entre os diversos tipos. Jebb and Sandys¹⁵ salientam, a partir desta correspondência de vícios, que os tipos de Teofrasto não são “moralmente indiferentes”, porque todos eles são portadores de defeitos morais na perspectiva peripatética. No entanto, o aligeiramento na análise e o desenvolvimento menos teórico que Teofrasto adopta acabam por pôr a tónica não tanto na reprovação ética quanto no ridículo ou inconveniência estética dos comportamentos. É sobretudo a noção de “feio” ou “inestético”, por confronto com um padrão convencional, que se evidencia. O mesmo significa que, a um objectivo didáctico dominante em Aristóteles, se contrapõe agora uma finalidade mais lúdica, onde o sentido de humor impera.

Se penetrarmos, em seguida, no desenvolvimento deste esquema e passarmos à análise pormenorizada das características humanas, prática comum, na generalidade, a Aristóteles e aos *Caracteres* de Teofrasto, também aqui as diferenças de perspectiva se mostrarão relevantes. No tom usado por Aristóteles

¹⁵ 21909: 8.

domina a avaliação abstracta e teórica, a busca de definições, a catalogação, a particularização por contraste, a motivação, a dilucidação clara dos termos técnicos a aplicar aos conceitos em discussão, o reexame final que testa a definição proposta e a diferencia com rigor de noções afins. Todo este material, central na perspectiva de Aristóteles, deixa uma marca precária e marginal no desenvolvimento de cada caracter em Teofrasto; só as definições iniciais, com tudo de contingente que as caracteriza em termos de autoria e apesar da sua inadequação em alguns casos, trazem essa marca aristotélica mais nítida; mas o espaço por demais sucinto que lhes é dado como mera introdução, por vezes até desadequada, a que não se segue um esforço de correcção ou de precisão de sentido, demonstra o seu carácter lateral e espúrio; numa palavra, o Estagirita visa antes de mais a definição de conceitos ético-filosóficos, os *Caracteres* sobretudo o homem real na sua prática social do quotidiano; logo o tom que compete ao primeiro caso é nitidamente científico, enquanto no segundo domina um modelo mais próximo do drama cómico.

Propósitos díspares ressaltam também da desproporção dos dois autores no que respeita à exemplificação dos comportamentos. Ela é, para Aristóteles, marginal e particularmente genérica, de modo a servir, em termos paradigmáticos, a definição teórica em causa. Bem pelo contrário, a exemplificação com situações múltiplas e diversificadas, arrancadas de um dia-a-dia concreto e focadas sobre a personagem actuante, que se move e fala, é a alma dos *Caracteres* de Teofrasto. Ao mundo da reflexão teórica substitui-se o da vivência real, ao plano abstracto da existência, a realidade palpitante do quotidiano de Atenas. Talvez um exemplo significativo seja útil à compreensão deste abismo de diferença. Tomemos o caso do cobarde que, por alguns¹⁶, tem

¹⁶ Cf. Petersen, *apud* Jebb and Sandys ²1909: 13.

sido citado como um modelo de coincidência de ponto de vista e método entre Teofrasto (XXV) e a *Ética a Nicómaco* (1115a 6-1117b 22) de Aristóteles e confrontemos os dois textos. Comenta, por exemplo, Aristóteles: “O valentão, embora pronto antes de o perigo surgir, na hora do risco falha; o corajoso, porém, é activo no momento de agir e, antes dele, sereno” (1116a 6-9). E adiante passa a dar casos concretos: “As tropas regulares tornam-se cobardes perante o perigo, se se vêem em inferioridade de número e equipamento. São sempre as primeiras a fugir” (1116b 15-18); “quando se encontram em desvantagem numérica, põem-se em fuga, mais temerosas da morte que da desonra” (1116b 20-22). Também Teofrasto toma o campo de batalha como um ambiente próprio para testar o comportamento do cobarde, que retrata em quadros como: “Em campanha, no momento em que os reforços de infantaria se preparam para atacar, ele chama ...; pede-lhes que fiquem ali ao pé dele e olhem bem em volta primeiro, com o pretexto de que é obra distinguir os inimigos. Ao ouvir os gritos e ao ver os combatentes tombarem, diz aos que o rodeiam que, com a pressa, se esqueceu de pegar na espada; corre para a tenda; desembaraça-se do criado, que manda observar o movimento dos inimigos, esconde a espada debaixo do travesseiro e fica tempos infindos a fingir que a procura” (XXV. 3-4). Ou então é nos perigos do mar que Aristóteles e Teofrasto põem à prova a coragem ou ... a falta dela. Diz a *Ética a Nicómaco* 1115a 34-1115b 1: “Estas circunstâncias ‘que põem em perigo a vida’ ocorrem sobretudo na guerra; mas também só o homem corajoso é firme no mar”. Teofrasto, por seu lado, concretiza: “Eis o perfil do cobarde. Se viaja por mar, confunde promontórios com navios de piratas. Se há ondulação, pergunta se existe a bordo alguém que não seja iniciado. Põe-se a olhar para o céu e a informar-se junto do piloto se a viagem já vai a meio e o que acha da cara do tempo. Conta ao sujeito do lado

que está alarmado com um sonho que teve. Despe a túnica e entrega-a ao criado; por fim, pede que o desembarquem” (XXV. 2).

Parece ser este o momento para uma conclusão sobre a famosa polémica do relacionamento dos *Caracteres* com a produção ética do Perípatos. Será que podemos partilhar a opinião daqueles para quem os trinta tipos que nos chegaram fariam parte de um tratado mais amplo de ἠθικοὶ χαρακτῆρες, que incluiria uma teoria moral e eventualmente também uma correspondente das virtudes aristotélicas? Julgo que a análise objectiva que acima esboçamos nos leva a repudiar sem hesitação esta hipótese, que não se coaduna minimamente com o tom dos tipos conservados. A existir esse bloco perdido, cuja motivação única seria a subserviência passiva ao modelo de Aristóteles por parte do seu continuador, o choque e desajuste com o texto conservado seriam por demais flagrantes. O vício desta hipótese parece ser tão só o exagero. Porque é inegável que os *Caracteres* tenham de inserir-se dentro da reflexão ética de Aristóteles *lato sensu*, na medida em que retomam diversas das suas categorias como modelos de vícios ou desvios, por diferença ou excesso em relação a um ponto ideal de equilíbrio. Esse ponto médio teria, em Teofrasto, a designação de “urbanidade”, como uma qualidade onde a elegância e moderação de comportamento podem merecer o aplauso como condição de distinção na vida social. Mas a partir desta plataforma comum, é nítida a diferença de objectivos e processos.

OS CARACTERES E A PRÁTICA RETÓRICA

Como a filosofia ética não é a única disciplina a ocupar-se do estudo do comportamento humano, outras propostas de relacionamento se estabeleceram para os *Caracteres*. E, entre elas, distingue-se, ainda dentro de um plano de reflexão que valoriza a

relação entre Aristóteles e Teofrasto e a partilha de uma forma de pensamento e de análise teórica, aquela que pretende para os *Caracteres* uma justificação de natureza retórica. De facto, o desenho do comportamento humano fazia parte, dentro dos cânones antigos, das componentes do discurso e o adestramento no uso e composição desses retratos justificava a prática de exercícios específicos. Esta é uma noção teórica desde logo prevista na *Retórica* de Aristóteles (1366a 23-32), que aconselha o recurso a exemplos colhidos da vida diária com um carácter descritivo. Séculos mais tarde, Cícero (*Tópicos* 83) e Quintiliano (1. 9. 3) continuavam a testemunhar a vitalidade e utilidade dos χαρακτηρισμοί ou ήθολογίαι, como exercícios convencionais de treino retórico. Mas também neste caso será legítimo perguntar: poderemos entender os *Caracteres* como parte de um tratado de retórica, do tipo do manual concebido por Aristóteles sob o mesmo título e retomado por Teofrasto numa obra com o mesmo nome¹⁷? E mais uma vez a nossa reacção tem de ser negativa face ao excesso da proposta. Também neste caso se pode suscitar a questão das semelhanças entre os *Caracteres* e a *Retórica* (1366a 23-1367b 7, 1378a 19-1391b 6), onde são analisados os principais sentimentos que um orador deve ter presentes, de modo a, na altura própria, influenciar o ânimo de um auditório. Mas também neste caso, objectivos e meios são marcadamente diferentes. Não se trata, no texto de Aristóteles, de catalogar tipos determinados, mas de utilizar experiências ao serviço da persuasão que é própria da oratória. Além disso, segundo um método semelhante ao da *Ética a Nicómaco*, apela-se à organização, por contraste, de um conjunto de estados de espírito opostos, que são analisados nas suas componentes e determinantes, relacionando-os com a estrutura de *Caracteres*. Também aqui predominam os termos

¹⁷ Cf. Diógenes Laércio 5. 47-48.

técnicos para designar conceitos precisos, definições, juízos de valor relativos, precisões de sentido por contraste, sendo dado à exemplificação concreta um lugar inteiramente marginal; e, mesmo a existir, esta exemplificação é sempre feita em tom genérico e paradigmático, que nada tem em comum com o realismo vívido das situações concretas. Mesmo Furley¹⁸, um defensor da teoria retórica na interpretação de *Caracteres*, dentro da linha de Immisch, reconhece e pondera as várias objecções que esta leitura suscitou, de onde avulta, antes de mais, a consciência de que falta ao opúsculo de Teofrasto o tom retórico, ou, mais ainda, o tom teórico, científico, abrangente que é próprio de um tratado.

Que, no entanto, apesar da sua natureza diversa, eram reais algumas afinidades com a prática retórica do retrato não deixa de ser ponderável. E a prova conclusiva reside no facto de a obra ter tido uma utilização visível neste âmbito e decerto tão activa que levou exactamente à sua preservação como um manual escolar.

OS *CARACTERES* DE TEOFRASTO E A COMÉDIA

Muitas são as vozes, por outro lado, que se uniformizam em volta de uma afinidade inegável entre os *Caracteres* e a tradição cômica, já a do séc. V a. C., mas sobretudo a do séc. IV, contemporânea de Teofrasto e enobrecida pelo êxito de Menandro, discípulo do referido filósofo. Diversos factores, de natureza teórica e prática, contribuem para esta leitura. E, antes de mais, o facto de os *Caracteres* retratarem apenas vícios e nunca virtudes, o grande obstáculo à sua interpretação exclusivamente ética, coincide com a definição que Aristóteles dá de um dos princípios essenciais da natureza da comédia (*Poética* 1449a 31-33): “A comédia é (...) a imitação de homens de qualidade moral

¹⁸ 1958: 56-60.

inferior, não de todo o tipo de defeito, mas no âmbito do risível, que faz parte do inestético”. A preocupação teórica de sondar a natureza e os objectivos da comédia, manifestada por Aristóteles, repercutiu-se também em Teofrasto, autor, como vimos¹⁹, de dois tratados *Sobre a Comédia* e *Sobre o Ridículo*. Assim, os *Caracteres* harmonizam-se, no seu espírito e concepção, com uma certa interpretação científica da comédia, sem que por isso, naturalmente, devam ser lidos como um tratado equivalente aos que acabamos de citar. No entanto, alguns autores entendem-nos, na forma paradigmática por que desenham caricaturas a partir da observação de comportamentos concretos dentro de um contexto social delimitado, como uma espécie de catálogo de figuras, que pode servir de referência à criação de uma comédia de tipos como é a de Menandro. Esta é uma perspectiva que faz a ligação entre a visão teórica e a execução prática do riso.

O humor e a ironia, que dão o tom geral aos *Caracteres* e que constituem os traços mais evidentes na sua relação com a comédia, temperam todas as componentes do retrato: figuras, situações e linguagem.

Embora a caracterização por tipos não fosse de todo estranha à Comédia Antiga, também não era, nessa fase do género presa à realidade do momento, uma prioridade ou um factor relevante. Temos, no entanto, determinadas personagens cómicas que exibem aspectos em comum com os de alguns caracteres. Decerto que à personagem, frequente em Aristófanes, do lavrador pertencem certos comportamentos do parolo (IV); o general fanfarrão como o Lâmaco de *Acarnenses* ou a figura do aventureiro efeminado que é o Dioniso-Héracles de *Rãs* exibem traços do cobarde (XXV) ou do parlapatão (VII); e não terá o mesmo Dioniso já maduro, totalmente inexperiente da faina marítima, mas obrigado a

¹⁹ *Vide supra* p. 12.

remar no barco infernal, uma sugestão do remoçado (XXVII) que se inicia tarde e mal nas artes que depois não controla? Mas sem dúvida que este é um defeito indiscutível no Estrepsíades de *Nuvens* e no Filócleon de *Vespas*. Tagarelíce (III), parlapaticice (VII) e gabarolíce (XXIII) são “prendas” que Aristófanes não regateia aos novos intelectuais, aos sofistas ou a Eurípides, como também ao político nova vaga; e este último, quanto não tem do bajulador (II) na sua relação com o povo, ou do impudente (VI) e do descarado (IX) como aquele que se formou no roubo e no expediente, de que o Salsicheiro de *Cavaleiros* é o exemplo máximo. Estamos, porém, muito longe do herói cómico de Aristófanes, não apenas do herói-tipo, o lavrador por exemplo, como também da personalidade real, Cléon, Lâmaco ou Sócrates. Em primeiro lugar, porque os *Caracteres* se referem a um mundo humano colectivo, onde não se faz crítica directa ou nominal; depois, porque nenhum dos tipos de Teofrasto mereceria a designação de herói. O “herói cómico”, aquele que domina os acontecimentos numa comédia antiga, como proponente de uma teoria que tem de confrontar-se com opositores para conquistar a coroa da vitória, deve merecer do auditório uma valorização positiva e uma adesão incondicional. Logo, o odioso ou o ridículo deverão recair sobretudo em cima dos que o antagonizam, dentro de uma polémica onde a fantasia geralmente domina.

Os tipos de Teofrasto são passivos, no sentido de que a comichidade que provocam é de todo involuntária; os seus comportamentos são comezinhos e rotineiros, fantasia é característica que desconhecem; limitam-se a agir de forma instintiva, dentro de um dia-a-dia vulgar, e a oferecerem-se, como alvos espontâneos, à análise psicológica de um observador atento.

Bem estreita é, neste aspecto, a relação existente entre os *Caracteres* e a Comédia Nova, particularmente Menandro, porque também nela se define, dentro de perfis convencionais, uma

galeria de tipos humanos constantes. Um conjunto de títulos de peças perdidas, correspondentes à produção da época, atesta de forma inequívoca esta correspondência, ou de um modo directo, quando um título é também a designação de um tipo de Teofrasto - "Αγροικος "O parolo", "Απιστος "O desconfiado", Δεισιδαίμων "O supersticioso", Μεμψίμοιρος "O eterno descontente", Κόλαξ "O bajulador" – ou indirectamente, a atestar a coincidência de um processo de caracterização - "Απληστος "O glutão", Δύσκολος "O embirrento", Μονότροπος "O solitário", Πολυπράγμων "O intriguista". Em geral, a escola peripatética partilha com a comédia contemporânea o interesse vivo pelos caracteres humanos, para além do processo impressionista de os retratar como um conjunto harmónico de pinceladas dissonantes e dispersas.

Mas os comportamentos individuais só ganham veracidade e sentido se enquadrados por situações comuns na realidade social contemporânea. Esta revitalização, que os retira da galeria dos modelos para lhes transmitir um sopro de vida, corresponde à montagem de um cenário autêntico, onde as atitudes ou palavras, os gestos ou movimentos têm a força de uma verdadeira actuação dramática. Mas é também o enquadramento social a motivação que faz de *Caracteres* um título importante para a reconstituição de um período da história social e económica de Atenas. Do todo ressalta uma sociedade urbanizada, onde o elemento rústico se destaca como espúrio e ridículo. Se pensarmos na predominância que o herói rústico tem em Aristófanes, onde por vezes assume o papel do cidadão modelar e sensato, defensor de propostas fantasistas e aguerridas, mas terapêuticas para as feridas de Atenas ou da Grécia, como o são Diceópolis ou Trigeu, constatamos a decadência que sofreu, a partir dos anos difíceis da Guerra do Peloponeso, a população rural da Ática. Exilada dos seus campos pelas incursões inimigas, a gente campesina viu-se desprovida do bem-estar e abundância que a terra lhe garantia e forçada a uma

vida instável dentro dos muros da cidade, onde o confronto com os requintes urbanos lhe salienta a inferioridade e grosseria. Este é já o caso nítido de Estrepsíades, nas *Nuvens*, que o agravamento do conflito armado em anos posteriores e a crise social que lhe acompanhou o desfecho só vieram piorar. O quadro que Teofrasto delineia em finais do séc. IV a. C. denuncia ainda essa junção artificial e valoriza os aspectos ridículos que ela provoca. Depois, esta sociedade é posta em movimento, cada homem actuando no seu ambiente familiar e no plano social; as relações individuais e colectivas projectam-se, num enquadramento que prefere as artérias palpitantes do quotidiano: para além da habitação privada, a ágora, as termas, o teatro. Dentro deste cenário, os *Caracteres* ocupam, por assim dizer, um plano intermédio entre a Comédia Antiga e a Nova: o contexto político e colectivo continua vivo, o indivíduo ganha sentido em função do enquadramento social que habita, embora este contexto comunitário se dilua à medida do genérico e do vulgar; sem se destacarem acontecimentos ou figuras específicos, a cidade no seu conjunto emoldura o cidadão e, como bem observa Giglioni²⁰: “As relações particulares são ainda em boa parte políticas, se bem que também nos *Caracteres* o homem da *polis* tenda a restringir-se à esfera da vizinhança e à dinâmica de pequenos grupos”. Mas, por outro lado, o comportamento social, a tônica na criatura humana comunga com as novas preocupações essenciais do séc. IV. Nem tão “politizada” quanto em Aristófanes, nem tão “privatizada” quanto em Menandro, essa é a medida intermédia do mundo dos *Caracteres*.

Desta relação com a realidade, de que é um quadro fiel e palpante, o texto de Teofrasto tira, em boa parte, o seu efeito cómico do facto de permitir ao leitor ou ouvinte uma constatação directa, através da sua própria experiência com uma

²⁰ 1980: 77.

realidade conhecida. Realidade que aliás se projecta, dentro dos vários tipos, pela reincidência em certas situações, que vão sendo avaliadas como um poliedro, na riqueza das múltiplas imagens que um mero *volte face* permite. Na sua simplicidade e técnica repetitiva, o processo tem uma eficácia cômica inegável. Por isso, Webster ²¹ fala, em Teofrasto, de “um esquema subjacente de tópicos, como aparência, religião, vida doméstica, relação com os amigos, vida na ágora, vida pública”, onde os quadros da realidade são determinados pelo contexto histórico.

Passemos em revista algumas das facetas deste mundo, mergulhando, com Teofrasto, nessa Atenas agitada e sofrida do séc. IV, quando a ocupação macedónica estimulava insegurança política, revolta ou oportunismo, quando os horizontes se dilatavam a cada avanço do conquistador Alexandre, quando a ostentação e novo-riquismo de alguns contrastava com a fome e a miséria da maioria. Do confronto entre a crise e esse cosmopolitismo e xenofilia que a nova ordem do mundo mediterrânico oriental fomentava, resultava uma profunda modificação na vida ateniense de modelo clássico. Sobretudo o amor da pátria e o ideal de uma comunidade coesa e participada parecia soçobrar perante o fascínio de um quadro, cada dia mais nítido, onde a prosperidade macedónica ou oriental ofuscava os olhares. “Democracia deixou de significar um sistema de controlo colectivo de uma vida em comunidade, para passar a querer dizer a ausência desse mesmo controlo e a liberdade de cada indivíduo viver a sua própria vida”²².

Concentremo-nos antes de mais na vida privada, que tem por centro a casa e o círculo doméstico. Aí são as relações com o núcleo familiar que se impõem, com as mulheres da casa – a

²¹ 1974: 44.

²² Bury, Cook, Adcock 1969: 511.

esposa e a mãe – , com os filhos e com os escravos. Nas suas linhas gerais, a posição da mãe de família, no reino doméstico, prosseguia dentro de princípios tradicionais, onde a reclusão da mulher correspondia a uma certa autoridade. Cabe-lhe zelar pelo património e, por isso, o desconfiado, já na cama, a interroga sobre a segurança dos haveres, se tudo ficou fechado e selado; mesmo assim, levanta-se para inspeccionar e calar as dúvidas a que é propenso (XVIII. 4). Se o marido é mesquinho, impede-a de emprestar aos amigos e vizinhos as ninharias da rotina caseira, uns temperos, uns bolos ou umas coroas, como sempre foi de uso no convívio entre a vizinhança (X. 13). Alguma intimidade aproxima, no seio da casa, homens e mulheres, apesar de o quotidiano os manter voltados para lados opostos da existência, o exterior e o interior. O supersticioso, que vai renovar a sua iniciação junto dos sacerdotes órficos, pretende levar consigo a mulher e os filhos (XVI. 12); a conversa e as confidências em família aproximam-nos, ainda que, sob a marca das tendências de cada um: o sujeito inconveniente comenta a despropósito com a mãe, diante de toda a criadagem, as suas memórias dos sofrimentos e alegrias do parto (XX. 7), e o pedante enche os ouvidos da mulher com os seus sucessos públicos (XXI. 11).

Sobre a família se faz sentir a crise financeira que a todos afecta, que pode tornar-se dramática sob o efeito da avareza e da falta de pudor: assim o impudente incorre no opróbrio de deixar a mãe morrer à fome (VI. 6); o forreta, apesar de a mulher lhe ter trazido um bom dote, nem uma escrava lhe compra, que a acompanhe nas suas saídas (XXII. 10); e, por fim, sujeita-se às críticas do maledicente aquele fulano que, à mulher que lhe valeu um dote chorudo e o presenteou com um filho, mal dá dinheiro suficiente para comer e a condena ao incómodo de um banho frio em pleno inverno (XXVIII. 4).

Não menos os escravos sofrem na pele a crise do momento, embora agravada se o seu senhor pecar por avareza. É assim, de entre todos os tipos, é o explorador aquele cujas “fraquezas”, sobretudo sensíveis no plano familiar, mais afectam a criadagem. Em casa, o explorador rouba na ração dos servos (XXX.11), em dias de festa controla as sobras do repasto para que não desapareçam da mesa (XXX. 16), como também o mesquinho lhes desconta na comida o que quer que partam em casa (X. 5). Explora-os na cobrança das rendas, fazendo-os pagar uma taxa suplementar de câmbio (XXX. 15). Em viagem, sobrecarrega-os de bagagens e mal os alimenta (XXX. 7), ou mesmo, se pode, serve-se dos escravos dos companheiros e os seus aluga-os e fecha-se com o lucro (XXX. 17). Se os tristes acham, nas pedras da calçada, uns cobres perdidos, o patrão ainda está pronto a exigir a sua parte ... do tesouro (XXX. 9). O descaramento leva alguns a aproveitarem-se de um banquete na casa de um amigo para alimentarem o criado que os acompanha (IX. 3). A desconfiança e a violência continuam em boa parte a caracterizar o relacionamento entre o patrão e o servo: se o desconfiado manda um escravo às compras, fá-lo seguir de um outro que controle os pagamentos que faz (XVIII. 2), ou, na rua, manda o criado avançar à sua frente para prevenir qualquer hipótese de fuga (XVIII. 8). As reprimendas gratuitas (XIV. 9) e os castigos severos (XII. 12) amarguram a existência dos subalternos. Por outro lado, o exibicionismo em sociedade passa pela possibilidade de fazer estadão com um escravo exótico (XXI. 4), de utilizar uma espécie de conivência tácita com o escravo para alardear riquezas e vantagens, ou mesmo para justificar golpismos e expedientes; o explorador, para usar, no balneário, o óleo do vizinho e poupar o seu, culpa o criado de lho ter comprado rançoso (XXX. 8); o gabarola, para justificar o adiamento de umas compras que na realidade não tem meios para fazer, ralha com o criado por não

ter trazido o dinheiro (XXIII. 8). Em contrapartida, intimidades com a criadagem são sinal de falta de senso ou de polimento: é, antes de mais, o remoçado quem se diverte a brincar com escravos, como se de uma criança se tratasse (XXVII. 12, 13); mas é também inconveniente ou parolo fazer confidências a escravos ou falar de intimidades na sua presença (XX. 7), comentar com eles as novidades políticas da cidade (IV. 3), ou denunciar, por uma colaboração inusitada nas lidas domésticas, o namoro oculto que se mantém com uma serva (IV. 7). A insistência neste traço na caracterização do parolo denuncia como este convívio era impróprio de gente civilizada e cidadina.

Para além do ambiente estritamente familiar, o homem move-se num plano mais alargado, situado entre o privado e o público, que é o do convívio com amigos e vizinhos de bairro. É sobretudo a convivência à mesa ou a partilha de uma refeição o cenário onde as diversas cambiantes do comportamento nos pequenos núcleos sociais se testa. Em primeiro lugar, o banquete comporta despesas que podem implicar a generosidade cívica de um cidadão privado, que brinda os seus companheiros de *demos*, a título de exercer o seu dever de liturgo, com uma refeição comum. Neste contexto se sente a restrição constante, que é imposta, em parte, pela crise geral, agravada pela tendência natural de alguns para fugirem a este tipo de encargos públicos. Dela se faz eco o ditador (XXVI. 5) que reclama contra o flagelo das liturgias. O mesquinho controla o que cada um bebe, rateia as partes destinadas aos deuses (X. 3) e a carne que serve aos convivas é retalhada em pedaços minúsculos (X. 11); e o explorador corta no pão que põe na mesa (XXX. 2) e não se envergonha de meter na conta colectiva a alimentação da criadagem da casa (XXX. 16) ou as pequenas despesas do que lhe cabia fornecer, como anfitrião (XXX. 18), a lenha, as lentilhas, o vinagre, o sal e o azeite para a lamparina. Mas também, na vida familiar, surgem

ocasiões que impõem a cada um alguma liberalidade. Um casamento, que obriga ao sacrifício e à boda, é um desses momentos, ou então um qualquer ritual a que se segue a normal partilha das carnes pelos amigos e participantes. É ridícula a atitude do forreta que, no casamento da filha, põe à venda as carnes da boda e contrata, a seco, a criadagem (XXII. 4), ou a do descarado, que, em dia de sacrifício, trata de ir comer a casa de outrem, de modo a que não só evita oferecer uma refeição aos amigos, como ainda arranja forma de alimentar de graça o criado que o acompanha (IX. 3). Ambos se eximem vergonhosamente a cumprir uma regra elementar na vida social, apesar das dificuldades reais que a situação comporta; de facto reconhece-se quanto é inoportuno vir cobrar uma dívida em casa de quem se debate com este tipo de despesas (XII. 11). Mas é também descabido perder a justa medida e preparar, sem controlo, vinho em quantidade excessiva para os convidados (XIII. 4), ou exhibir, à porta, a cabeça do boi que se matou para impressionar quem passa (XXI. 7). Do convidado se espera também alguma correspondência, como seja o habitual presente de casamento, a que o explorador escapa pretextando ausência (XXX. 19).

À mesa, um conjunto de regras de cortesia estipulam comportamentos e definem uma etiqueta social. Naturalmente que se espera do anfitrião gentileza e cordialidade no acolhimento dos seus hóspedes; logo o fazer-se substituir nessa obrigação por um subalterno é sintoma impróprio de arrogância (XXIV. 9). Por outro lado, o banquete presta-se ao oportunismo e à bajulice, numa tentativa de se ganhar o favor ou a simpatia de alguém. E assim o pedante disputa um lugar ao lado do dono da casa (XXI. 2), o bajulador desfaz-se em elogios, excessivos e apressados, à qualidade do serviço (II. 10) e o complacente reclama a presença das crianças da casa e brinca com elas até mais não poder, na ânsia de se fazer simpático (V. 5).

Seguem-se as conversas e diversões a acompanhar a festa. Ser discreto e moderado na conversação é regra que muitos desconhecem: o fala-barato, que nem deixa os vizinhos comerem em paz (VII. 9); o inoportuno que, numa festa de casamento, não arranja melhor assunto senão dizer mal das mulheres (XII. 6); mas sobretudo o inconveniente, que comete erro sobre erro, se compraz com conversas impróprias sobre os seus desarranjos fisiológicos (XX. 6) ou uma gabarolice sobre a qualidade superior do serviço de mesa da sua casa, que a transforma num verdadeiro hotel repleto de clientes vorazes (XX. 9). Manter uma atitude correcta e agradável é um princípio da mais elementar conveniência, que o desmazelado atropela totalmente: assoa-se, coça-se, lança perdigotos, arrota (XIX. 5), cospe atingindo até o escanção (XIX. 10). Se um conjunto de diversões é esperado no final do jantar, requer-se, de parte a parte, uma colaboração regrada. Se o hospedeiro quer brindar os convivas com alguns entretenimentos, é inconveniente e de mau gosto que exhiba os dotes do parasita ou explore a pândega que a vinda das flautistas promete (XX. 10); por outro lado, se é desagradável que um conviva se recuse a cantar, recitar, ou dançar, de forma a colaborar na animação da festa (XV. 10), também não fica bem exhibir-se nos requebros do córdax antes que o calor do álcool o justifique (XII. 14).

Um outro aspecto em que o relacionamento pessoal pode também testar-se, nesta nova ordem dos tempos, são as questões financeiras. Numa sociedade desprovida de um sistema de segurança social organizado, a cooperação humana impunha-se como uma prática tanto mais relevante para o bem-estar comum. Que cada um contribuísse, dentro das suas posses, com mais ou menos liberalidade para o suprir das carências colectivas ou privadas fora antes um princípio aceite e honrado como parte do desempenho social do cidadão. Agora, porém, uma

nova sensibilidade ao poder do dinheiro, acompanhada de um certo embotamento da força colectivizante da *polis*, levavam os Atenenses a procurar fugir a esses deveres. Torna-se, assim, patente a insistência na avareza, como característica de quatro tipos de Teofrasto (IX, X, XXII, XXX). Para além das restrições que alguns põem nas refeições oferecidas a parentes, amigos ou companheiros de *demoi*, como vimos, outros sinais concorrem para a denúncia do mesmo vício. Assim o parolo, por exemplo, quando, durante a noite, se lembra dos pequenos empréstimos que fez, não consegue pregar olho (IV. 11); e o desconfiado, quando se vê forçado, pela impossibilidade de negar, a emprestar a baixela, marca-a a fogo para se garantir de que lha não trocam e só falta pedir uma caução (XVIII. 7). Mesmo de pagar as despesas escolares dos filhos ou contribuir para as festas da escola, o forreta e o explorador procuram escapar (XXII. 6, XXX. 14). E então se se trata de uma colecta para auxiliar um amigo em dificuldades ou mesmo de um contributo para solver um momento de crise do Estado, já não se pode contar com a solidariedade de ninguém: o dissimulado recusa-se (I. 5), o autoconvencido dá, a custo, mas reclama (XV. 7) e o forreta, calado que nem rato, desaparece (XXII. 3). Em vez de generosidade, cada um aguça agora o engenho para encontrar meios de explorar o alheio sem dispender o que lhe pertence.

O palco por excelência da vida pública é a ágora, o centro de encontro, do comércio, dos negócios, da conversa política, do puro exibicionismo. Sob os pórticos, a gente inactiva abriga-se para longas, vagas e inúteis conversações (II. 2, VIII. 11); em volta dos comerciantes, mesmo em horas de ponta, juntam-se alguns em mexericos eternos, petiscando displicentemente um fruto seco, saudando quem passa, mesmo que seja apenas um vago conhecido (XI. 4, 5), ou retendo quem vai apressado (XI. 6). Barbearias e perfumarias funcionam também de atractivo para

os frequentadores profissionais da ágora (XI. 9). Outros rondam os bancos, misturando-se com homens de negócios para se darem ares de gente próspera e bem relacionada (V. 7); uns aviam encomendas exóticas para amigos longínquos (V. 8), outros adquirem para si animais raros e objectos estranhos (V. 9, XXI. 6), para mostrar um *status* próspero neste mundo sem fronteiras, onde novas aliciantes seduzem quem tem dinheiro. Pelo contrário, a gente modesta, de gostos austeros e rústicos, prefere ementas baratas e aposta nas conservas (IV. 13). Alguns praticam o expediente, disfarçadamente deitam mão a umas aparas ou pelo menos a um osso para temperar a sopa (IX. 4). Há quem, por estranho gosto, se misture à população dos criados que povoa as várias zonas do mercado; assim, o bajulador corre as lojas de artigos domésticos e femininos, numa azáfama despropositada (II. 9); o disparatado prefere encarregar-se pessoalmente das compras e contratar flautistas (XI. 8), enquanto o forreta, talvez por razões de poupança, traz da praça, pessoalmente, os alimentos de que se foi abastecer (XXII. 7). Outros frequentam os sapateiros, em companhia de alguém que seguem por todo o lado, numa adulação permanente (II: 7); há quem se abeire das mercadorias de luxo, a fingir-se comprador (XXIII. 7), ou simule grandes investimentos e, na hora de fechar o negócio, se fique pelas repreensões aos criados por não terem trazido a bolsa (XXIII. 8); como, por fim, há quem corra as lojas, de fio a pavio, e não compre nada (X. 12).

Alguns, na ágora, simplesmente pavoneiam misérias ou aparatos; o desmazelado não se envergonha de ofender a vista alheia com lepras ou eczemas (XIX. 2), ou com o abandalhamento da roupa (XIX. 5), enquanto o ditador espera uma hora menos movimentada e se passeia de ponto em branco (XXVI. 4); o pedantismo de outros impede-os de sentir o ridículo de exibirem as esporas de cavaleiro com roupa do dia-a-dia, ao fim de uma ocasião de desfile solene (XXI. 8). Perante o bulício geral, uns

comportam-se como papalvos, boquiabertos perante um espectáculo popular de feira (XXVII. 7), outros não se inibem de entrar no negócio e de se encarregarem da cobrança (VI. 4); os vendedores de banha da cobra rodeiam-se de multidões embevecidas. Mas reis deste terreno são os agitadores, que movimentam e capitaneiam a gente do comércio, para depois especularem com empréstimos a juros elevados (VI. 9).

É este o movimento realista de um quadro, onde se cruzam os inúteis com os oportunistas, os inactivos com os agitados, os endinheirados com os pelintras, os elegantes com os desmazelados, num desfile infundável de máscaras humanas.

O teatro, que fora outrora lugar de recolhimento religioso e de emoção estética colectiva, perdia, com a própria decadência da *polis*, o seu antigo ascendente e penetrava-se da mesma agitação, onde oportunismo e irreverência se harmonizam. Procurar um lugar nas filas da gente importante (V. 7), ou arrebatrar uma almofada das mãos de um escravo para a servir ele próprio (II. 11) são atitudes de quem aproveita todas as ocasiões para cultivar relacionamentos úteis e espreitar eventuais vantagens. E agora que o teatro se despia da força de um dever e de um direito, que exige a presença do cidadão, o simples acesso tornou-se amostra do mesmo oportunismo que parece infiltrar-se em todo o lado: o explorador só vai ao teatro com os filhos se houver borlas (XXX. 6) e o descarado não tem pejo de, por conta dos hóspedes que tem em casa, comprar bilhetes para si próprio, para os filhos e para o pedagogo (IX. 5). Durante a exibição, reina uma certa desordem que revela o fastio e a desatenção de quem já não sente o momento como solene: o parlapatão perturba o silêncio e não deixa ver (VII. 8); o disparatado aplaude e pateia a destempo, ou arrota como um recurso extremo para dar nas vistas (XI. 3); por fim, o estúpido adormece e, terminado o espectáculo, fica lá sozinho quando todos já saíram (XIV. 4).

Em último lugar, são os ginásios e os banhos públicos ainda um cenário de preferência de Teofrasto. Estes espaços de utilização colectiva espelham, de um lado, o exibicionismo e novo-riquismo gerais. Há quem seleccione aqueles que frequenta sobretudo a gente nova (V. 7), ou exagere, quando pratica exercício físico, nos golpes de anca para mostrar que está em forma perfeita (XXVII. 14). Snobismo extremo manifesta-o aquele que se recusa a misturar-se com as massas e adquire um ginásio privado, em miniatura, que apregoa aos sete ventos e que disponibiliza como espaço para exposições desportivas ou culturais, para que todos pasmem com a sua riqueza (V. 9, 10). Os simples mortais, porém, têm de enfrentar os pequenos ridículos dessa multidão que, nas termas, se acotovela; dos que atordoam os ares com cantigas (IV. 12), dos que usam um óleo rançoso e se desesperam em coceiras incómodas (XIX. 5), dos que utilizam o óleo do vizinho (XXX. 8), dos que reúnem em sua volta as atenções gerais com histórias sem fim (VIII. 11), ou ainda daqueles que enfurecem o funcionário, a servirem-se de água por suas mãos para evitar o pagamento estipulado pelo serviço (IX. 8).

Por trás destes ridículos infindos, adoçando-lhes os exageros, está implícito o tipo humano ideal, numa nova concepção de *arete* social. Seria ele o sujeito de opções políticas moderadas, discretamente generoso na prática da solidariedade com as carências colectivas e particulares, equilibrado nos gostos e nas despesas, cuidado, sem exageros, no aspecto, disciplinado na palavra e no gesto. Na realidade este padrão, em Teofrasto apenas implícito, é um modelo de magnanimidade, como Aristóteles expressamente a define em *Ética a Nicómaco* 1123a 34-b 35. Sem deixar de ser o continuador do cidadão da época clássica, o ateniense do tempo de Alexandre terá de ser também o fruto das circunstâncias do momento.

Para além dos tipos e situações, os *Caracteres* partilham com a comédia alguns elementos de estilo e linguagem. Com exclusão do prómio, das definições de cada character e de alguns remates filosóficos, o tom geral do texto prima por um evidente coloquialismo. De resto, esta tonalidade da linguagem harmoniza-se naturalmente com a banalidade dos tipos retratados e com a rotina das situações em que actuam. É principalmente com a Comédia Nova, Menandro em particular, que a coincidência é mais visível, sendo o nível adoptado neste caso o de uma linguagem arguta, rigorosa, mas de tons regulares ou médios, sem os rasgos de criatividade, fantasia ou obscenidade que caracterizaram a fase mais antiga do género cómico.

No entanto, temos de reconhecer em Teofrasto uma agudeza, energia e laconismo de estilo que muito contribuem para a eficácia irónica de cada retrato. Num texto que possui uma natureza dramática subjacente, das palavras depende a definição do gesto, da atitude, do cenário ou do movimento. “Durante um passeio, diz ao parceiro que acompanha” (II. 2), “E, com outras tiradas do mesmo estilo, arranca-lhe um borboto do casaco, ou tira-lhe dos cabelos qualquer palhita que o vento lá tenha deixado. E a sorrir, vai dizendo” (II. 3), ou ainda “Se o parceiro abre a boca para falar, o bajulador manda calar toda a gente; e, entretanto, vai-lhe fazendo elogios, de modo a que ele os ouça; se o sujeito faz uma pausa, ele vá de aprovar” (II. 4), “fala alto e bom som” (IV. 2), são modelos de apontamentos breves a actualizar, de forma palpável, a acção do momento.

Um traço estilístico insistente pode ser sugestivo para valorizar hábitos ou gostos; é este o caso do diminutivo na definição do pedante: um sujeito que apetrecha a gaiola do seu gaio de estimação com um *poleirinho* e um *escudozinho* de bronze, para a ave executar, equipada, os seus malabarismos (XXI. 6), que lembra a memória de um cachorrinho de Malta com um

epitafiozinho sobre o jazigo (XXI. 9), ou que venera, como uma jóia, uma simples *figazinha* de bronze que dedicou a Asclépio (XXI. 10).

A linguagem pode ainda ser explicitamente usada como um processo de caracterização e não estranharemos que tipos como o dissimulado (I), o tagarela (III), o parlapatão (VII), o enredador (VIII), o eterno descontente (XVII), o ditador (XXVI) e o maledicente (XXVIII) se definam sobretudo pelo que dizem. Nestes casos abunda a utilização do discurso directo, de onde o estado de espírito da personagem ressalta com maior nitidez, e o uso de fórmulas ou bordões, outros tantos escudos ou armas de ataque de que o carácter dispõe. Aqueles de cuja natureza faz parte a adulação desdobram-se em elogios, como o bajulador ou o complacente (por exemplo, II. 2, 3, 4, 6, 8, 10, V. 2); enquanto que os agressivos de feitio exprimem em palavras a sua animosidade, como o ditador, que não cessa de verter o seu fel contra as massas e essa democracia que lhes põe na mão um poder exagerado (XXVI. 3, 4, 5), ou o maledicente, que saboreia o insulto pessoal e gratuito (XXVIII. 2, 3, 4); este é, de resto, o carácter cuja linguagem de certa forma decai do nível comum, para usar termos de uma vulgaridade a tender para o obsceno. Alguns usam fórmulas invariáveis, o dissimulado para escamotear compromissos ou dificuldades (I. 6), o parlapatão para interromper um interlocutor e monopolizar a conversa (VII. 3), o enredador para estimular a curiosidade alheia para as suas sempre inéditas e fantásticas novidades (VIII. 2, 3), o eterno descontente para lamentar a adversidade que o persegue perante tudo e todos (XVII. *passim*), finalmente o arrogante para impor a sua vontade como uma ordem (XXIV. 13). A linguagem pode também ser evidência de estupidez, quando um sujeito usa, a despropósito, fórmulas consagradas (XIV. 7, 12, 13).

Do todo se percebe uma atenção particular à linguagem que encobre, sob uma falsa capa de simplicidade e monotonia sintáctica, uma verdadeira capacidade expressiva.

Reavaliados nas diversas perspectivas, tendentes a definir afinidades de natureza e sentido com géneros já estabelecidos – o tratado ético, o compêndio de retórica ou a comédia -, os *Caracteres* denunciam com todos eles parentescos inegáveis. Mas, por outro lado, a sobreposição clara é impossível com qualquer dos modelos, pelo que resta aceitar a originalidade do opúsculo de Teofrasto. Apenas, dentro da melhor tradição grega, esta originalidade não é criação inédita, mas sobretudo a recriação pessoal de temas e processos estabelecidos. Nos *Caracteres* é, antes de mais, evidente a marca da época, do contexto histórico e social envolvente, como dos interesses intelectuais e métodos científicos da escola. A preocupação com o desenho do ser humano, a avaliação ética da existência, a força e qualidade da expressão retórica compatibilizam-se com um princípio de classificação e catalogação, que rigorosamente os distingue e descreve, como elementos da natureza universal, sujeitos às mesmas regras de observação a aplicar à botânica ou à zoologia.

Mas, pelo seu ar espontâneo e risonho, com todos os atractivos para cativar um auditório e sem a carga teórica de um trabalho técnico, talvez os *Carateres* dêem a imagem pessoal do seu autor, a que subjaz o homem de escola e o orador atraente, mas que neste caso simplesmente espelha o humor, quase caricatural, sobre as suas tarefas rotineiras, perante um círculo de amigos ou de alunos mais próximos. Talvez por isso o texto revele tantas imperfeições, a obra careça de estruturação, mas preserve, no entanto, todo o seu atractivo.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS

- H. Diels (reimpr. 1964), *Theophrasti Characteres*, Oxford.
- J. Diggle (2004), *Theophrastus. Characters*, Cambridge University Press. (edição utilizada na tradução)
- O. Immisch (1923), *Theophrasti Characteres*, Leipzig.
- R. C. Jebb and J. E. Sandys (²1909), *The Characters of Theophrastus*, London.
- D. Malhadas e H. Sarian (1978), *Teofrasto. Os Caracteres*, São Paulo.
- O. Navarre (1920), *Théophraste. Caracteres*, Paris.
- J. Rusten, I. C. Cunningham, A. D. Knox (²1993), *Theophrastus. Characters*, Loeb Classical Library, Harvard University Press.
- P. Steinmetz (1960-1962), *Theophrast. Charaktere*, I-II, München.
- R. G. Ussher (1960), *The Characters of Theophrastus*, London.
- M. Vilardo (1989), *Teofrasto. Caratteri*, Milano.

ESTUDOS

- D. Altamura (1985), “Entorno a los “Caracteres” de Teofrasto”, *Helmantica* 111: 423-445.
- F. Amory (1981-1982), “Eiron and Eironeia”, *Classica et Mediaevalia* 33: 49-80.
- L. Bergson (1971), “Eiron und Eironeia”, *Hermes* 99: 409-422.
- M. Bieber (²1961), *The history of Greek and Roman theatre*, Oxford.
- E.- K. Borthwick (1966), “Notes on the “superstitious man” of Theophrastus”, *Eranos* 64. 3-4: 106-119.

- W. Burkert (1983), *Homo necans*, Berkeley.
- J. B. Bury, S. A. Cook, F. E. Adcock (1969), *The Cambridge Ancient History. VI. Macedon 401-301 B. C.*, Cambridge.
- J. Cotter (1992), "The etymology and earliest significance of εἴρων", *Glotta* 70: 31-34.
- G. E. Duckworth (1971), *The nature of Roman Comedy*, Princeton.
- J. R. Ferreira (1990), *A Democracia na Grécia Antiga*, Coimbra.
- W. W. Fortenbaugh (1992), *Theophrastus of Eresus. Sources for his life, writings, thought and influence*, I-II, Leiden.
- R. J. L. Fox (1996), "Theophrastus' *Characters* and the historian", *PCPS* 42: 127-170.
- P. M. Fraser (1994), "The world of Theophrastus". In: E. Badian *et alii*, *Greek Historiography*, Oxford: 167-191.
- D. J. Furley (1958), "The purpose of Theophrastus' *Characters*", *SO* 30: 56-60.
- G. B. Giglioli (1980), "Immagini di una società. Analisi storica dei "Caratteri" di Teofrasto", *Athenaeum* 58: 73-102.
- P. W. Gooch (1987), "Socratic irony and Aristotle's *Eiron*", *Phoenix* 41. 2: 95-104.
- R. Graves (reimpr. 1977), *Greek Myths*. I. Middlesex.
- G. A. Kennedy (1957), "Theophrastus and stylistic distinctions", *HSCPh* 62: 93-104.
- A. Lesky (1968), *Historia de la Literatura Griega*, trad. esp., Madrid.
- D. M. Lewis, J. Boardman, S. Hornblower, M. Ostwald (1994), *The Cambridge Ancient History. VI. The fourth century B. C.*, Cambridge.
- D. M. MacDowell (1978), *Law in Classical Athens*, London.
- G. E. Mylonas (1961), *Eleusis and the Eleusinian Mysteries*, Princeton.

- Z. Pavloskis (1968), "Aristotle, Horace, and the Ironic Man", *Classical Philology* 63: 22-41.
- A. W. Pickard-Cambridge (1968), *The dramatic festivals of Athens*, 2^a ed. revised by J. Gould and D. L. Lewis, Oxford.
- M. H. Rocha Pereira (⁸1998), *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa.
- T. G. Rosenmeyer (1996), "Ironies in serious drama". In: M. S. Silk (ed.), *Tragedy and the tragic: Greek theatre and beyond*. Oxford: 497-519.
- A. Rostagni (1955), "Sui "Caratteri" di Teofrasto". In: *Scritti Minori. I. Aesthetica*, Torino: 327-355.
- M. F. Silva (2007), "A porta na comédia de Aristófanés. Uma entrada para a utopia". In: *Ensaíos sobre Aristófanés*, Lisboa: 257-274.
- M. Untersteiner (1948), "Studi sulla sofistica: Il proemio dei "Caratteri" di Teofrasto e un probabile frammento di Ippia", *RFIC* 26: 1-25.
- R. G. Ussher (1966), "Some characters of Athens, Rome and England", *G&R* 13: 64-78.
- R. G. Ussher (1977), "Old Comedy and characters", *G&R* 24: 71-79.
- F. W. Walbank, A. E. Astin, M. W. Fredericksen and R. M. Ogilvie (reimpr. 1989), *The Cambridge Ancient History. VII. I. The Hellenistic World*, Cambridge.
- T. B. L. Webster (1974), *An introduction to Menander*, Manchester.

Os CARACTERES

OS CARACTERES DE TEOFRASTO

- | | |
|---------------------|----------------------------|
| 1.O dissimulado | 16.O supersticioso |
| 2.O bajulador | 17. O eterno descontente |
| 3.O tagarela | 18.O desconfiado |
| 4.O parolo | 19.O desmazelado |
| 5.O complacente | 20.O inconveniente |
| 6.O impudente | 21.O pedante |
| 7.O parlapatão | 22.O forreta |
| 8.O enredador | 23.O gabarola |
| 9.O descarado | 24.O arrogante |
| 10.O mesquinho | 25.O cobarde |
| 11.O disparatado | 26.O ditador |
| 12.O inoportuno | 27.O remoçado |
| 13.O intrometido | 28.O maledicente |
| 14.O estúpido | 29.O padrinho do vigarista |
| 15.O autoconvencido | 30.O explorador |

PROÉMIO¹

Já vezes sem conta, no passado, ao reflectir sobre a questão, me surpreendi, e talvez nunca deixe de me surpreender: como é que, estando a Grécia sob um mesmo céu e recebendo nós, os Gregos, uma educação semelhante, conseguimos ser tão diferentes na maneira de ser. **2.** Realmente, meu caro Pólicles, há quanto tempo venho observando a natureza humana, ao longo dos meus 99 anos de vida², e tomando contacto com as personalidades mais variadas³. E depois de as observar e de cotejar minuciosamente as criaturas sérias com as desonestas, cheguei à conclusão de que devia escrever sobre a forma como, na vida, procedem umas e outras. **3.** Vou-te expor, por categorias, os diversos tipos

¹ Este proémio, pelo tom e estilo, é seguramente espúrio. Para a maioria dos autores seria obra de um gramático da época bizantina. Untersteiner (“Studi sulla sofistica: Il proemio dei “Caratteri” di Teofrasto e un probabile frammento di Ippia”, *RFIC* 26, 1948, 1-25), porém, atribui-o, pelo menos em parte, ao sofista Hípias. J. Diggle, *Theophrastus. Characters*, Cambridge University Press, 2004, 161, sublinha alguns pormenores de idade e de filhos como diferenças pessoais a distinguir o autor do proémio do discípulo de Aristóteles. Possivelmente a mesma mão que redigiu este texto é responsável por algumas intromissões nos textos subsequentes, sobretudo em certas fórmulas de remate, em tom moralístico, que encerram alguns dos Caracteres. Além dos traços que lhe são intrínsecos, o proémio articula-se mal, em termos de conteúdo, com o texto que pretende prefaciá-lo. O propósito moralístico, antes de mais, que promete o desenho não só de vícios mas também de virtudes, que sirva de modelo à juventude em formação, nada tem a ver com a realidade de *Caracteres*, que não contemplam as virtudes. Como também os defeitos apontados não são verdadeiros ‘vícios’, eticamente reprováveis, mas sobretudo inépcias ou pequenos ridículos avaliados face ao código de etiqueta social.

² Cf. Diógenes Laércio 5. 40, que informa sobre a morte de Teofrasto aos 85 anos, talvez com mais probabilidade.

³ Cf. Platão, *República* 408 d, que o autor do proémio imita.

de personalidade que as caracterizam e o modo como governam os seus dias. Estou, de resto, convencido, Pólicles, de que, graças a estas notas que lhes lego, os nossos filhos poderão aperfeiçoar-se, e de que, perante esses modelos, não hão-de querer frequentar e conviver senão com gente de qualidade, de modo a não lhe ficarem atrás. **4.** Passo agora ao assunto propriamente dito: e tu trata de o acompanhar como ele merece e de ver se me exprimo como ele merece. Vou, antes de mais, considerar os dissimulados, sem mais preâmbulos e circunlóquios sobre a questão. **5.** É, portanto, pela dissimulação que vou começar; vou defini-la, a seguir passo a descrever o dissimulado, quais as suas características e tendências. Quanto às restantes deformações de atitude, de acordo com o plano estabelecido, tentarei igualmente dilucidá-las, por categorias.

I

O DISSIMULADO⁴

Dissimulação, entendida em sentido genérico, é uma espécie de afectação de inferioridade nos actos e nas palavras⁵. 2. Eis o perfil do dissimulado⁶. Anda atrás dos inimigos, a querer meter

⁴ Uma definição de εἰρωνεία, expressa em palavras idênticas, ocorre nos textos éticos de Aristóteles (*Ética a Nicómaco* 1108a 21 sqq., προσποιήσις ἐπὶ τὸ ἔλαττον, *Ética a Eudemo* 1233b-1234a 1, ἐπὶ τὰ χεῖρω καθ' αὐτοῦ ψευδόμενος), acentuando a ideia de autodepreciação; o dissimulado é caracterizado como um sujeito que tende a negar ou a depreciar os atributos que tem. Nessa medida, Aristóteles opõe-no ao gabarola (*Caracteres* XXIII, ἀλαζών): “Pretensão em excesso é gabarolice e quem a possui um gabarola”. Se não exagerada, a dissimulação não é propriamente um defeito. O mesmo sentido de ocultar a verdadeira natureza ou intenções é já anteriormente expresso por palavras da mesma família na comédia; cf. Aristófanes, *Nuvens* 449, *Vespas* 174, *Aves* 1211. Esta mesma *eironia* encontra uma versão ‘técnica’ em Sócrates, que faz da simulação de ignorância o ponto de partida para um inquérito especulativo; cf., e. g., Platão, *Apologia* 37e, *Crátilo* 384a, *Górgias* 489e, *República* 337a, *Banquete* 216e, 218d. Apesar de a definição inicial de *eironia* coincidir com a dada por Aristóteles, o retrato que Teofrasto desenvolve do dissimulado é bastante diferente, porque acentua sobretudo o cinismo da personagem que, com evasivas constantes, oculta propositadamente as verdadeiras intenções ou sentimentos. Portanto, a dissimulação resulta agora numa atitude negativa ou perigosa, onde a falta de correspondência entre o que se diz e o que se pensa ou faz é uma constante. Sobre os sentidos de *eironia*, vide Z. Pavloskis (1968), “Aristotle, Horace, and the Ironic Man”, *Classical Philology* 63: 22-41; L. Bergson (1971), “Eiron und Eironia”, *Hermes* 99: 409-422; F. Amory (1981-1982), “Eiron and Eironia”, *Classica et Mediaevalia* 33: 49-80; P. W. Gooch (1987), “Socratic irony and Aristotle’s Eiron”, *Phoenix* 41. 2: 95-104; J. Cotter (1992), “The etymology and earliest significance of εἴρων”, *Glotta* 70: 31-34; T. G. Rosenmeyer (1996), “Ironies in serious drama”. In: M. S. Silk (ed.), *Tragedy and the tragic: Greek theatre and beyond*. Oxford: 497-519.

⁵ A dicotomia ‘acção / palavra’ é tipicamente aristotélica; cf., e. g., *Ética a Nicómaco* 1108a 11, 1127a 20, 1128b 5. Teofrasto volta a ela, nos *Caracteres* VI, VIII, XIV, na definição, respectivamente, de impudência, enredação e estupidez.

⁶ Esta é uma fórmula que Teofrasto continuará a usar nos sucessivos *Caracteres*, a introduzir o retrato de cada um dos tipos. Diggle 2004: 168 reconhece-a como uma expressão de largo uso para este objectivo em, e. g.,

conversa com eles ...⁷. Na presença dos interessados, dirige elogios àqueles mesmos de quem acabou de dizer mal pelas costas; e se os vê na mó de baixo, manifesta-lhes solidariedade. Mostra compreensão com quem o difama e ri-se das críticas que lhe fazem. **3.** ...⁸, o dissimulado adopta um tom impassível. **4.** Se alguém insiste que tem urgência em lhe falar, manda-o voltar mais tarde; não admite nunca o que anda a tramar, diz sempre que ainda não tomou nenhuma decisão, finge que acaba de chegar, que já é muito tarde, que tem andado adoentado⁹. **5.** A quem lhe vem pedir dinheiro emprestado a juros ou uma contribuição ...¹⁰, que não tem nada à venda, e se não tem nada à venda, diz que tem. Ao que lhe chegou aos ouvidos finge não ter prestado atenção; o que viu diz não ter visto. Se concordou, diz que não se lembra. E ora afirma que vai reflectir sobre o assunto, ora que não sabe de nada, ou que foi apanhado de surpresa, ou que já em tempos ele próprio tinha chegado à mesma conclusão. **6.** Em suma, é um génio em¹¹ fraseado do tipo¹²: “não posso crer”, “não consigo entender”, “estou pasmado”, ...¹³; “não foi isso que

Platão (*Apologia* 31 a, *Crítias* 46b, *Crátilo* 395a) e Xenofonte (*História da Grécia* 6. 5. 7, *Ciropeia* 1. 2. 3, *Memoráveis* 2. 6. 37).

⁷ Texto de leitura duvidosa, que Diggle (2004) regista entre *cruces* como οὐ μισεῖν, talvez sugestivo de algo como “sem mostrar que os detesta”.

⁸ Texto de leitura duvidosa, que Diggle (2004) regista entre *cruces* como πρὸς τοὺς ἀδικουμένους καὶ ἀγανακτοῦντας, talvez “com a vítima de uma qualquer injustiça, que está furiosa”.

⁹ São estas desculpas evasivas para não se comprometer com quaisquer questões que lhe sejam postas.

¹⁰ São múltiplas as propostas de leitura para este passo; *vide* Diggle 2004:175.

¹¹ ‘É um génio em’, “é menino para”; cf. *Caracteres* XIX. 3, XXVI. 3.

¹² Estas observações atribuídas ao dissimulado implicam dois níveis de objectivos. As três primeiras são genéricas, sem um alvo definido; as restantes parecem, pelo contrário, pressupor um interlocutor concreto, cuja conversa vão pontuando.

¹³ Texto de leitura duvidosa, que Diggle (2004) regista entre *cruces* como λέγει ἑαυτὸν ἕτερον γεγονέναι, talvez ‘diz que ele próprio se deve ter passado’. Pode tratar-se de mais um dos comentários citados.

me chegou aos ouvidos”, “até parece mentira”, “vai contar essa a outro”, “nem sei se hei-de duvidar do que me dizes, se pensar mal do sujeito”, “vê lá se não estarás a ser anjinho”.

7. É este o género de paleio, de enredos, de insistências, que o dissimulado inventa. Com gente retorcida e falsa como esta, é preciso ter mais cuidado do que com as víboras.

II

O BAJULADOR¹⁴

A bajulice define-se como uma colagem degradante, mas lucrativa para o adulator. **2.** Eis o perfil do bajulador. Durante um passeio, diz ao parceiro que acompanha: “Estás a reparar como toda a gente põe os olhos em ti? É coisa de que, na cidade, ninguém se pode gabar senão tu”; e “Ontem, lá no Pórtico¹⁵, passaram-te um elogio em forma” – estavam para cima de trinta pessoas por ali sentadas; e quando se pôs a questão de saber quem era o tipo mais distinto da cidade, foi ao nome dele que todos chegaram, a começar pelo próprio adulator. **3.** E, com outras tiradas do mesmo estilo, arranca-lhe um borboto¹⁶ do casaco,

¹⁴ Aristóteles estabelece um contraste entre o bajulador e o complacente (cf. *Caracteres* V). Assim a *Ética a Nicómaco* 1108a 26-29: “Dos que se esforçam por ser amáveis (...) aquele que exagera sem nenhum objectivo é o complacente; aquele que o faz na mira de obter qualquer vantagem é o bajulador”. Cf. ainda 1127a 6-11. Teofrasto, por sua vez, faz entre os dois tipos – o bajulador e o complacente – um outro contraste; o primeiro fixa-se numa única vítima, o complacente multiplica-se em atenções, procurando agradar a todos. A popularidade do *kolax* reflecte-se em toda a história da comédia; já Epicarmo, no séc. VI a. C., alude a uma figura deste tipo (cf. Ateneu 6. 235f); Êupolis e, mais tarde, Menandro compuseram cada um uma comédia com esse título. Teofrasto prestou também uma atenção particular a este tipo humano, o que justificou a elaboração de um tratado Περὶ Κολακείας (Ateneu 6. 254d).

¹⁵ Os pórticos, espaços cobertos e limitados por uma colunata, eram, nas cidades gregas, lugares de encontro e discussão política e cultural. Situavam-se perto dos locais naturalmente vocacionados para a reunião de pessoas – templos, teatros, áreas comerciais -, a quem ofereciam comodidade e protecção das condições climatéricas. Em Atenas, o pórtico mais famoso era a *stoa poikile*, “o pórtico pintado”, descrito com alguma minúcia por Pausânias (1. 15). Mas, além deste, havia também a *stoa basíleios*, “o pórtico real” (cf. Platão, *Teages* 121a), e a *stoa* de Zeus Eleutherios (cf. Platão, *Éutifron* 2a).

¹⁶ Este é um gesto considerado típico do adulator (cf. *Suda*, s.v. κροκύδας ἀφαιρεῖν; Hesíquio, s. v. κροκυλεγμός).

ou tira-lhe dos cabelos qualquer palhita que o vento lá tenha deixado. E a sorrir, vai dizendo: “Estás a ver? Há só dois dias que te não vejo, e a quantidade de brancas que te apareceram na barba. Se bem que se diga que, para a tua idade, tens uma barba bem preta”¹⁷. **4.** Se o parceiro abre a boca para falar, o bajulador manda calar toda a gente; e, entretanto, vai-lhe fazendo elogios, de modo a que ele os ouça; se o sujeito faz uma pausa, ele vá de aprovar: “Bravo, muito bem!” O tipo diz uma piada insossa, ele desata às gargalhadas, a tapar a boca com o casaco como se não pudesse conter o riso. **5.** A quem quer que se lhes apresente pela frente, manda parar, para dar passagem a Sua Excelência. **6.** Compra maçãs e peras para levar às crianças e dá-lhas diante do pai¹⁸; a distribuir beijos à garotada, vai comentando: “Quem sai aos seus não degenera!”¹⁹. **7.** Se encontra o fulano a comprar uns sapatos à Ifícrites²⁰, afirma que ele tem um pé muito mais bem proporcionado do que o sapato. **8.** Se o sujeito vai de visita a um amigo, o bajulador corre à frente a anunciar: “Fulano vem aí!”; depois, volta atrás a dizer: “Já fui prevenir”. **9.** E naturalmente também não se importa de andar pelas lojas das mulheres a fazer compras, sem sequer tomar fôlego²¹. **10.** É

¹⁷ Cf. Aristófanes, *Cavaleiros* 908.

¹⁸ O elogio das crianças para agradar ao pai é também uma prática do complacente (cf. *Caracteres* V. 5).

¹⁹ Literalmente: “De um bom pai bons filhotes”. Cf. Aristófanes, *Aves* 767, τοῦ πατρὸς νεόττιον, algo como ‘tal pai, tal filho’, que poderia ser a fórmula proverbial que o bajulador retoca com um adjetivo elogioso.

²⁰ Tipo de sapato particular, que recebeu o nome do general Ifícrites (séc. IV a. C.), que era filho de um sapateiro. Trata-se de um calçado próprio para uso militar. Cf. Diodoro Sículo 15. 44. 4; *Suda* e Hesíquio, s. v. Ἰφικρατίδες.

²¹ No sector do mercado designado por γυναικεία ἀγορά encontravam-se à venda produtos de utilização feminina e doméstica, ou escravas (cf. Pólux, *Onomásticon* 10. 18; *Caracteres* XXII. 10). Aí as compras eram normalmente feitas por escravos e parece inconveniente que um homem livre se ocupasse de tais ninharias, misturando-se com a multidão dos servos. Diggle 2004: 193 considera esta observação descontextualizada no

o primeiro dos convivas a gabar o vinho e a dizer ao anfitrião, seu vizinho de mesa: “Que serviço requintado!”. Depois deita mão a qualquer coisa que esteja na mesa e elogia: “E isto aqui?! Petisco de primeira!”. Criva o tipo de perguntas: se tem frio, se quer vestir alguma coisa, e, meu dito, meu feito, já lhe pôs um agasalho pelas costas. Ao mesmo tempo, pendura-se-lhe ao ouvido a bichanar segredos; mesmo enquanto fala com o resto do grupo, não lhe tira os olhos de cima. **11.** No teatro, saca as almofadas da mão do escravo e coloca-lhas ele mesmo. **12.** Elogia-lhe a arquitectura da casa, o viço dos campos, a fidelidade de um retrato²². **13.** Em resumo, o bajulador pode ver-se a dizer e a fazer sempre todo o possível para cativar as boas graças.

conjunto, por não deixar claro em que medida este empenho no mercado das mulheres beneficia aquele a quem o bajulador quer servir. Talvez algum bloco de texto se tenha perdido que esclarecesse esse propósito.

²² A partir do testemunho de Xenofonte (*Memoráveis* 3. 8. 8-10) está comprovado o empenho progressivo, que se faz sentir a partir já do séc. V a. C. em Atenas, no embelezamento das casas particulares. No séc. IV, essa preocupação tinha-se tornado excessiva e merecedora de reparos (cf. Demóstenes, *Olínticas* 3. 25-29). Por seu lado, a arte do retrato torna-se típica dos interesses do séc. IV, em que artes plásticas, filosofia e teatro se acompanham numa mesma tendência individualista. A ter em conta a preocupação da arte grega na procura da beleza ideal, pode avaliar-se a subtilidade do piropo.

III

O TAGARELA²³

Tagarelíce é a narrativa dos discursos imensos e sem nexos. **2.** Eis o perfil do tagarela. Senta-se ao lado de um fulano que não conhece de parte nenhuma e começa por lhe fazer o elogio da mulher²⁴; depois conta-lhe o sonho que teve na noite anterior; por fim, desfia-lhe, tim-tim por tim-tim, o que comeu ao jantar. **3.** Animado com o resultado, diz-lhe que a gente de hoje em dia é uma cambada de patifes se comparada com o que era dantes; que o grão, na praça, está pelo preço da chuva²⁵; que há estrangeiros por tudo quanto é sítio; que o mar, das Dionísias para cá²⁶,

²³ O que à partida distingue o tagarela do parlapatão (*Caracteres* VII) é a característica falta de nexos do seu discurso. O parlapatão é movido pelo desejo de se autopromover, tem alguma ambição, sabe o que diz e com que finalidade. Pelo contrário o discurso do tagarela é, no retrato de Teofrasto, inteiramente caótico e saltitante, tendo por único motivo uma necessidade biológica de falar. Ἄδολεσχία aparece nas *Nuvens* de Aristófanes (1480, 1485) referida à leviandade de Estrepsíades, que abandonou os deuses tradicionais levado pela ‘parlapaticé’ de Sócrates; esta é, portanto, uma censura dirigida ao discurso oco de tipo filosófico ou sofístico. Aristóteles, *Retórica* 1390a 9-11 considera a ἄδολεσχία própria de velhos, com tendência para falar do passado; e mais adiante, em *Retórica* 1395b 26 sq., define-a também como a arte de um discurso sem sentido, porque se limita a afirmar a própria evidência. Diggle 2004: 199 sublinha algum desajuste entre a definição de ἄδολεσχία e as situações que a exemplificam. Tirando o elogio da mulher e o sonho da noite passada, a exigirem narrativas mais longas, os restantes temas de conversa não pecam tanto pela extensão, mas pela trivialidade.

²⁴ O uso de um vocabulário ordenador da narrativa – πρῶτον μὲν ... εἶτα ... εἶθ'... εἶτα δὴ “começa por ..., depois ..., por fim ...” – com uma insistência flagrante, marca a cadência ininterrupta e fastidiosa do discurso do tagarela. Primeiro centrado no seu pequeno universo pessoal e doméstico – as prendas da mulher, o sonho que teve, o que comeu ao jantar -, daí salta para trivialidades sem nexos e sem articulação.

²⁵ É, sem dúvida, estranho que, em vez de se queixar da carestia, faça assunto com os preços reduzidos.

²⁶ Dos festivais que Atenas dedicava a Dioniso – Dionísias Rurais, Antestérias, Leneias e Dionísias Urbanas (Grandes Dionísias ou simplesmente

tem estado navegável; que se Zeus mandasse mais chuva, fazia muito bem à terra; qual o campo que tenciona cultivar no ano seguinte; que a vida está pelas ruas da amargura; que Damipo, nos Mistérios, empunhava uma tocha enorme²⁷; quantas são as colunas do Odeón²⁸; “ontem fartei-me de vomitar” e “quantos são hoje?”, “Que os Mistérios são em Setembro, as Apatúrias²⁹

Dionísias) -, este último era o que revestia maior dimensão. A este facto não era alheia a própria época em que decorria, Março / Abril, quando o tempo se tornava mais ameno, de forma a permitir uma navegação segura. A menção das Dionísias no curso de pensamento do tagarela vem na sequência da reflexão sobre a abundância de estrangeiros na cidade, que de facto se acumulavam nesta altura, ou como simples turistas, ou no desempenho de qualquer missão oficial. Sobre o assunto *vide* A. W. Pickard-Cambridge (1968), *The dramatic festivals of Athens*, 2ª ed. revised by J. Gould and D. L. Lewis, Oxford: 57-59.

²⁷ Os Mistérios de Elêusis eram celebrados com maior pompa em Setembro e dessa festa principal fazia parte uma procissão à luz das velas, entre Atenas e Elêusis, destinada a trazer a esta cidade os objectos sagrados do culto, que, após a festa, eram reconduzidos ao santuário de Deméter. Naturalmente, podia tornar-se motivo de mexerico o tamanho da tocha que casa um exíbia, necessária ao acompanhamento do desfile. Cf. Aristófanes, *Rãs* 340-353. Sobre as celebrações dos Mistérios de Elêusis neste momento solene, *vide* G. E. Mylonas (1961), *Eleusis and the Eleusinian Mysteries*, Princeton: 243-285.

²⁸ O odeón era um tipo de edifício coberto destinado a sessões musicais. Atenas dispunha de vários. Este, caracterizado por diversas colunas, deveria ser o construído na encosta sudeste da Acrópole, ao lado do teatro de Dioniso, por Péricles, c. 440 a. C., com o seu formato pontiagudo ao centro e de plano radial, a lembrar uma tenda persa. Plutarco (*Péricles* 13) recorda-lhe o grande número de lugares e de colunas.

²⁹ As Apatúrias eram um festival anualmente realizado em honra de Zeus Frátrio e de Atena Frátria, pelos membros das fraternias, uma espécie de confrarias que tomavam a seu cargo determinados cultos. Num dos dias do festival, as fraternias admitiam a inclusão de novos elementos, que eram os filhos dos cidadãos (cf. *infra* XXX. 16 e respectiva nota). As Dionísias Rurais tinham um carácter mais local; realizavam-se no mês de Dezembro, nos *demos*, em celebração de Dioniso como deus da fertilidade dos campos e da prosperidade dos lares. O testemunho mais completo que temos desta cerimónia é o de *Acarnenses* de Aristófanes (241-279), onde Diceópolis, com toda a família, celebra a paz recém-recuperada, que promete viço e fartura. O acto principal é um cortejo, com as oferendas à frente levadas pela canéfora, logo o falo empunhado por um servo, enquanto se entoam

em Outubro e, em Dezembro, as Dionísias Rurais”. E se o aturam, nunca mais despega.

4. De tipos desta força é preciso fugir a sete pés e passar de largo a todo o pano, se se quiser evitar uma seca. É obra aguentar um parceiro que não sabe distinguir o que é ter tempo livre ou estar ocupado.

hinos a Fales, companheiro do deus. Estes cortejos, ou κῶμοι, sempre aliados à ideia de folia, vinho e gracejos pesados, andam profundamente associados à origem da comédia. Sobre a questão, *vide* A. W. Pickard-Cambridge 1968: 42-46.

IV O PAROLO³⁰

A parolice é uma espécie de desconhecimento das conveniências. **2.** Eis o perfil do parolo. É tipo para emborcar umas sopas de cavalo cansado³¹ antes de sair de casa para a assembleia, e para se pôr a argumentar que não há perfume mais agradável do que o do tomilho. Usa uns sapatos grandes demais para o pé³². Fala alto e bom som. **3.** Desconfia de amigos e parentes e, em contrapartida, é à criadagem que vai confidenciar os assuntos de maior importância. De regresso da assembleia, vem contar aos assalariados que lhe trabalham os campos tudo o que lá se passou. **4.** Ao sentar-se, puxa o manto acima dos joelhos, de modo que fica com as pernas à mostra. **5.** Na rua não há nada que o surpreenda ou o espante, mas se vê um boi, um burro, um bode, fica pasmado a olhar. **6.**

³⁰ O retrato que Teofrasto traça do parolo acentua-lhe sobretudo o desconhecimento das conveniências sociais, de acordo com um padrão cidadão. Mas a ignorância e a falta de agudeza de espírito costumam fazer também parte do perfil da personagem (cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1108a 25 sq.). Os próprios vocábulos envolvidos, ἄγροικος e ἄστεϊος, acentuam o contraste, que se teria tornado agudo desde o séc. V a. C., quando a guerra desestabilizou, por um lado, a segurança e fartura tradicionais da vida rústica (cf. o exemplo de Estrepsíades, *Nuvens* 43-52, 60-74) e, por outro, trouxe os rústicos para a cidade em busca de segurança, mas numa degradação total da qualidade de vida anterior (cf. ainda o desabafo de Diceópolis, *Acarnenses* 33-36). A Comédia Nova retoma a figura do boçal, reforça-lhe as linhas de rusticidade e falta de convívio com as novidades cidadãs, e faz dele um tipo popular central em várias comédias, por exemplo uma de Menandro e outra de Filémon. O próprio Cnémon, o misantropo protagonista do *Díscolo* de Menandro, não é isento de traços de ἄγροικία.

³¹ Este ‘mata-bicho’ ou ‘sopas de cavalo cansado’ era uma combinação de marca provinciana: vinho, mel, leite, queijo ralado, cereais e um aroma de tomilho (cf. *Iliada* 11. 624, 641, *Odisseia* 10. 234-235). Possivelmente entendida como uma fórmula de alto teor nutritivo e até terapêutico (cf. Aristófanes, *Paz* 712), garantia um hálito insuportável.

³² Cf. Aristófanes, *Cavaleiros* 316-318.

É menino para limpar a dispensa de qualquer coisa que se coma; ou para entornar um copo do genuíno³³. **7.** Faz a corte, às escondidas, à moça que fabrica o pão, e depois põe-se a ajudá-la a moer farinha, sem medir a quantidade que baste para a família inteira e para ele próprio³⁴. **8.** Enquanto come, vai dando, ao mesmo tempo, a razão ao gado. **9.** Se ouve bater, corre ele mesmo a abrir a porta³⁵; chama o cão, segura-o pelo focinho³⁶ e exclama: “Este aqui é o guarda da quinta e da casa”. **10.** Se recebe um pagamento, examina o dinheiro, devolve-o por lhe parecer pesado e acaba exigindo que lhe dêem outro³⁷. **11.** Se emprestou um arado, um cesto, uma foice, um saco, de noite não prega olho a matutar no assunto. **12.** Nos banhos públicos, põe-se a cantar. Traz os sapatos pregados com pregos. **13.** Dia em que desça à cidade, pergunta ao primeiro que lhe aparecer pela frente o preço das samarras e das conservas, e se naquele dia se faz a feira da lua nova³⁸; então vai

³³ Ou seja, de vinho sem mistura de água, uma combinação em geral praticada na Grécia. Cf. Ateneu 10. 423d. Tal como vai buscar o que comer directamente à dispensa, pode também beber do pipo, sem esperar que se faça a mistura do vinho com água.

³⁴ Isto é, a relação que esperava manter no maior segredo revela-a com essa ajuda despropositada, porque era à mulher que competia o acompanhamento das tarefas domésticas e o estabelecimento das rações necessárias à família.

³⁵ Antecipando-se ao habitual *pais*, o criado porteiro. Sobre o uso da porta, do porteiro e do visitante como matéria cômica, *vide* M. F. Silva (2007), “A porta na comédia de Aristófanes. Uma entrada para a utopia”. In: *Ensaio sobre Aristófanes*, Lisboa: 257-274.

³⁶ Para o impedir de ladrar ou morder.

³⁷ O estranho na recusa do dinheiro – “por lhe parecer pesado” (quando por isso mesmo o devia entender como mais confiável) – é a justificação.

³⁸ O dia da lua nova, ou seja o primeiro do mês lunar, era dia de feira em Atenas (cf. Aristófanes, *Cavaleiros* 43 sq., *Vespas* 169-171).

logo dizendo que, mal chegue, vai cortar o cabelo e, de caminho, se vai abastecer de conservas na loja do Árquias³⁹.

³⁹ As conservas eram um alimento barato e de recurso, que se opõe a um manjar de qualidade e bem preparado. Cf. as ementas que Diceópolis, o feliz-zardo, prepara para a festa dos Cângios, ao mesmo tempo que Lâmaco embala conservas para uma ração de combate (Aristófanes, *Acarnenses* 1099-1101).

V

O COMPLACENTE⁴⁰

A complacência é, se quisermos defini-la, uma forma de abordagem arquitectada para agradar, mas não no sentido mais positivo. **2.** Eis o perfil – decididamente – do complacente. Vê um tipo ao longe e vá de cumprimentá-lo, a tratá-lo por “vossa excelência”; com reverências e mais reverências, dá-lhe um grande abraço e, sem o largar, acompanha-o por algum tempo, pergunta-lhe quando o voltará a ver, e só então, depois de mais alguns piropos, se vai embora. **3.** Se o chamam para arbitrar uma questão⁴¹, esforça-se por ser simpático não só à parte que apoia, mas também à contrária, para dar um ar de imparcialidade. **4.** Não se ensaia para dar razão à gente de fora em prejuízo dos da terra. **5.** Se o convidam para um jantar, pede ao anfitrião que mande vir para a mesa também os filhos⁴²; e, à medida que vão chegando, começa a dizer que se parecem com o

⁴⁰ Sobre o complacente e a sua relação com o bajulador, *vide supra* II n. 14. Jebb and Sandys ²1909: 42 sq., chamam a atenção, assumindo uma posição contrária à de Aristóteles (*Ética a Nicómaco* 1108a 26-30, 1127a 6-10) sobre a condescendência como inteiramente desinteressada, para um objectivo egoísta que, em Teofrasto, move o complacente: o desejo de ser agradável para obter popularidade ou influência. Logo, sem propriamente desejar vantagens materiais imediatas, o complacente pretende manter um relacionamento afável, e talvez proveitoso, com um círculo o mais alargado possível. Para Diggle 2004: 222 fá-lo “por desejo de popularidade”. Complacente e bajulador são o oposto do auto-convencido (*Character* XV).

⁴¹ A arbitragem de uma questão era um processo de exercer justiça sem recorrer propriamente a um julgamento formal. O árbitro poderia ser nomeado a título oficial ou privado, da escolha das partes interessadas. Neste último caso, cada uma das partes designava o seu representante, a que se juntaria um terceiro interveniente com função de árbitro supremo. Mais conciliadores do que juizes, a decisão desses árbitros era geralmente definitiva. *A arbitragem (Epitepontes)* é o motivo central da comédia de Menandro a que dá título. Cf. D. M. MacDowell (1978), *Law in Classical Athens*, London: 203-206.

⁴² As mulheres e as crianças não participavam, geralmente, nas refeições em conjunto com os homens. As únicas presenças femininas eram as das flautistas, bailarinas e cortesãs.

pai que nem duas gotas de água⁴³. Puxa as crianças para si, dá-lhes beijos, senta-as ao seu lado. Põe-se a brincar com umas e a bradar: “Odre! Machado!”⁴⁴; a outras, deixa-as adormecer-lhe em cima do estômago, até se sentir sufocado.

6.⁴⁵ Corta o cabelo vezes sem conta, traz os dentes brancos como a neve; deixa os fatos ainda em bom estado; besunta-se de creme. 7. Na ágora, são os bancos que ele frequenta⁴⁶. Quanto aos ginásios, é naqueles onde se exercita a rapaziada nova que ele queima o tempo. No teatro, quando há representação, senta-se ao lado dos generais⁴⁷. 8. Para si próprio não compra seja o que for, mas para os amigos de

⁴³ A tradução literal é: “que se parecem com o pai como dois figos”. Cf., e. g., o mesmo provérbio em Herondas 6. 60: “nem um figo se pareceria assim com um figo”.

⁴⁴ As palavras “Odre! Machado!” fazem parte da brincadeira, que nos é desconhecida. *Apud* Vilaro 1989: 37, sugere-se uma hipótese que não deixa de ser curiosa e que assenta no uso, ainda moderno, entre os Lacónios de darem a “odre” e “machado” o sentido metafórico de “leve” e “pesado”. A brincadeira consistiria então em levantar no ar a criança, “leve!”, e deixá-la cair, fingindo não aguentar o peso, “pesada!”. Mas, naturalmente, à falta de testemunhos antigos, esta sugestão não passa de mera hipótese. Diggle 2004: 230-231 regista e discute as múltiplas interpretações de que esta referência foi objecto.

⁴⁵ O desenvolvimento que se segue, de acordo com os manuscritos, parece conciliar-se mal com a personalidade do complacente. As diversas atitudes aqui enumeradas correspondem melhor a um exibicionista, a alguém preocupado com o próprio aspecto e com as relações que estabelece. Diggle 2004: 222 aproxima esta personagem de dois tipos definidos por Aristóteles: o βάνυσος, exibicionista dos bens que possui (*Ética a Nicómaco* 1123a 19-27) e o χαῦνος, o tipo superficial, que tem atitudes e trajos ostensivos, com o objectivo de dar nas vistas (1125a 27-32). Sobre esta polémica, *vide* Altamura 1985: 431-433; Diggle 2004: 222-223.

⁴⁶ Esta preferência por um lugar público de muita frequência permitia-lhe também misturar-se com aqueles que ali iam tratar dos seus negócios e fazer-se passar por homem rico.

⁴⁷ No teatro havia lugares reservados para entidades oficiais (cf. Aristófanes, *Paz* 882-908, *Aves* 794; Pólux 4. 122). Sobre os lugares de honra no teatro, cf. M. Bieber (1961), *The history of Greek and Roman theatre*, Oxford: 70 sq.

fora são encomendas para Bizâncio, cães da Lacónia⁴⁸ para Cízico⁴⁹, mel do Himeto⁵⁰ para Rodes, e, sobre estas diligências, mantém a cidade inteira ao corrente. **9.** É sujeito para criar em casa um macaco, ou para comprar um chimpanzé⁵¹, pombos da Sicília⁵², dados de osso de gazela⁵³, léцитos de Túrios⁵⁴, dos bojudos, bengalas da Lacónia⁵⁵, das recurvas, um reposteiro com motivos persas, ou uma palestrazinha⁵⁶ em ponto pequeno, com ringue de boxe, campo de jogos e tudo. **10.** E corre a cidade de ponta a ponta a oferecê-la a sofistas, a mestres de armas, a músicos, para as suas exibições. A essas sessões ele tem o cuidado de chegar tarde, quando já todos estão sentados, para os espectadores cochicharem uns para os outros que “aquele é que é o proprietário do ginásio”.

⁴⁸ A fama da qualidade dos cães da Lacónia é testemunhada por um eco de vozes em unísono: cf. Píndaro, frs. 106, 107a Snell; Sófocles, *Ájax* 8, que os louvam como caçadores; Aristóteles, *História dos animais* 608a 25, considera-os arraçados de raposa; e o seu louvor ecoa ainda em Virgílio, *Geórgicas* 3. 405; Horácio, *Epodo* 6. 5.

⁴⁹ Cidade da Propóntide, junto ao actual mar da Mármara. Pela sua posição estratégica, na rota que ligava o mar Negro ao Egeu, Cízico teve um grande desenvolvimento como empório comercial e, por isso, competiu com Bizâncio.

⁵⁰ Sobre a qualidade deste mel, um produto característico da Ática, *vide, e. g.*, Aristófanes, *Pax* 252, *Tesmofórias* 1192.

⁵¹ São diversas as opiniões sobre o animal designado por τίτυρος. Parece, de acordo com informações de escoliastas, que Teofrasto se refere a um tipo de macaco sem cauda (cf. Liddell-Scott, s. v.; F. Montanari (1995), *Vocabolario della Lingua Greca*, Turim, s. v.); mas o mesmo nome designaria também uma cabra (cf. *schol.* Teócrito 3. 2), ou uma ave (Hesíquio, s. v.).

⁵² Cf. Ateneu 9. 395b, que testemunha os elogios feitos aos pombos da Sicília.

⁵³ Os astrágalos comuns eram de osso de cabra. Desde sempre os Gregos apreciaram estes jogos; cf. *Iliada* 23. 88; Platão, *Lísis* 206e.

⁵⁴ Cidade da Magna Grécia, hoje Sibari.

⁵⁵ Usar bengala era, para os Atenenses, um costume importado da Lacónia. Mais do que a utilidade, valorizava-se um certo snobismo ou afectação de costumes espartanos. Cf. Aristófanes, *Mulheres na assembleia* 74; Plutarco, *Nicias* 19. 4, a respeito da bengala lacónia como acessório indispensável do traje masculino e da tendência dos Atenenses para aderirem aos costumes espartanos.

⁵⁶ Enquanto o ginásio era normalmente um espaço de utilidade pública, a palestra era muitas vezes privada.

VI

O IMPUDENTE⁵⁷

A impudência é a tolerância para com actos ou palavras condenáveis. **2.** Eis o perfil do impudente. Faz juramentos a torto e a direito; reputação, da pior; para a difamação de gente importante, sempre pronto. Quanto à maneira de ser, um tipo vulgar, sem compostura, pau para toda a colher. **3.** Não se ensaia nada para dançar o córdax⁵⁸, mesmo sóbrio <e com máscara, na representação de uma comédia>⁵⁹. **4.** Nos espectáculos de feira⁶⁰, é ele que vai, de espectador em espectador, recolher o

⁵⁷ O impudente é o sujeito “desmiolado” (ἀπόνους, “o estar fora do seu juízo perfeito”), que, levado a um extremo, sente que não tem mais nada a perder e age de forma aberrante dentro das convenções habituais. Logo coloca-se numa situação de marginalidade face à família e à comunidade social a que pertence, que tendem a censurar-lhe as atitudes desadequadas. Este é um tipo humano sem correspondência em Aristóteles; mas os oradores referem-se-lhe; cf., e. g., Demóstenes 18. 249, 25. 32, 34.

⁵⁸ O córdax é uma dança desde sempre ligada à comédia (cf. Ateneu 14. 630e), pelas atitudes de exagero obsceno que lhe são próprias. Já na farsa dórica, desde o séc. VII a. C., está documentada a existência do córdax, o que leva Aristófanes (*Nuvens* 540) a repudiá-lo como um processo popular e desgastado de provocar o riso, a excluir de uma comédia que se deseja estética e literariamente reformulada. Trata-se de uma dança associada à embriaguez e de tipo lascivo, descrita pelo *schol.* *Nuvens* 540 de forma sóbria, mas expressiva: αἰσχρῶς περιδινοῦσα τὴν ὀσφῦν (cf. Aristófanes, *Nuvens* 555). Ligada à executante feminina, a dança consiste “num meneio indecente das ancas”. Também significativa do ambiente e dos efeitos do córdax é a descrição feita num fragmento de Mnesímaco (fr. 4. 18-19 Kassel-Austin): Πρόποσις χωρεῖ, λέπεται κόρδαξ, / ἀκολασταίνει νοῦς μειρακίων. “Seguem-se os brindes, arranca o córdax, a rapaziada perde a cabeça.” Teofrasto parece acentuar o excesso que representa exibir-se *a frio*, sem o calor inebriante do vinho, nos requebros do córdax (cf. *Caracteres* XII. 14).

⁵⁹ Diggle 2004: 253 põe em dúvida a autenticidade deste texto, por o considerar inconciliável, em sentido e em sintaxe, com o contexto em que se encontra.

⁶⁰ Algumas referências provam a natural popularidade desses espectáculos, de natureza variada (saltimbancos, marionetes, números de circo; cf. XXVII. 7); cf. Platão, *República* 514d. Ateneu (1. 19 d-e) testemunha

dinheiro, e que discute com os que apresentam livre-trânsito⁶¹ e se julgam com direito de assistir à exibição de borla. **5.** Vira-se bem como estalajadeiro, chulo e cobrador de impostos⁶²; não há actividade, por mais indecorosa que seja, que ele recuse; ei-lo pregoeiro, magarefe ou jogador de dados⁶³. **6.** A mãe, mata-a à fome⁶⁴. Vai preso por roubo, passa mais tempo na prisão do que

como, por vezes, estas exhibições eram feitas nos teatros. Os quadros propostos eram também rotineiros: lançar fogo pela boca (Ateneu 4. 129d), engolir facas (Plutarco, *Licurgo* 19. 2), atirar bolas de um copo para outro, ou fazê-las brotar do nariz ou ouvidos de um espectador (Alcífron 3. 20).

⁶¹ Neste caso importa que τὸ σύμβολον não signifique apenas “bilhete, senha de entrada”, mas “convite ou livre-trânsito”, para satisfazer o sentido do texto. Sobre as entradas para o teatro, *vide* Bieber 1961: 71. Cf. ainda XXX. 6 e respectiva nota.

⁶² A fama de que gozavam os estalajadeiros, donos de espeluncas fartas em pulgas (cf. Aristófanes, *Rãs* 113-114), prontas a servir de bordéis, exemplos de especulação (cf. Platão, *Leis* 918d), afastava as pessoas decentes, que procuravam alugar-se em casas particulares de amigos e hospedeiros. Por sua vez os cobradores de impostos não eram também bem vistos, por não ser simpática a sua missão, mas sobretudo porque eram muitas vezes corruptos (cf. Aristófanes, *Cavaleiros* 248; Andócides, *Acerca dos Mistérios* 133).

⁶³ O arauto, despojado da dignidade que tinha na épica (cf., *e. g.*, *Iliada* 1. 334, onde é apodado de “mensageiro de Zeus e dos homens”) e na tragédia (cf., *e. g.*, Taltíbio em *Troianas* ou *Hécuba*), é agora mais o pregoeiro, que se ouve na assembleia, no tribunal ou na ágora, mas que perdeu todo o prestígio social. Por seu lado, o magarefe, que se impõe como presença frequente na Comédia Nova, presta-se ao ridículo pela desproporção entre a modéstia da função que exerce e a convicção exagerada que tem dos seus méritos. Pertence assim ao tipo do fanfarrão cómico. Vemo-lo ainda (cf. Menandro, *Discolo* 487-521, por exemplo), quando contratado para preparar um banquete, a pedinchar alguns apetrechos ou condimentos necessários a um vizinho, e a levar uma corrida feroz, que o deixa ferido nos seus brios. O jogo dos dados sempre foi muito popular em Atenas, mas responsável pela ruína de muita gente (cf. Aristófanes, *Vespas* 75, *Mulheres na assembleia* 672, *Pluto* 243; Ésquines, *Contra Timarco* 1. 75, 95; Lísias, *Contra Alcibiades* 14. 27). O título de Κυβεῖται, *Jogadores de dados*, designou diversas produções da Comédia Nova - de Antífanos, Eubulo, Alexis -, o que mostra o interesse despertado por esta figura.

⁶⁴ Fugir ao dever de sustentar os pais na velhice merecia não só a censura pública, como até uma penalização legal (cf. Ésquines, *Contra Timarco* 1. 28; Iseu 8. 32; Diógenes Laércio 1. 55).

em casa. **7.** É daquele tipo de fulanos que atraem e juntam à sua volta multidões; e que, com voz de trovão, começam a disparatar e a interpelá-las. Entretanto, uns aproximam-se, outros passam de largo sem lhe dar ouvidos, e assim uns apanham o princípio, outros nem uma sílaba, outros um pedaço qualquer da história. Não arranja nada melhor para alardear a sua impudência do que um dia de festa. **8.** É perito em processos, ora como defesa, ora como acusação, ora escusando-se sob juramento⁶⁵, ora comparecendo com uma pasta de processos no bolso e uma data de documentos na mão. **9.** Não se lhe dá armar-se em patrono dos vendedores da praça; mas logo ali empresta-lhes dinheiro a um juro diário de três semióbolos por dracma⁶⁶. Faz a ronda aos talhos, às peixarias, às mercearias, e os juros que lhes cobra dos ganhos mete-os para a boca⁶⁷.

10. São enfadonhos estes sujeitos, de língua sempre pronta para a maledicência, e que falam numa altura tal que atroam o mercado e as lojas.

⁶⁵ Ou seja, pretextando, sob juramento, ignorância dos factos ou qualquer motivo pessoal para justificar a ausência. Cf. MacDowell 1978: 208.

⁶⁶ Ou seja, a um juro de 25%, dado que o óbolo era a sexta parte da dracma. O juro corrente parece ter sido uma dracma por mina e por mês, isto é, 12%. Mas como a lei não estabelecia uma tabela clara, o processo expunha-se a todo o tipo de abusos e especulações.

⁶⁷ Sobre o hábito de guardar moedas na boca, cf. Aristófanis, *Vespas* 609, 791 sq., *Aves* 503, *Mulheres na assembleia* 818.

VII

O PARLATATÃO⁶⁸

A parlatatice, se se lhe quiser encontrar uma definição, é uma espécie de incontinência do discurso. **2.** Eis o perfil do parlatatão. Seja o que for que lhe diga alguém que o encontra por acaso, ele salta logo a reclamar que não é nada disso, que ele é quem está bem por dentro do assunto, e que, se se lhe quiser prestar atenção, se ficará ao corrente do que aconteceu. **3.** Enquanto se lhe dá uma resposta, são a cada passo interrupções: “Não te esqueças do que ias a dizer!”, “Ainda bem que mo recordas!”, “Não há nada como trocar impressões!”, “Essa escapou-me”, “Topaste logo com o que se trata”, “Estava a ver se chegavas à mesma conclusão que eu”; e vá de meter outras galgas do mesmo estilo, que nem deixam o interlocutor ganhar fôlego para a estocada seguinte. **4.** Depois de desconcertar as suas vítimas em separado, é tipo para passar ao ataque por junto, de modo a pôr em fuga quem estava nas suas ocupações. **5.** Invade escolas e palestras e impede as crianças de terem as suas aulas, <tal a conversata que arma com treinadores e mestres>. **6.** Se alguém lhe diz que são horas de ir andando, ele vai atrás e acompanha o sujeito até à porta de casa. **7.** A quem quer saber o que se passou na assembleia, ele trata de fazer o relato; e são histórias da disputa que

⁶⁸ Λαλιά e o respectivo verbo λαλεῖν são, em grego, onomatopeias sugestivas do efeito de um desarrazoado verbal que soa a um ininterrupto e ininteligível la-la-la. Portanto, trata-se de um discurso cujo sentido mal se apreende, por trás do caudal de palavras. Este tipo de prolixidade aparece, na comédia antiga, como pecha dos sofistas ou de Eurípidas, irmanados numa mesma sedução pelo poder do discurso; cf. Aristófanes, *Nuvens* 931, *Rãs* 91, 815, 916 sq., 954, 1069. Mas este fala-barato, como o define Teofrasto, é também um gabarola, que, no meio do caudal de palavras, faz a cada passo o seu auto-elogio. Em relação ao tagarela (*Character* III) e às diferenças que distinguem os dois tipos, *vide supra* III. 1 e nota respectiva.

houve no tempo do orador Aristofonte, e daquela outra entre os Lacedemónios no tempo de Lisandro⁶⁹, e dos discursos que ele próprio fez um dia e que lhe cativaram a simpatia popular. E pelo meio da conversa vai metendo umas frechadas contra as massas, até que às tantas quem o ouve lhe cai em cima, ou passa pelas brasas, ou o larga a meio do discurso e se põe a mexer. **8.** Se toma parte num julgamento, impede o júri de dar a sentença, no teatro não deixa ver, num banquete não deixa comer. **9.** E vem com o argumento “É-me difícil estar calado”, que tem a língua bem lubrificada, e que lhe seria impossível fechar a boca nem que tivesse de passar por mais tagarela que uma gralha. **10.** Aceita fazer de bobo até dos próprios filhos que, já ele cai de sono, vêm com pedidos do género: “Papá, palra lá um bocadinho para nós adormecermos!”⁷⁰.

⁶⁹ Diggle 2004: 271-273 reúne informação sobre a polémica gerada por estas duas alusões; prefere entender “disputa” (μάχη, “luta”) como um confronto verbal, uma vez que, em último lugar, é também aos seus sucessos oratórios que o parlapatão se refere. E propõe, no primeiro caso, que a referência seja à perseguição desencadeada por Aristofonte (356-355 a. C.) contra os generais Ifícrates, Menesteu e Timóteo, pelo seu fracasso na Guerra Social. E, no segundo, ao debate que se instalou (400 a. C.) entre Agesilau e Leotíquides que disputavam o trono de Esparta; a discussão recrudescer quando Agesilau se impôs com o apoio de Lisandro (cf. Xenofonte, *História da Grécia* 3. 3. 1-3).

⁷⁰ Ou seja, caminhamos para um fecho irónico: o parlapatão, que interrompe tudo e todos e impede seja quem for de levar a cabo o que pretende fazer, é ele mesmo vítima dos filhos que o impedem de dormir quando tem sono.

VIII

O ENREDADOR⁷¹

A enredação é uma invenção de palavras e factos falsos, que o enredador pretende ...⁷² **2.** Eis o perfil do enredador. Dá de caras com um amigo e logo ..., lhe pergunta com um sorriso: “De onde vens tu?”, “Tens alguma coisa para me dizer?”, “Como estás?”⁷³. E antes que o outro tenha tempo para um simples “Bem, obrigado!”, já ele avança: “Perguntas se corre por aí alguma novidade? Pois olha que há novidades, e das boas!”. **3.** E sem dar tempo ao outro de responder: “Que dizes? Não ouviste falar? Pois então acho que te vou regalar de informações inéditas”. **4.** Vai daí, ou foi a um soldado, ou a um escravo de Ástio, o flautista⁷⁴, ou a Lícon, o fornecedor, tudo gente acabada de chegar do

⁷¹ Esta é uma aceção pejorativa da palavra, que vem na sequência de um uso passado, que nada tinha de negativo. Λογοποιός como “aquele que escreve uma narrativa” é aplicado por Heródoto (2. 143. 1, 5. 36. 2) a Hecateu de Mileto, autor de relatos geográficos e históricos a que o autor de Halicarnasso recorreu como modelo. *Logographoi* aplicou-se mais tarde àqueles que compunham discursos, geralmente forenses, para serem pronunciados por outros em tribunal (é o caso de Lísias e de Demóstenes). Certamente foi a prática subtil usada em tribunal, onde a defesa de uma causa exigia adequação de argumentos, que levou ao entendimento pejorativo da palavra, aplicada àquele que “inventa histórias falsas”. Cf. Andócides 1. 54; Lísias 16. 11, 22. 14; Demóstenes 4. 49, 6. 14, 21. 198, onde λογοποιεῖν aparece frequentemente associado a ideias como ‘acusar, caluniar, mentir, disparatar’. A generalização do termo levou à noção de “enredador, intriguista” que tem em Teofrasto. Na verdade, o tipo como é descrito em *Caracteres* resulta no retrato de um sujeito irresponsável, que enreda o que ouviu dizer, que não avalia a importância das histórias que conta, nem tão pouco tem um objectivo claro, apenas tem um pendor para a invenção de histórias e enredos.

⁷² Falta texto, que alguns comentadores preenchem com algo equivalente a “pretende <tornar credíveis>”; cf. Diggle 2004: 277-278.

⁷³ Estas são simples perguntas de circunstância, que não contêm um real interesse ou simpatia pelo interlocutor. Porque o verdadeiro objectivo do enredador é torná-lo o destinatário das suas mexerices.

⁷⁴ Acrescentar nomes a estas fontes de informação é dar-lhes

campo de combate, que ele diz ter ouvido a notícia em primeira mão. **5.** Ou seja, a fonte das suas histórias é sempre um tipo que ninguém poderá contestar. **6.** E conta – como ouvido da boca deles – que Poliperconte e o rei ganharam uma batalha e que Cassandro foi aprisionado⁷⁵. **7.** E se alguém lhe contrapõe: “E tu acreditas nisso?” – ele garante que o caso corre de boca em boca pela cidade, que a história ganha cada vez mais força, que todas as versões são concordantes, que sobre o combate as vozes são unânimes. Que houve um perfeito mar de sangue. **8.** A cara dos políticos é, aliás, segundo ele, prova dos factos. Vê-se, em todos eles, os sinais da mudança. E afirma mesmo que ouviu dizer que as autoridades têm escondido, numa casa, chegado da Macedónia há cinco dias, um tipo que conhece todos os pormenores. **9.** E, pelo meio destes comentários, vai lançando exclamações patéticas, de forma convincente: “Pobre Cassandro! Triste sorte a dele! Estás a ver o que é o destino? <Duro como ele já foi!>” **10.** “Guarda só para ti o que sabes” – e vai, numa correria, contar a mesma história à cidade inteira.

credibilidade. A presença de flautistas entre o exército não era estranha; estavam incumbidos de estabelecer o ritmo da marcha das tropas (cf. Plutarco, *Licurgo* 21. 3), bem como era oportuna a sua presença nos rituais de sacrifício (cf. Aristófanis, *Paz* 952).

⁷⁵ O episódio aqui referido, que ocorreu em 319 a. C., tem a ver com a luta pela sucessão ao trono da Macedónia, depois da morte de Alexandre Magno em 323 a. C. Foi primeiro Filipe Arrideu, meio-irmão de Alexandre, a usar o título de rei, embora o governo fosse confiado a Antípatro na qualidade de regente. Por morte de Antípatro, a regência foi transferida para Poliperconte, um dos generais de Alexandre. Nesta altura, porém, Cassandro, filho de Antípatro, contesta esta substituição e declara ao rival uma guerra que havia de arrastar-se por uma dezena de anos. Nesta polémica, Atenas, então governada pelo partido oligárquico, estava mais ligada a Cassandro, e, por isso, a versão da história que o enredador narra marca uma sensacionalista desvantagem para a parte aliada de Atenas. Cf. F. W. Walbank, A. E. Astin, M. W. Fredericksen and R. M. Ogilvie (reimpr. 1989), *The Cambridge Ancient History. VII. 1. The Hellenistic World*, Cambridge: 23-61; Diggle 2004: 22-32.

11. Pasmos com gente desta; que objectivo poderão ter com estes enredos? O facto é que não se limitam a mentir, fazem-no sem daí esperarem qualquer vantagem. Muitas vezes mesmo, quando se formam, nas termas, grandes ajuntamentos à sua volta, ficam sem roupa; outros, enquanto no Pórtico⁷⁶ cantam vitórias em terra e no mar, são condenados à revelia em tribunal. Há-os que, em palavreado, tomam cidades de armas na mão e, entretanto, ficam sem jantar. Triste ocupação a desta gente! Qual é o pórtico, a oficina, ou o lugar do mercado onde não passem o dia, a arrasarem a paciência de quem os ouve? São um perfeito flagelo com as suas aldrabices.

⁷⁶ *Vide supra* II. 2 e nota respectiva.

IX

O DESCARADO⁷⁷

O descaramento é, se quisermos defini-lo, o desprezo pela opinião pública, com vista a benefícios mesquinhos. **2.** Eis o perfil do descarado. Para começar, se pregou um calote a alguém, volta lá e é a esse tipo mesmo que vai pedir dinheiro emprestado. **3.** Depois, ..., no dia em que faz sacrifícios aos deuses, arranja maneira de ir jantar a casa de alguém⁷⁸; as carnes põe-nas de conserva na salgadeira. Chama o criado que o acompanhou, tira da mesa um naco de carne e de pão, e diz, nas barbas de todos: “Regala-te, Tíbio⁷⁹. **4.** Se vai às compras, recorda ao carnicheiro algum favor que lhe tenha prestado; e à conta disso planta-se

⁷⁷ Cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1108a 31-35, 1128b 10 sqq., que se ocupa também da vergonha, “como o receio da desonra”, e do descaramento, “como a indiferença pela própria reputação”. Teofrasto acrescenta à definição de descaramento “com vista a obter vantagens”. O quadro traçado em *Caracteres* não acentua, no entanto, aspectos morais, mas regras de convivência. Um dos aspectos assinalados no perfil do descarado é a sovínice, que se encontra no mesquinho (X), no forreta (XXII) e no explorador (XXX). Dentro desta galeria, o descarado é pobre e mais atento a aproveitar qualquer coisa dos outros para poupar o que é seu.

⁷⁸ Naturalmente que se esperava que quem fazia sacrifícios em casa convidasse os amigos para uma festa de celebração. Cf. W. Burkert (1983), *Homo necans*, Berkeley: 6-7. Este descarado, por mesquinhez, escapa-se a esse dever, indo comer a casa de outrem nesse dia; e as carnes, não consumidas, guarda-as na salgadeira.

⁷⁹ Esta atitude toma-a, naturalmente, quando é hóspede na casa de alguém: aproveita para alimentar o criado que o acompanha por conta de outrem e, ainda por cima, o convida a participar num banquete onde um escravo não tinha assento. Ateneu 4. 128d atesta a presença destes servos atrás do seu senhor, durante o simpósio. E se o senhor lhes desse a provar qualquer alimento, espera-se que o faça com discrição, ou mesmo que o escravo guarde esse petisco para o comer mais tarde (cf. Marcial 2. 37, 3. 23, 7. 20). Tíbio é um nome de escravo frígio comum na comédia. Um *schol. Acarnenses* 243 enumera-o entre outros nomes igualmente vulgares para servos, Xântias, Sósia, Davo ou Geta. Menandro designa por Tíbio escravos no *Herói* (v. 2) e na *Mulher de Perinto* (v. 3), por exemplo.

junto da balança e atira-lhe para cima com um pedaço de carne ou, no mínimo, com um osso para temperar a sopa. Se o golpe resulta, encantado da vida. Se não, fila umas tripas de cima do balcão e desanda, a rir-se, ainda por cima. **5.** Se os hóspedes que tem em casa compraram bilhetes para o teatro, ele pespega-se lá sem os reembolsar da sua parte. E, no dia seguinte, leva também os filhos e o preceptor⁸⁰. **6.** Se alguém arranja uma pechincha, ele acha-se com direito a uma parte. **7.** Dirige-se à casa alheia, a pedir emprestada farinha ou palha, e ainda exige que quem lhas empresta lhas leve a casa. **8.** Nas termas, é menino para ir direito às caldeiras, mergulhar o jarro e, apesar dos protestos do funcionário, virar a água pela cabeça abaixo⁸¹. Fica então a gabar-se de que o banho já está tomado e, <à saída, ainda comenta>: “Não te devo nada pelo serviço”.

⁸⁰ Ou seja, certamente, quando os hóspedes compraram os bilhetes para os diversos dias do festival e o incluíram na compra, ele vai também sem lhes devolver a sua parte e, animado pelo sucesso do golpe, no dia seguinte leva mesmo os filhos e o preceptor.

⁸¹ Nas termas, o nosso homem dispensa os serviços do funcionário (cf. Aristófanes, *Aves* 491): serve-se ele mesmo de água e faz o seu próprio chuveiro. Assim não paga o que é devido pelo serviço.

X

O MESQUINHO⁸²

Mesquinhice é uma economia levada para além das marcas. **2.** Eis o perfil do mesquinho. A meio do mês, vai a casa de um devedor cobrar uns míseros cinco tostões⁸³. **3.** Num banquete deita contas a quantos copos cada um bebe e, entre todos os convivas, não há quem como ele rateie as oferendas a Ártemis⁸⁴. **4.** Trazem-lhe comida por uma pechincha e, quando se lhe apresenta a conta, ele queixa-se de que é muito caro. **5.** Se um criado lhe parte uma panela ou um prato, desconta-lhe na razão. **6.** Se a mulher deixa cair meio tostão, é menino para revirar a casa inteira, para desencostar camas e arcas e para remexer até no lixo. **7.** Põe qualquer coisa à venda e pede um preço tal que quem compra fica sempre a perder. **8.** Não permite que se colha figos do seu pomar, nem que se atravesse as

⁸² Ο μικρολόγος é, etimologicamente, o “miudinho”, aquele que presta atenção e faz contas a coisas pequenas; tem, portanto, um lado de avareza na sua personalidade. Sobre a falta de maleabilidade no que respeita ao dinheiro, Aristóteles (*Ética a Nicómaco* 1121a 10-15) divide os comportamentos humanos em dois estilos: “os que exageram no receber e os que se excedem no não dar”; os primeiros são os αἰσχροκερδεῖς e os segundos os φειδωλοί, γλίσχροι, κίμβικες (Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1121b 22). É sobretudo nesta dicotomia que o mesquinho e o avarento divergem, o primeiro muito apertado no dar e o segundo sobretudo preocupado em receber e acumular. Logo o mesquinho ensaia, de certa forma, um comportamento regular para com os outros, apenas se excede no grau das restrições que impõe. Alguns traços associam-no com o descarado (IX).

⁸³ As dívidas tinham, em Atenas, uma época própria para serem cobradas, o final do mês (cf. Aristófanes, *Nuvens* 17, 754-756). O mesquinho não apenas se antecipa, como se dá ao trabalho de procurar o devedor para lhe exigir uma soma ridícula.

⁸⁴ Por se tratar de uma refeição em que as despesas foram partilhadas ou suportadas por ele, o mesquinho faz contas ao que cada um bebe. Com certeza que o banquete aqui referido se enquadra numa festa em honra de Ártemis. Parece ter havido duas festas oficiais à deusa, em Atenas; uma na Primavera, outra no Outono (cf. Plutarco, *Moralia* 862b-c). Possivelmente estas celebrações eram feitas por caçadores. Era de regra brindar aos deuses com carne e vinho ao longo do banquete.

suas terras, nem sequer que se apanhe do chão uma azeitona ou uma tâmara. **9.** Todos os dias vai verificar os marcos das suas propriedades, a ver se continuam no mesmo sítio. **10.** É fulano para cair em cima de um devedor em atraso e exigir-lhe juros dos juros⁸⁵. **11.** Se convida a vizinhança para almoçar, parte a carne que lhe serve em bocados minúsculos⁸⁶. **12.** Vai comprar comida e regressa de mãos a abanar. **13.** Proíbe a mulher de emprestar seja o que for, sal, um pavio, cominhos, orégãos, grãos, fitas, bolos⁸⁷, com o argumento de que estas bagatelas somam uma conta calada ao fim do ano. **14.** Em resumo, como se pode verificar, baús, em casa do mesquinho, estão carregados de bolor, e as chaves ferrugentas. Por outro lado, trazem túnicas bem curtas que nem as pernas lhes cobrem; são minúsculos os lébitos que usam para se ungir; cortam o cabelo à escovinha e só andam calçados metade do dia⁸⁸; quando vão à lavanderia, recomendam que lhes ponham bastante detergente na roupa⁸⁹, para não se sujar tão depressa.

⁸⁵ Naturalmente que um credor tinha direito a perseguir um devedor insolvente (cf. Demóstenes 30. 27, 33. 6). Mas não seria muito bem visto que o fizesse (Demóstenes 47. 34-40), sobretudo penalizando-o com juros acrescidos.

⁸⁶ Os habitantes de um *demos*, ou freguesia, realizavam em comum várias festividades. Isso significaria o encargo de certas despesas, que constituíam uma liturgia: a organização, atribuída a um cidadão abonado, de uma refeição destinada aos habitantes do seu *demos*, em celebração de festas religiosas. Essa missão testemunha a folgança económica do mesquinho e o exagero de austeridade que pratica.

⁸⁷ Em primeiro lugar são referidos os condimentos de um preparativo culinário, ou o pavio que garanta luz em casa. Por seu lado, os grãos, as fitas e os bolos eram elementos indispensáveis para a realização de sacrifícios: os grãos para lançar sobre o animal a imolar, as fitas de lã para lhe prender aos chifres e os bolos para queimar.

⁸⁸ Para não terem de cortar o cabelo muitas vezes. Por outro lado, quando regressam a casa a meio do dia, descalçam-se para pouparem as solas dos sapatos; de toda a forma, era hábito andar descalço em casa (cf. Aristófanes, *Vespas* 103, 274-275, *Mulheres na assembleia* 269-271).

⁸⁹ Este produto que se punha na água de lavar a roupa e que tinha propriedades detergentes, era chamado cimolo, como proveniente da ilha com o mesmo nome (cf. Aristófanes, *Rãs* 710-712).

XI

O DISPARATADO⁹⁰

Não é difícil definir o disparate como uma atitude espalhafatosa e chocante. **2.** Eis o perfil do disparatado. Diante de senhoras, arregança as fraldas e mostra o sexo. **3.** No teatro, bate palmas quando os outros deixam de bater; assobia aos actores que os outros admiram; e, no meio do silêncio geral, estica o pescoço e arrota, de modo a fazer o anfiteatro inteiro voltar-se para ele. **4.** No mercado, em horas de ponta, aproxima-se dos comerciantes de nozes, mirtos e fruta; pespega-se ali a petiscar, numa conversa sem fim com o vendedor. **5.** Passa um sujeito com quem não tem intimidade nenhuma e ele põe-se a chamá-lo pelo nome. **6.** Vê um tipo com pressa **7.** Um fulano vem a sair do tribunal, depois de ter perdido um processo importante, o nosso homem salta-lhe em cima para lhe dar os parabéns. **8.** Vai, em pessoa, abastecer-se à praça⁹¹ e contratar flautistas. Depois, a quem quer que encontre pelo caminho, mostra-lhe as compras e convida-o para o jantar. **9.** Abeira-se da barbearia ou da perfumaria⁹² e declara a sua intenção de apanhar uma piela.

⁹⁰ Por tradição, βδελυρός é um termo pejorativo, em escala mais ou menos acentuada, que assenta na ideia de “desagradável, antipático”. Assim se justifica no nome de Bdelícleon, uma das personagens de *Vespas* de Aristófanes, “aquele que sente desagrado ou antipatia por Cléon”; mas com uma conotação moral negativa é identificado pelo *schol. Nuvens* 446.

⁹¹ Fazer compras era tarefa de escravo. Também o descarado (IX. 4) e o mesquinho (X. 12) fazem eles próprios compras. Diggle 2004: 318, no entanto, considera que o que aqui está em causa não é que seja o próprio disparatado a abastecer-se, mas sim que exhiba, a quem encontra na rua, o que comprou para a sua refeição e convide o sujeito que encontra para que a venha partilhar.

⁹² Lugares habituais de convívio.

XII

O INOPORTUNO⁹³

Falta do sentido da oportunidade é um tipo de abordagem que incomoda o próximo. **2.** Eis o perfil do inoportuno. Vê um tipo atarefado, vai ter com ele e põe-se com confidências. **3.** Faz uma serenata à namorada no dia em que a moça está com febre. **4.** Vê um fulano que acabou de ser condenado por causa de uma fiança, e vai-lhe pedir para ficar de seu fiador⁹⁴. **5.** Apresenta-se como testemunha, quando a causa acabou de ser julgada. **6.** Convidam-no para uma festa de casamento, e aí o têm a dizer mal das mulheres. **7.** Vem alguém a chegar de uma grande viagem, e ele vá de o convidar para um passeio. **8.** Um comerciante acaba de fechar um negócio e ele é menino para lhe aparecer com um comprador que dava mais. **9.** Quando já toda a gente ouviu e percebeu, ele levanta-se e retoma a questão do princípio. **10.** Desunha-se para fazer favores que se não quer aceitar, mas que é embaraçoso recusar. **11.** Quando se faz um sacrifício e há despesas a pagar⁹⁵, aparece ele a cobrar uns juros. **12.** Se se castiga um escravo, com um bom par de chicotadas,

⁹³ *Akairia* é, portanto, a falta de sentido da oportunidade, que se revela em actos e palavras impróprios numa dada circunstância, independentemente de serem, em si mesmos, bons ou maus. Καίρως, “a oportunidade”, é uma qualidade que a retórica aplicou ao discurso, como a propriedade de usar da palavra ou do argumento certo na hora certa.

⁹⁴ A necessidade de um fiador colocava-se sobretudo quando, num negócio público ou privado, intervinha um estrangeiro ou em geral alguém que não fosse cidadão.

⁹⁵ Seria já de mau tom interromper um sacrifício para cobrar uma dívida, ou mesmo ilegal fazê-lo quando se tratava dos grandes festivais da cidade (cf. Demóstenes 21. 10-11). Mas a inoportunidade da cobrança vai mais longe: um sacrifício impõe despesas vultuosas, para comprar o animal a imolar e oferecer depois uma refeição aos amigos. Cf. X. 11 e nota respectiva.

ele planta-se ali a contar que também, um belo dia, um escravo da sua casa levou uma sova semelhante e ... enforcou-se. **13.** Se se encarrega de arbitrar uma questão⁹⁶, instiga, uma contra a outra, as duas partes, que desejavam chegar a acordo. **14.** Se quer dançar, arrasta consigo um parceiro que ainda não lhe entornou que chegue⁹⁷.

⁹⁶ Cf. V. 3 e nota respectiva.

⁹⁷ A regra nos banquetes era toldar-se primeiro com o vinho, antes de avançar para a dança. *Vide* VI. 3 e nota respectiva.

XIII O INTROMETIDO⁹⁸

A intromissão parece ser simplesmente um excesso de zelo bem intencionado nas palavras e nos actos. **2.** Eis o perfil do intrometido. Precipita-se a fazer promessas que não pode cumprir. **3.** Uma sentença que lhe é favorável reúne consenso, ele levanta uma objecção e leva tudo a perder. **4.** Obriga o escanção a preparar mais vinho⁹⁹ do que aquele que os convivas são capazes de beber. **5.** Vê uns tipos a baterem-se e vai separá-los, mesmo que os não conheça. **6.** Propõe-se indicar um atalho, e depois não atina com o caminho. **7.** Procura o comandante para lhe perguntar quando pensa atacar e que ordens vai dar dali a dois dias. **8.** Vai avisar o pai de que a mãe já está a dormir no quarto. **9.** Se o médico o proíbe de dar vinho a um doente, ele, a pretexto de fazer uma experiência, deixa-o com os pés para a cova. **10.** Morre uma mulher; e o tipo manda gravar na lápide o nome do marido, do pai, da mãe, além do da própria e do local de nascimento. E acrescenta ainda que todos eles eram pessoas de bem¹⁰⁰. **11.** Na altura de prestar um juramento, vira-se para os presentes e declara: “Juramentos já eu prestei vezes sem conta”¹⁰¹.

⁹⁸ O excesso de zelo torna-se mais do que inútil, complicativo. Apesar de se assemelhar, em certos exageros, ao bajulador (II) ou ao complacente (V), o objectivo do intrometido não é tanto o de agradar a outrem, mas mostrar-se útil e atento mesmo a despropósito.

⁹⁹ Ou seja, a fazer a habitual mistura de vinho com água, no *crater*.

¹⁰⁰ Parece evidente que a lápide sobre o túmulo de uma mulher devia ser sóbria; nunca se acumulariam os nomes do marido e do pai, o primeiro que é de citar se a mulher for casada, o segundo se for solteira; o da mãe seria totalmente inusitado, bem como o local de nascimento ou uma apreciação sobre a família. De resto, existe um toque de ironia no elogio dos parentes, tratados como se todos tivessem já morrido.

¹⁰¹ Diggle 2004: 332 discute o tipo de juramento de que se trata. O contexto pode ser o de um julgamento em tribunal, onde as testemunhas

XIV O ESTÚPIDO¹⁰²

A estupidez pode definir-se como a lentidão mental nas palavras e nos actos. **2.** Eis o perfil do estúpido. Acaba de fazer uma conta com pedrinhas¹⁰³ e, quando chegou ao resultado, pergunta ao vizinho: “Quanto dá?”. **3.** Tem de se defender num processo; na hora de se apresentar, esquece-se e abala para o campo. **4.** Vai ao teatro, adormece e fica lá sozinho. **5.** Comeu demais; levanta-se de noite para ir à retrete¹⁰⁴ e é mordido pelo cão do vizinho. **6.** Arruma por suas mãos qualquer coisa que acabou de obter, e depois anda à procura dela sem conseguir encontrá-la. **7.** Ao ser-lhe comunicada a morte de um amigo para ele poder ir ao funeral, toma um ar pesaroso, lágrimas ao canto do olho, e sai-se com esta:

ou mesmo as partes litigantes podiam ter de prestar juramento (como em casos de homicídio, por exemplo). Afirmar-se diante do auditório que já se prestou juramento muitas vezes pode ser sinal de garantia – já se deu prova de ser fiável na veracidade da palavra –, mas a afirmação não é isenta de uma certa arrogância ou vaidade. E estas são atitudes inconvenientes quando se pretende cativar a simpatia de um auditório. Além dos prestados em tribunal, os juramentos podiam também ocorrer noutras circunstâncias, como por exemplo num negócio.

¹⁰² Sobre a ἀναισθησία como “insensibilidade sensorial”, cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1104a 24, 1107b 4-8, 1108b 20-22, 1109a 3-5, 1119a 6-7. No retrato que dele faz Teofrasto domina a desadequação com os pequenos episódios do dia-a-dia, que se manifesta em palavras ou actos a despropósito, numa certa inércia mental que o leva a respostas automáticas e desadequadas, como a definição correspondente estabelece.

¹⁰³ O ábaco era uma prancha, com divisões demarcadas, sobre a qual se distribuíam pedrinhas, que, conforme a disposição, assumiam valor de diferentes unidades.

¹⁰⁴ Como as casas atenienses não tinham instalações sanitárias, era preciso ir à rua e servir-se de um qualquer canto discreto (cf. Aristófanes, *Paz* 164 sq., *Tesmofórias* 485, *Mulheres na assembleia* 320 sqq.), ou de “assentos” públicos (cf. Aristófanes, *Paz* 99, 158). É como uma novidade que Heródoto (2. 35. 3) as menciona como parte integrante da casa egípcia, ou Eubulo (fr. 53 K.-A.) da casa tebana.

“Deus lhe dê boa sorte!”. **8.** É menino para, quando lhe pagam uma dívida, arranjar testemunhas¹⁰⁵. **9.** Em pleno Inverno, ralha com o criado por não lhe ter comprado pepinos. **10.** Obriga os filhos a competirem com ele na luta ou no atletismo até não poderem mais. **11.** No campo, é ele próprio quem faz a sopa; mas deita sal na panela duas vezes e põe-na intragável. **12.** Se chover, ele exclama: “Que cheirinho maravilhoso o das estrelas!”¹⁰⁶, enquanto os outros dizem: “Da terra!”. **13.** Quando lhe comentam: “Nem podes imaginar quantos funerais saíram pela Porta da Morte¹⁰⁷!”. Ele responde: “Só os queria em benesses¹⁰⁸ para mim e para ti!”.

¹⁰⁵ Ao contrário do que seria normal: as testemunhas convocam-se para certificarem uma dívida, não o recebimento do dinheiro em dívida.

¹⁰⁶ Ele atribui o cheiro, provocado pelo frescor da chuva, às estrelas, por ser do céu que a água cai.

¹⁰⁷ Nome dado à porta da cidade por onde saíam os funerais a caminho do cemitério. Cf. Diggle 2004: 342.

¹⁰⁸ A frase usada, uma fórmula para desejar dinheiro e fortuna a alguém, é totalmente desadequada nas circunstâncias.

XV

O AUTOCONVENCIDO¹⁰⁹

O autoconvencimento manifesta-se, no convívio, pela falta de cordialidade nas palavras. **2.** Eis o perfil do autoconvencido. Se lhe perguntam: “Fulano onde está?”, a resposta é: “Não me chateies!”. **3.** Se o cumprimentam, não corresponde. **4.** Quando põe qualquer coisa à venda, em vez de dizer aos compradores quanto pede, pergunta quanto lhe oferecem. **5.** <A quem lhe manifesta simpatia e lhe manda presentes em dias de festa, ele ainda diz que tanta amabilidade traz água no bico>¹¹⁰. **6.** Não aceita desculpas de quem, sem querer, <o empurra>, vai contra ele ou o pisa. **7.** Um amigo pede-lhe que contribua para uma subscrição, ele diz que não dá nada; mais tarde acaba por oferecer o seu contributo, mas vai dizendo que é dinheiro deitado ao lixo. **8.** Se tropeça na rua, é menino para praguejar contra a

¹⁰⁹ Aristóteles (*Ética a Nicomaco* 1221a 8, 27) define αὐθάδεια como “o agrado, o fascínio consigo próprio”, que se opõe à complacência (*Character* V), a ânsia de dar prazer. Portanto, o autoconvencido está voltado sobre si próprio e resiste a condescender seja com quem for. Αὐθαδόστομος, “voluntarioso no modo de se exprimir”, foi aplicado ao estilo de Ésquilo por Aristófanes, em *Rãs* 837. E este composto, que é hápax, inspira-se no próprio Ésquilo, que, no *Prometeu*, multiplica termos desta família em relação ao herói que ousou defrontar os deuses: αὐθαδία (*Prometeu* 79), αὐθάδη (*Prometeu* 64, 907), αὐθάδισμα (*Prometeu* 964). É assim também em Teofrasto, dentro da mesma noção, um sujeito rude e insociável; mesmo quando cede a fazer um favor, não poupa ao beneficiado a agressividade de um comentário. Quer dizer, portanto, que, no íntimo, é ainda capaz de alguma generosidade, mas acompanhada de um indispensável azedume verbal. A mesma sobranceira estende-a aos objectos inanimados (a pedra que se lhe opõe no caminho), ou até aos deuses a quem não se digna reverenciar, numa graduação sempre crescente que o retrato faz dos traços do seu carácter.

¹¹⁰ Diggle 2004: 345 discute este passo e põe em dúvida o sentido que lhe tem sido atribuído por vários comentadores.

pedra. **9.** É incapaz de esperar muito tempo seja por quem for.
10. Recusa-se a cantar, a recitar, a dançar¹¹¹. **11.** É tipo que não se digna venerar os deuses.

¹¹¹ Cantar ou recitar eram formas de diversão no final de um jantar. Esperava-se de cada conviva um contributo; cf. Aristófanes, *Nuvens* 1353-1372; *Paz* 1265-1304. Quanto à participação na dança, depois de entusiasmados pelo vinho, *vide* XII. 14 e nota respectiva.

XVI O SUPERSTICIOSO¹¹²

A superstição é simplesmente o temor do sobrenatural. **2.** Eis o perfil do supersticioso. É um sujeito que lava as mãos em três fontes, encharca-se em água benta, mete uma folha de louro na boca¹¹³ e assim fica preparado para começar o dia. **3.** Se um gato¹¹⁴ lhe atravessa o caminho, ele não dá mais um passo antes

¹¹² *Deisidaimonia* exprime etimologicamente “o temor dos deuses ou do sobrenatural” e é, na justa medida, uma atitude de piedade, embora o risco de exagero a encaminhe para um temor ou subserviência exagerada perante o divino. A superstição leva à adopção de uma série de práticas fúteis ou a apelos constantes à divindade, como profilaxia contra um receio permanente de sinais de perigo que se inferem até das situações mais comzezinhas. Também o supersticioso se tornou um tipo cómico, que deu título a uma das comédias perdidas de Menandro, o *Deisidaimon*. Por outro lado, o *Discolo* de mesmo poeta documenta um bom exemplo de supersticioso na figura da mãe de Sóstrato, que faz sacrifícios diariamente, como também quando um sonho a atemoriza (260-264, 407-409). Plutarco, em *Moralia* 164e-171e, ocupa-se da *Deisidaimonia*, descrevendo-a com traços que se aproximam dos caricaturados por Teofrasto. Diggle 2004: 350 avalia com justeza que, certamente, cada uma das atitudes atribuídas ao supersticioso seria prática aceite pelos Atenenses; o que o distingue é a obsessão de ver em tudo sinais de ameaça e de responder-lhes constantemente com reacções apotropaicas. E sublinha, como sintomáticos, os números incluídos no retrato – repetição, duas ou três vezes, do mesmo gesto, ou duas ou três alternativas para conseguir o mesmo objectivo, de onde percebemos o significado ritual dos próprios números.

¹¹³ Como forma de garantir a protecção de Apolo. O loureiro, como a água do mar e o alho, a seguir mencionados, eram considerados agentes purificadores.

¹¹⁴ Encontros com certos animais eram considerados de mau agouro; cf. Aristófanes, *Rãs* 196, “ai que desgraça a minha! Que encontro terei eu tido ao sair de casa?”. Em vez de “gato”, o texto diz “doninha”, que, para os Gregos, fazia o papel do gato. Sobre o significado ominoso destes animais, cf. Aristófanes, *Mulheres na assembleia* 792; mas múltiplas referências lhe são feitas na comédia como animal doméstico; *Acarnenses* 255-256, *Vespas* 363, 1182, *Paz* 795-796, 1151, *Tesmofórias* 559, *Mulheres na assembleia* 924.

que alguém por ali passe¹¹⁵, ou sem atirar três pedras pela rua fora. 4. Encontra uma cobra em casa: é das vermelhas, faz um sacrifício a Sabázio¹¹⁶, se é sagrada¹¹⁷, ali mesmo constrói sem demora um templo em honra dos heróis. 5. Se passa junto de uma daquelas pedras untadas que se encontram nos cruzamentos, derrama sobre elas azeite do lécito e, joelhos em terra, dobra-se em adoração antes de seguir caminho¹¹⁸. 6. Quando um dos seus sacos de farinha aparece roído pelos ratos¹¹⁹, vai ter com um

¹¹⁵ Esse alguém receberia os influxos maléficos do “mau encontro” e purificaria o caminho. Atirar três pedras é também um processo apotropaico de afastar o mal.

¹¹⁶ Certamente que as condições de vida dos antigos, em que a fronteira entre a cidade e o campo era menos nítida, proporcionavam a presença de serpentes em casa. Cf. Plauto, *Anfitrião* 1107-1119, sobre as serpentes que atacaram o recém-nascido Hércules, vindas através do *impluuium*; e ainda Terêncio, *Formião* 707. O tipo de serpente aqui referido é descrito por Eliano, *História dos animais* 8. 12, como não perigoso. Esta serpente era animal sagrado de Asclépio e encontrava-se nos seus templos (cf. Aristófanes, *Pluto* 690). As mesmas serpentes faziam parte do culto de Sabázio, de tradição semelhante ao ritual dionisíaco. São-lhe feitas menções frequentes na comédia (Aristófanes, *Vespas* 9 sq., *Aves* 875, *Lisístrata* 388), que atestam a enorme popularidade de que este culto gozava em Atenas no final da guerra do Peloponeso. Demóstenes (18. 259-260) faz uma descrição minuciosa do ritual que lhe era prestado. Cícero (*Leis* 2. 37) lembra como a implantação de novas divindades e seus rituais tinha tanta força, que Aristófanes, possivelmente na peça perdida *Estações*, as submetia a juízo para as condenar e deportar; Sabázio era expressamente referido nesse número. Mulheres e escravos parecem ter constituído o maior número de fiéis deste culto. Cf. D. M. MacDowell (reimpr. 1978), *Aristophanes. Wasps*, Oxford: 128 sq.

¹¹⁷ Aristóteles, *História dos animais* 607a 30, identifica este segundo tipo como uma serpente pequena, mas perigosa e venenosa. Sobre o hábito de construir templetos ou altares para afastar perigos, cf. Platão, *Leis* 909e 3-910a 6.

¹¹⁸ As pedras amontoadas nas encruzilhadas funcionavam como uma espécie de altar, em honra de Hécate. Por isso, o supersticioso sempre presta culto a estas pedras, derramando sobre elas azeite e fazendo com elas uma oração. Sobre este tipo de culto, cf. Luciano, *Alexandre* 30.

¹¹⁹ Plínio, *História Natural* 8. 57 testemunha que este facto podia ser interpretado como de mau agúrio. Um caso como este merece, no parecer do supersticioso, uma consulta a um intérprete de assuntos sagrados.

exegeta para perguntar o que há-de fazer; se este responder que se entregue o saco a um curtidor para lhe pôr um remendo, ele fica-se nas tintas para o conselho; desanda dali e vai fazer um sacrifício apotropaico. **7.** É fulano para benzer e tornar a benzer a casa onde vive, com o pretexto de que está assombrada por Hécate¹²⁰. **8.** Se as corujas ... pelo caminho, fica perturbado e só passa adiante depois de dizer: “Atena toda poderosa!”¹²¹. **9.** Não pisa um túmulo, nem se aproxima de um cadáver, nem de uma mulher de parto¹²², para evitar qualquer contaminação, como ele diz. **10.** Nos dias quatro e sete de cada mês, manda a criadagem preparar um vinho quente e sai a comprar mirtos, incenso, bolos sagrados; de volta a casa, passa o dia inteiro a coroar os Hermafroditas¹²³. **11.** Se tem um sonho, vai procurar intérpretes,

¹²⁰ Hécate é uma divindade do mundo subterrâneo, detentora de um poder temível. É ela quem envia aos homens as visões e terrores nocturnos.

¹²¹ Diggle 2004: 362 distingue entre “a aparição” de uma coruja, que seria de bom augúrio, e “o seu piar”, esse sim um sinal agourento. Logo o supersticioso saúda o poder de Atena, possivelmente ao ouvir o pio da ave sagrada da deusa. Cf. Aristófanes, *Vespas* 1085 sq.; Plutarco, *Temistocles* 12. 1, que recorda a aparição promissora de uma coruja antes da batalha de Salamina.

¹²² Sobre este conceito de poluição, cf. Eurípides, *Ifigénia entre os Taurros* 381-383. Cf. o princípio estabelecido quanto a um lugar sagrado como Delos, onde não é permitido nascer nem morrer.

¹²³ Estes eram dias consagrados a deuses: o quatro a Hermes, pelo seu nascimento (cf. Aristófanes, *Pluto* 1126) e também a Afrodite (cf. Ateneu 14. 659d), o sete a Apolo (Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 770 sq.). Naturalmente que o supersticioso prepara sacrifícios às divindades domésticas. A identificação dos Hermafroditas a quem o supersticioso dispensa a sua atenção é muito difícil de entender. Rusten, Cunningham e Knox (*Theophrastus. Characters*, Loeb Classical Library, Harvard University Press, ²1993: 110 sq.) entendem-nos como uma espécie de estátuas, equivalentes aos “Hermes” que proliferavam pelas ruas, com uma face masculina oposta a outra feminina. Há quem queira ver na palavra uma referência a Hermes e Afrodite, o que se conciliava com o culto de qualquer um dos dois deuses, realizado no dia quatro de cada mês; ou ainda porque o mirto, particularmente ligado ao culto de Afrodite, também se usava para coroar Hermes (cf. Pausânias 1. 27. 1). Sobre o assunto, cf. E.- K. Borthwick (1966), “Notes on the “superstitious man” of Theophrastus”, *Eranos* 64. 3-4: 112 sq.

adivinhos, áugures, para lhes perguntar que deus ou deusa deve invocar. **12.** Todos os meses, para receber os sacramentos, dirige-se aos sacerdotes órficos, com a mulher (se ela não estiver disponível, com a ama) e os filhos¹²⁴. **13.** É daquele tipo de pessoas que se encharca cuidadosamente em água do mar¹²⁵. **14.** Topa com um desses fulanos que estão nas encruzilhadas coroados de alho¹²⁶; enfia-se em casa a escafunar-se da cabeça aos pés, manda chamar sacerdotisas e dá-lhes ordem para o purificarem com cebola ou um cachorro¹²⁷. **15.** Se vê um doido ou um epiléptico, arrepia-se todo e cospe para o peito¹²⁸.

¹²⁴ Pouco se sabe dos rituais desta religião de mistérios ligada à figura mítica de Orfeu. Platão refere-se a alguns princípios associados com este culto: no *Crátilo* 400c, alude ao entendimento do corpo como uma prisão de que a alma, depois de penar um tempo, tende a libertar-se; um certo ascetismo e pureza de vida são testemunhados em *Leis* 782c. Como os mistérios de Elêusis, prometia a felicidade no além (Plutarco, *Moralia* 224e). O culto e as suas promessas eram propagandeados por sacerdotes itinerantes (cf. Platão, *República* 364e-365a). Sobre o orfismo, vide W. Burkert (1985), *Greek Religion*, Oxford: 296-301.

¹²⁵ A água do mar servia de purificador. Do culto de Elêusis, por exemplo, fazia parte um banho de mar; cf. Mylonas 1961: 249. Outros testemunhos abonam o recurso ao seu poder despoluidor; cf., por exemplo, Eurípidés, *Ifigénia entre os Tauros* 1191-1193; Plutarco, *Moralia* 166a.

¹²⁶ Nas encruzilhadas, a deusa venerada era Hécate (cf. supra XVI. 7 e respectiva nota). Sobre os seus altares era uso depositar comida, pela lua nova, que acabava por atrair os mendigos famintos a roubá-la, apesar da ameaça de um possível castigo divino. A coroa de alho tinha poderes apotropaicos e protegia os ladrões da ira da deusa. Claro que, por assistir ao sacrilégio, o supersticioso teme que a ira de Hécate recaia sobre ele.

¹²⁷ A ideia é a de rodear o sujeito poluído com elementos purificadores; essa virtude é reconhecida na cebola, como também no cão, animal sagrado de Hécate, que, depois de imolado, tinha também dons despoluidores. Cf. Luciano, *Menipo* 7; Plutarco, *Moralia* 280b-c, 290d.

¹²⁸ A ideia é mostrar desagrado e repulsa pelos espíritos maus, e tanto na loucura como na epilepsia se via a intervenção divina. O mesmo gesto é referido por Eurípidés, *Ifigénia entre os Tauros* 1161; Teócrito 6. 39.

XVII

O ETERNO DESCONTENTE¹²⁹

O eterno descontentamento é uma depreciação injustificada dos benefícios que nos cabem em sorte. **2.** Eis o perfil do eterno descontente. Um amigo manda-lhe umas iguarias, e ele comenta com quem lhas vem trazer: “Nem digno me achou de uma sopa e de um copito de vinho! Vê se me convidou para o jantar!”. **3.** Se a amante lhe dá um beijo: “Admirado ficava eu” – diz ele – “se tu gostasses de mim a valer!”. **4.** Queixa-se de Zeus, não porque chova, mas porque a chuva veio tarde demais. **5.** Encontra uma bolsa pelo caminho e vá de se lamentar: “Tesouros, desses nunca eu encontrei nenhum!”. **6.** Compra um escravo por um preço em conta, depois de muito marralhar com o vendedor: “Admirado ficava eu” – comenta ele – “se, por este preço, tivesse comprado uma coisa de jeito”. **7.** Chega alguém com a boa nova: “O teu filho nasceu!”. E ele: “Pois podes acrescentar que o património se me reduziu a metade, que não mentes”. **8.** Depois de ganhar, por voto unânime, um processo, ainda censura quem lhe escreveu o discurso¹³⁰ por ter passado em claro muitos argumentos de peso. **9.** Se os amigos se cotizam para lhe fazer um empréstimo, e quem lhe vem trazer o dinheiro lhe diz: “Ânimo!”, “Ânimo?! Como?” – exclama ele. “Quando tenho de reembolsar toda a gente e ainda lhes fico a dever favores, como se tivesse recebido algum benefício”.

¹²⁹ Etimologicamente *μεμψιμοιρία* é “o comentário desfavorável (*μέμφομαι*) à parte que cabe a cada um (*μοῖρα*)”, no que respeita à própria vida ou destino, ou seja, no quotidiano do indivíduo. O eterno descontente de Teofrasto é um indivíduo sem iniciativa, que se lamenta a cada benefício que o seu círculo social lhe proporciona. E o retrato cumula-o de benesses, dos deuses e dos homens, que ele invariavelmente saúda com insatisfação e queixume.

¹³⁰ Os *logógrafos*, aqueles profissionais que compunham discursos, de acusação ou defesa, para serem proferidos em tribunal pelos seus clientes, numa altura em que a lei ateniense proibía a intervenção de advogados. É este o caso de Antífote, Lísias, Isócrates e Demóstenes, ao longo dos séc. V-IV a. C., como os nomes mais sonantes entre os que exerceram esta profissão.

XVIII

O DESCONFIADO¹³¹

Desconfiança é simplesmente a tendência para suspeitar da honestidade de toda a gente. **2.** Eis o perfil do desconfiado. Se manda um criado às compras, manda um segundo criado atrás dele, para se informar do preço que ele pagou. **3.** Quando é ele que traz o dinheiro consigo¹³², volta meia volta senta-se a conferi-lo. **4.** Já na cama, pergunta à mulher se fechou o cofre, se selou o armário da louça, se pôs a tranca na porta do pátio; e embora ela diga que sim, mesmo assim ele salta da cama, em pélo, pé descalço, acende a lamparina e vai passar uma ronda geral. Só depois, e ainda a custo, pega no sono. **5.** Aos seus devedores exige juro na presença de testemunhas, para que não possam negar a dívida. **6.** É menino para entregar o casaco não na lavandaria melhor, mas naquela em que lhe depositarem uma caução pelo serviço¹³³. **7.** Se lhe vêm pedir uma baixela emprestada, na maior parte dos casos recusa, a não ser que se trate de gente da casa ou de um parente próximo; mas ainda assim só falta marcar a peça a fogo, pesá-la e pedir uma caução ou coisa que o valha. **8.** Dá ordem ao escravo que o acompanha que vá, não atrás, mas à frente, para se manter de olho nele e impedir que se escape pelo caminho. **9.** E aos clientes que lhe perguntam: “Quanto é? Põe na conta, que agora estou com pressa”¹³⁴, ele responde: “Não te aflijas. Vou andar atrás de ti até arranjares tempo!”.

¹³¹ O desconfiado de Teofrasto é aquele que, por regra, põe em dúvida tudo e todos, por considerar-se a vítima inevitável de todos os ludibrios. Corre, por isso, o risco de se tornar anti-social. Também Menandro retomou este tipo numa comédia que recebeu dele o título.

¹³² Era geralmente o escravo o portador da bolsa do dinheiro (cf. XXIII. 8).

¹³³ Ou seja, em que lhe garantam uma indemnização por qualquer prejuízo causado.

¹³⁴ A cena refere-se ao cliente que faz uma compra, mas não tem dinheiro consigo, nem a possibilidade de lhe fazer chegar de imediato a soma em dívida por um escravo.

XIX

O DESMAZELADO¹³⁵

Desmazelo é a falta de higiene pessoal susceptível de causar nojo. **2.** Eis o perfil do desmazelado. Anda carregado de lepra ou de eczema, unhas pretas, a explicar que estes são, no seu caso, males que lhe estão na massa do sangue. Já vinham, antes dele, do pai e do avô, de modo que não seria fácil escapar às tendências da família. **3.** Se lhe aparecem chagas nas pernas ou golpes nos dedos, é menino para, por falta de cuidados, os deixar infectar. **4.** Tem as axilas carregadas de vermes, com pêlos que lhe cobrem boa parte do peito, dentes negros e podres, <o que o torna inabordável e repugnante. E outras do género>. **5.** Assoa-se à mesa. Num sacrifício, começa a coçar-se. Quando fala, atira perdigotos pela boca fora. Depois de beber um copo, arrota. Não se lava antes de ir para a cama com a mulher. Nas termas, usa um óleo rançoso e tresanda a porco. **6.** Veste uma camisa grossa com um casaco muito fino¹³⁶, crivado de nódoas, e vai para a ágora naquela figura.

¹³⁵ Sófocles, *Filoctetes* 473, 900, refere, no mesmo sentido que Teofrasto, a repugnância como a reacção que Filoctetes, com as pústulas que o cobrem, provoca nos companheiros de viagem. As causas da repugnância neste retrato são sobretudo físicas, resultantes da pouca higiene. De forma geral, o texto correspondente a este *Caracter* coloca dificuldades de leitura que se reflectem na própria coesão e compreensão. Há diversos editores que omitem o texto a partir do §7, por entenderem que os exemplos a partir de então utilizados não se coadunam com o tipo em causa. Assim Diggle 2004: 386 que, depois de sintetizar as diversas propostas de deslocação destes capítulos finais, admite a hipótese de se tratar até de parte de um *Caracter* perdido; por outro lado, pode também admitir que o §6 não tenha características de um remate e que provavelmente nos falta a continuação deste retrato.

¹³⁶ Ou seja, uma peça de inverno e outra de verão. Diggle 2004: 392 admite que fosse mais correcto o contrário, usar uma peça interior mais fina e uma exterior mais grossa.

Parte de um outro Character

7. A mãe saiu para consultar um adivinho, ele põe-se a dizer blasfêmias. **8.** No meio das orações e libações, larga a taça no chão e desata a rir como se tivesse feito uma grande coisa. **9.** Num concerto de flauta, é ele o único a bater palmas, a cantarolar a música e a censurar a flautista por ter acabado tão depressa. **10.** Quando quer cuspir, cospe por cima da mesa e acerta no escanção.

XX

O INCONVENIENTE¹³⁷

A inconveniência pode definir-se como uma abordagem que não traz propriamente prejuízo, mas que incomoda. **2.** Eis o perfil do inconveniente. Um sujeito está no primeiro sono, aparece ele e acorda-o, para lhe dizer meia dúzia de lérias. **3.** Outros estão para embarcar, ele retém-nos. **4.** A quem vem procurá-lo, pede que o espere até acabar o seu passeio. **5.** Tira o filhito dos braços da ama, mastiga ele a comida e enfia-lha na boca¹³⁸; põe-se com gaifonadas e mimos, a chamar-lhe “danadinho do papá”. **6.** À mesa, conta que tomou um purgante e descarregou por cima e por baixo; a bÍlis que mandou cá para fora conseguia ser mais negra do que a sopa que tem na frente. **7.** É menino para perguntar, diante da criadagem toda: “Conta lá, mamã. Quando sentiste as dores de parto e me deste à luz? Como foi esse dia?”, **8.** e para dar a resposta, em vez dela: que foi maravilhoso ..., mas que não há ser humano que não tenha experimentado o prazer e a dor. **9.** ... que tem água fresca na cisterna lá de casa, um quintal que produz legumes abundantes e tenros, um cozinheiro que prepara um petisco de truz; por isso a casa dele tornou-se um verdadeiro hotel, sempre cheia; os amigos são como um tonel

¹³⁷ Tal como o desmazelado, o inconveniente é um sujeito que agride os outros; não de uma forma física, mas com uma atitude de certa soberberia e desprezo pelos direitos alheios. Sem lhes causar propriamente prejuízo, indis põe-nos com o desrespeito que manifesta. Falta de oportunidade, um despropósito chocante, autoconvencimento são traços da sua atitude.

¹³⁸ O despropósito não está em mastigar a comida antes de a meter na boca da criança, o que era considerado um comportamento normal (cf. Aristófanes, *Cavaleiros* 715-718); mas essa é função da ama.

sem fundo¹³⁹: por mais que faça, nunca consegue enchê-los. **10.** Quando recebe gente em casa, exhibe aos convivas os dotes do parasita¹⁴⁰; a incitá-los aos brindes, põe-se a dizer que há uma surpresa preparada para os presentes; que, a um sinal deles, o criado irá buscar a flautista a um cabaré, “de modo que ela venha tocar para todos e proporcionar-lhes uma boa pândega”.

¹³⁹ Esta frase alude ao suplício eterno infligido às Danaides por terem matado os maridos: a tarefa de encher de água um tonel furado. Cf. Platão, *Górgias* 493b; Luciano, *Diálogos dos mortos* 11. 4. Vide R. Graves (reimpr. 1977), *Greek Myths*. I. Middlesex: 202.

¹⁴⁰ O parasita era uma figura sem dignidade; na comédia, onde granjeou um interesse permanente, coube-lhe o perfil do bajulador, com um apetite insaciável, disposto a tudo em troca de um jantar. Motivo de cômico desde os anos remotos de Epicarmo (séc. VI a. C.), o parasita conheceu um recorte, fino e minucioso, de caracterização no teatro plautino. Mas parece ter sido Alexis, um poeta da *Nea* (séc. IV a. C.), a estabelecer-lhe a designação. Sobre o assunto, cf. G. E. Duckworth (1971), *The nature of Roman Comedy*, Princeton: 265-268. São estes predicados do parasita, que invariavelmente permanecem no retrato – apetite e bajulice -, que o inconveniente põe em destaque.

XXI

O PEDANTE¹⁴¹

O pedantismo é uma mania, sem sentido, da superioridade. **2.** Eis o perfil do pedante. Se o convidam para um jantar, há-de arranjar maneira de se sentar ao lado do dono da casa. **3.** Quando chega o momento de o filho cortar o cabelo¹⁴², leva-o a Delfos. **4.** Preocupa-se em se fazer acompanhar de um escravo étiope¹⁴³. **5.** Mina que tenha de pagar, fá-la pagar com dinheiro novo. **6.** Tem em casa um gaio de estimação; é menino para lhe comprar um poleirinho, fazer-lhe um escudozinho de bronze, para a ave saltitar no poleirinho assim equipada. **7.** Se sacrifica um boi, pendura-lhe a caveira à porta de casa, envolta num mar de fitas, para que quem entra veja que ele matou um boi. **8.** Depois de desfilar num cortejo, entre os cavaleiros¹⁴⁴, entrega ao criado todo o resto do equipamento

¹⁴¹ Cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1125b 10-17. A φιλοτιμία é o amor das honrarias e distinções, ou o simples prazer de “dar nas vistas”. Aristóteles admite que este gozo das honrarias pode ser censurável, se excessivo, mas de aplaudir se significa o empenho pelo que é nobre e elevado. Tudo é uma questão de grau e objectivo. Teofrasto precede a φιλοτιμία de μικρο-, “por pequenas coisas” e assim redu-la ao aspecto censurável. Pedante passa a ser o sujeito que pretende fazer, em sociedade, um sucesso vão, que lhe não disfarça a insignificância. Para tal, aposta em atitudes e preferências exóticas, que mal escondem a real falta de distinção ou poder económico que é de facto a sua. Vilardo 1989: 122 nota a insistência no diminutivo (κλιμάτιον, ἀσπίδιον, κυνάριον, στηλίδιον) como um traço oportuno na caracterização do pedante.

¹⁴² Cortar o cabelo significava uma espécie de reconhecimento público de maioridade, na passagem da adolescência para a efébia. Nesta cerimónia, o jovem dedicava a um deus da cidade um anel de cabelo. Mas ir a Delfos para tal efeito era naturalmente pretensioso; tinha o empolamento de fazer reviver o acto de Teseu, que fora a Delfos oferecer a Apolo os cabelos (cf. Plutarco, *Teseu* 5. 1).

¹⁴³ Ou seja, de um escravo importado e exótico, que as conquistas de Alexandre tornaram acessível.

¹⁴⁴ Os cavaleiros desfilavam em diversas ocasiões festivas, como na

para levar para casa; enfia então o casaco do costume e vai passear para a ágora, de esporas nos pés. **9.** Se lhe morre um cachorrinho de Malta¹⁴⁵, faz-lhe um jazigo com um epitáfiozinho, onde manda gravar: “<Cepa> de Malta!”. **10.** Se dedica uma figazinha de bronze no tempo de Asclépio, todos os dias a vai polir, cobrir de flores e perfumar¹⁴⁶. **11.** É sujeito que se mete numa pritania para obter o encargo de anunciar em público os sacrifícios¹⁴⁷. Avança então vestido de ponto em

grande festa das Panateneias, por exemplo, que o friso do Pártenon celebrou; era de regra a sua participação em outras procissões e sacrifícios. A corporação a que pertenciam acumulava, portanto, com as funções militares, outras religiosas. Para uma informação minuciosa sobre esta corporação, cf. G. R. Bugh (1988), *The horsemen of Athens*, Princeton.

¹⁴⁵ Sobre esta raça de cães, cf. Aristóteles, *História dos animais* 612b 10.

¹⁴⁶ A Asclépio, o deus da Medicina, faziam-se promessas e ofereciam-se ex-votos em acção de graças por curas obtidas. Aqui trata-se de um dedo, apesar de tudo um elemento fisiológico que não condiciona a vida ou a morte. A esse minúsculo dedinho, o pedante presta os cuidados que mereceria uma estátua de valor.

¹⁴⁷ Os prítanes eram os cinquenta representantes de cada uma das dez tribos de Atenas no Conselho da cidade, onde exerciam funções directivas numa décima parte do ano. A eles cabia igualmente a presidência da assembleia, o que os colocava no papel de intermediários entre esses dois órgãos governativos. Algumas funções religiosas lhes estavam também atribuídas, como a organização de sacrifícios públicos. O pedante investe nesta função que reclamou como “o seu momento de glória”; mas a mensagem que lhe toca transmitir é meramente convencional (cf. Demóstenes, *Exórdio* 54). A festa a que ele se refere é aquela em que se ofertava à Deusa Mãe pães de leite. Este festival honrava Cíbele, que os Gregos designavam por Grande Mãe e a quem sacrificavam pães ou bolos fabricados com leite. De origem frígia, Cíbele teve o seu culto oficializado em Atenas desde o final do séc. V a. C. e recebeu a homenagem da construção de um templo na ágora, perto do Bouleutérion, onde o Conselho reunia. Antifonte (*Acerca do Coreuta* 6. 45) testemunha a frequência com que estes rituais eram repetidos durante a vigência de cada pritania, sobretudo numa época em que a sua intervenção política reduzira de importância. Sendo assim, o pedante multiplicava as oportunidades de aparecer em público. Sobre a actuação política dos prítanes, cf. J. R. Ferreira (1990), *A Democracia na Grécia Antiga*, Coimbra: 105-107.

branco, todo engrinaldado, a apregoar: “Atenienses, nós, os prítanes, festejámos as Galáxias em honra da Mãe dos Deuses. O sacrifício foi favorável. Recebei pois, vós, essa bênção”. Depois da proclamação, de regresso a casa, vai impingir à mulher o sucesso estrondoso que teve.

XXII

O FORRETA¹⁴⁸

A forretice ... a ambição ... quando há despesas implicadas. **2.** Eis o perfil do forreta. Depois de vencer um concurso dramático¹⁴⁹, consagra a Dioniso uma tabuleta de madeira, onde não gravou mais do que o seu nome a preto. **3.** Durante uma assembleia, na hora da recolha de donativos¹⁵⁰, ele levanta-se, calado que nem um rato, e põe-se ao fresco. **4.** No casamento de uma filha, põe à venda, com excepção das partes reservadas ao sacerdote, as carnes do sacrifício¹⁵¹; a criadagem para a boda é

¹⁴⁸ Cf. os outros *Caracteres* com sintomas de avariza: o descarado (IX), o mesquinho (X) e o explorador (XXX). O facto de ser corego e trierarco evidencia o bem-estar económico do forreta, porque estes encargos ou liturgias – financiar o equipamento de um navio, a representação de uma peça teatral ou um banquete oferecido aos habitantes de um *demos* – eram atribuídos a cidadãos abonados, à laia de impostos. Deste tipo de contributo à colectividade resultava, para o cidadão, prestígio e honra pública. Também Aristóteles (*Ética a Eudemo* 1231b 30-34, *Ética a Nicómaco* 1107b 8-14, 1121a 10-15) se ocupa deste tipo humano de que salienta o gozo de possuir e o desgosto de dispender.

¹⁴⁹ Como corego, o cidadão abonado deveria financiar a preparação e exibição do elemento coral de uma peça dramática nos grandes festivais de Dioniso em Atenas. Desta intervenção pública tirava prestígio, sobretudo se a peça que patrocinava obtivesse o prémio. Habitualmente o registo do evento era gravado sobre mármore, nele figurando, além do nome do corego, o do poeta, o do arconte epónimo responsável pela organização do festival e o título da peça que garantira a vitória. Com maior aparato, o corego poderia erguer um monumento em honra dessa vitória, sobre o qual exibia a trípode com que fora galardoado, de que o “monumento corégico a Lisícrates” é hoje a única evidência conservada. *Vide* Rocha Pereira ⁸1998: 259 sq.; A. W. Pickard-Cambridge 1968: 77-78.

¹⁵⁰ Os peditórios públicos eram desencadeados em altura de crise, como forma de obter, junto dos cidadãos, fundos para acudir a quaisquer necessidades financeiras colectivas.

¹⁵¹ O casamento era uma ocasião festiva que impunha certas liberdades (cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1123a 1). Na cerimónia havia primeiro o ritual de um sacrifício oferecido às divindades do casamento, organizado pela família da noiva, e depois a boda também financiada pelo

contratada a seco. **5.** Quando assume a trierarquia¹⁵², para fazer a própria cama na coberta do navio usa as mantas do piloto e guarda as dele. **6.** É menino para não mandar os filhos à escola, por altura da festa das Musas¹⁵³, sob pretexto de que estão doentes, para não ter de contribuir. **7.** É ele próprio que carrega do mercado as carnes e os legumes que comprou, no bolso do casaco¹⁵⁴. **8.** Não sai de casa, quando manda lavar o casaco¹⁵⁵. **9.** Se tem notícia de que um dos amigos anda a fazer uma subscrição, mal o vê aproximar-se, muda de caminho e vai dar uma grande volta para chegar a casa. **10.** Apesar de a mulher lhe ter trazido um dote, não lhe compra uma escrava; o mais que faz é contratar-lhe, no mercado, uma rapariguita para a acompanhar quando sai à rua. **11.** Traz uns sapatos todos remendados e ainda comenta: “Resistentes que nem cornos!”. **12.** Quando se levanta, é ele que varre a casa e desinfesta as camas. **13.** Para se sentar, dobra o casaco, que é a única peça de roupa que traz vestida¹⁵⁶.

pai da recém-casada (cf. Eurípides, *Ifigénia em Áulide* 718-722). As carnes do sacrifício seriam normalmente usadas para obsequiar parentes e amigos.

¹⁵² O trierarco assumia o encargo público de equipar um navio que punha ao serviço do Estado, e de que cabia o comando.

¹⁵³ As Musas protegiam o saber, as artes e, portanto, as escolas; logo a festa que as homenageava fazia-se com o contributo dos pais dos alunos. Cf. Ésquines, *Contra Timarco* 1.10.

¹⁵⁴ Isto é, faz ele as compras em vez de mandar o criado (cf. XI. 8 e nota respectiva) e depois carrega-as no bolso.

¹⁵⁵ Naturalmente porque não tem outro.

¹⁵⁶ Ao virar o casaco para cima, o forreta procura poupá-lo. Nem todos os editores estão, no entanto, de acordo sobre o sentido do verbo παραστρέψαι como “dobrar” no momento de se sentar. Jebb and Sandys e Vilardo preferem entender que ele dobra o casaco e o põe de lado, para o poupar apesar de velho, e se senta sem nada por baixo. Diggle 2004: 429, por seu lado, entende que ele dobra o casaco com ele vestido e, como é esta a única peça de roupa que traz, o resultado é desconfortável para ele e para quem observa a cena. Sobre o τρίβων como um casaco ordinário usado por gente modesta, cf. Aristófanes, *Acarnenses* 184, *Vespas* 1131; Platão, *Protágoras* 335d.

XXIII

O GABAROLA¹⁵⁷

A gabarolice é, ao que parece, o apregoar de vantagens que se não possuem. 2. Eis o perfil do gabarola. De pé no mercado do Pireu¹⁵⁸, apregoa a gente de fora os grandes negócios que tem no mar; enumera o volume de empréstimos, faz contas aos lucros e às perdas¹⁵⁹; e, no meio daquela discursata, manda o escravo ao banco, onde nem uma dracma tem depositada. 3. Na rua, goza de fininho quem o acompanha, com histórias das campanhas que fez com Alexandre, da intimidade que tinha com o príncipe e da colecção de taças cravejadas de pedrarias que de lá trouxe¹⁶⁰; disserta sobre os artesãos da Ásia, que

¹⁵⁷ A Comédia Antiga consagrou o uso de ἀλαζών como um insulto, aplicado ao gabarola ou fanfarrão; cf. Aristófanes, *Acarnenses* 109, *Cavaleiros* 269, *Nuvens* 102, 1492, *Rãs* 909; os visados são, nestes passos, políticos, sofistas e um velho poeta com o ascendente de Ésquilo. Aristóteles, em *Ética a Nicómaco* 1108a 21 sqq., caracteriza-o por oposição ao εἰρώων (I): o ἀλαζών exagera os seus méritos, enquanto o εἰρώων os minimiza; por fim, considera mais reprovável o ἀλάζων, porque minimizar os próprios méritos é tendência da virtude (*Ética a Nicómaco* 1127b 7-8). E logo os gabarolas são catalogados segundo três objectivos (1127b 9-14): os que agem sem nenhum fito, que acabam sendo sobretudo idiotas; os que desejam prestígio e, finalmente, os que procuram vantagens materiais. O tipo em Teofrasto parece receber características dos dois primeiros modelos do gabarola: um tanto inócuo nas suas pretensões, embora não alheio a um vago desejo de se impor à consideração dos outros.

¹⁵⁸ Parece tratar-se de um mercado onde os bens são “expostos” (δείγματι), eventualmente no Pireu (cf. Xenofonte, *História da Grécia* 5. 1. 21; Demóstenes 35. 29, 50. 24; o *schol. Cavaleiros* 979a situa-o no Pireu.

¹⁵⁹ O gabarola relata os seus negócios de financiador a juros da faina marítima, um investimento particularmente vultoso e arriscado. Para esses investimentos, a regra era o “empréstimo de risco”: se houvesse acidente, o beneficiário do empréstimo nada tinha a pagar; mas em caso de bom sucesso na viagem, a taxa de juro era muito superior ao comum (cf. Demóstenes 32. 5).

¹⁶⁰ Comportamento a carácter com o tipo cómico do soldado fanfarrão (cf. Plauto, *Soldado fanfarrão*, *passim*).

são melhores do que os da Europa, e outras lérias do género, quando nunca pôs os pés fora de Atenas. **4.** Afirma que recebeu uma carta de Antípatro – já a terceira –, a insistir com ele para ir para a Macedónia¹⁶¹; que lhe foi facultada a exportação de madeiras, livre de direitos, o que ele recusou, não vá que alguém o denunciasse¹⁶² ... **5.** Em época de fome, gastou, em dádivas aos cidadãos necessitados, para cima de cinco talentos¹⁶³; é que dizer não é coisa que não consegue fazer. **6.** Se se lhe senta ao lado um grupo de desconhecidos, pede a um deles que lhe passe as pedras de calcular; faz então as contas por cada seiscentas dracmas e por unidade, com a indicação, para maior crédito, do nome de cada beneficiário e chega a atingir os dez talentos¹⁶⁴. E isto, nas palavras dele, só em donativos

¹⁶¹ Antípatro foi regente da Macedónia durante a campanha de Alexandre na Ásia, em 334 a. C., e, mais tarde (323 a. C.), depois da morte do rei. Logo a seguir, uma federação de cidades gregas entendeu confrontar-se com o novo poder macedónico, tendo vindo a sofrer uma derrota em 322 a. C., com condições pesadas para Atenas, que foi obrigada a pagar uma indemnização, a ver exilados alguns dos seus cidadãos e ocupado o Pireu por uma guarnição inimiga. Até 319 a. C., ano da sua morte, Antípatro manteve a autoridade suprema no reino da Macedónia. *Vide supra* VIII. 6 e respectiva nota. Cf. Walbank, Astin, Fredericksen, Ogilvie 1989: 30-32.

¹⁶² Pela sua qualidade, a madeira da Macedónia era um produto particularmente interessante para a construção naval ateniense. Fazer uma negociação com o inimigo, que implicasse a importação de bens de um território suspeito, estava sujeita a uma denúncia de cumplicidade com o inimigo. O texto a seguir coloca sérias dúvidas, ainda que entendido por alguns como equivalente a “Os Macedónios deviam ter sido mais esper-tos!”. Diggle 2004: 437-438 recusa esta interpretação e conforma-se com a ideia da incompreensibilidade do passo.

¹⁶³ “Umhas centenas de contos” poderia ser uma versão adequada no português contemporâneo para a expressão de uma quantia que se pretende sugerir avultada. Entre os anos 330-326 a. C., Atenas conheceu, de facto, uma grande crise económica (cf. Demóstenes 34. 37-39).

¹⁶⁴ Para materializar o volume de empréstimos que pode fazer – não se trata já das dádivas, mas de outros negócios –, o gabarola passa a contas concretas. A proporção do dinheiro grego é a seguinte: 100 dracmas = 1 mina; 60 minas = 1 talento. “Faz as contas por cada 600 dracmas e por

para as subscrições, fora as trierarquias e liturgias de que se encarregou¹⁶⁵. **7.** Dirige-se aos vendedores de cavalos puro sangue e finge que está comprador. **8.** Aparece nos armazéns e pede tecidos até ao montante de dois talentos; depois barafusta com o criado por não ter trazido dinheiro com ele. **9.** Embora viva numa casa alugada, conta a quem não conhece a situação que aquela é a casa da família, e que anda até a pensar em vendê-la por ser acanhada demais para os hóspedes que recebe.

unidade”, ou seja, atribui a um grupo de pedrinhas sobre o ábaco (*vide supra* XIV. 2 e respectiva nota) o valor de 600 dracmas e a outro o de uma unidade, de modo a somar parcelas de valia diferente.

¹⁶⁵ Sobre as trierarquias e liturgias, *vide supra* XXII. 2, 5 e notas respectivas.

XXIV

O ARROGANTE¹⁶⁶

Arrogância é o desprezo por todos os outros, menos por si próprio. **2.** Eis o perfil do arrogante. A quem o procura com urgência, responde que só o recebe depois do jantar, durante o passeio¹⁶⁷. **3.** Se faz um favor, proclama-o alto e bom som. **4.** É pelo caminho, em andamento, que se pronuncia sobre as questões em que foi constituído como árbitro¹⁶⁸. **5.** Se o elegem para um cargo, declara-se, sob juramento, indisponível¹⁶⁹, alegando falta de tempo. **6.** Nunca toma a dianteira num encontro¹⁷⁰. **7.** Vendedores e negociantes, é menino para os mandar vir a sua casa ao nascer do dia. **8.** Quando anda na rua, não dá trela a quem o encontra; mete a cara no chão, e só quando lhe dá na veneta levanta os olhos. **9.** Se tem amigos em casa para jantar, não se digna vir para a mesa; encarrega um dos seus subordinados de os receber. **10.** Nunca sai de visita sem mandar alguém à frente anunciar a sua chegada. **11.** Está a fazer massagens, a tomar banho ou à mesa, não recebe

¹⁶⁶ Existe uma relação entre o arrogante e o autoconvencido (XV), embora a diferença principal resida no estatuto social; pelos cargos que desempenha e os contactos que tem, o arrogante é um sujeito com prestígio social; mas supervaloriza esse prestígio e, por isso, assume atitudes de grande majestade e imponência. Também Aristóteles, na *Ética a Nicómaco* 1124a 20-30, se ocupa do arrogante.

¹⁶⁷ Adia, sem motivo aparente, a conversa e transfere-a para um sítio público, pouco próprio para o efeito.

¹⁶⁸ Decerto que há lugares com dignidade para arbitrar questões. Fazê-lo na rua e em movimento é um manifesto desprezo pelas pessoas envolvidas no assunto. Sobre a arbitragem, *vide supra* V. 3 e respectiva nota.

¹⁶⁹ Declinar a eleição para um cargo exigia uma justificação prestada “sob juramento”, portanto solene, diante da assembleia. “Jurar” que se não tem tempo é uma má justificação (cf. Demóstenes 19. 124, sobre a justificação por motivos de saúde).

¹⁷⁰ O que significaria reconhecer a superioridade do interlocutor.

ninguém¹⁷¹. **12.** Se está a fechar contas com alguém, passa as pedrinhas a um dos seus subordinados, para ele somar o total e registar o débito. **13.** Se dá instruções por carta, não diz: “Fazias-me um favor se ...”, mas “Exijo que se faça assim ou assado”, “O meu representante vai a caminho”, ou “Não há outra solução! E sem demora!”.

¹⁷¹ Estas são situações que em geral se processam em terreno público ou em companhia, mas para que o arrogante exige privacidade.

XXV

O COBARDE¹⁷²

A cobardia, em realidade, parece ser uma rendição do espírito, causada pelo medo. **2.** Eis o perfil do cobarde. Se viaja por mar, confunde promontórios com navios de piratas¹⁷³. Se há ondulação, pergunta se existe a bordo alguém que não seja iniciado¹⁷⁴. Põe-se a olhar para o céu e a informar-se junto do piloto se a viagem já vai a meio¹⁷⁵ e o que acha da cara do tempo. Conta ao sujeito do lado que está alarmado com um sonho que teve. Despe a túnica e entrega-a ao criado¹⁷⁶; por fim, pede que o desembarquem. **3.** Em campanha, no momento em que os reforços de infantaria se preparam para atacar, ele chama ...; pede-lhes que fiquem ali ao pé dele e olhem bem em volta primeiro, com o pretexto de que é obra distinguir os inimigos¹⁷⁷.

¹⁷² Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1115a 4–1115b 6, 1117a 29–1117b 22, 1128a 26–1130a 36) trata da cobardia, que articula, por oposição com a temeridade, face à justa medida que será a coragem. Também a comédia se apoderou deste tipo, de que existem alguns exemplos felizes como o Dioniso de *Rãs*. Não que o medo não seja legítimo face a situações que o justifiquem; mas o cobarde avalia tudo por igual medida e apavora-se em momentos inoportunos ou injustificadamente. As situações que Teofrasto explora desenrolam-se em dois contextos: a viagem marítima (cf. o caso cómico de *Rãs*) e a guerra.

¹⁷³ Cf. Heródoto 8. 107. 2, a propósito da retirada persa de Salamina.

¹⁷⁴ O cobarde entende perigosa a companhia de um não iniciado, que podia pôr em risco a protecção divina e a salvação colectiva. A religião aqui referida pode ser a dos Cabiros, celebrada na Samotrácia, Lemnos e Ásia Menor, especialmente ligada com os mareantes (cf. Aristófanes, *Paz* 277-279; Diodoro 4. 43. 1-2, 5. 49. 5-6) e muito em voga no séc. IV a. C.

¹⁷⁵ Ou seja, longe de escolhos e do risco de encalhar, uma preocupação natural em quem viaja entre ilhas. Por outro lado, uma viagem que já vai a meio tem o fim também mais próximo.

¹⁷⁶ Para poder nadar melhor, em caso de naufrágio.

¹⁷⁷ As tropas de infantaria em que o cobarde se inclui avançam como reforço, num momento em que a batalha já decorre; daí o pretexto de que é preciso primeiro localizar bem os inimigos.

4. Ao ouvir os gritos e ao ver os combatentes tombarem, diz aos que o rodeiam que, com a pressa, se esqueceu de pegar na espada; corre para a tenda; desembaraça-se do criado, que manda observar o movimento dos inimigos, esconde a espada debaixo do travesseiro e fica tempos infindos a fingir que a procura. 5. Se vê, quando está na tenda, um dos amigos que é transportado, ferido, corre para ele, diz-lhe palavras de encorajamento, e ajuda a levá-lo; trata dele, lava-o com uma esponja e senta-se-lhe à cabeceira a sacudir as moscas das feridas. Enfim, prefere seja o que for a bater-se com os inimigos. 6. Se se ouve o clarim a dar o sinal de batalha, fica sentado na tenda a bradar: “Raios o partam! Não deixa o desgraçado pegar no sono com o barulho que faz!”. 7. Coberto de sangue dos ferimentos do outro, vai ao encontro dos que regressam do combate, para lhes contar, como se tivesse corrido um grande risco: “Salvei um dos nossos!”. 8. Leva então os companheiros do bairro, os confrades e a gente da sua tribo a visitar o doente, enquanto vai contando a todos, um por um, que foi ele quem, com as suas próprias mãos, o trouxe para a tenda.

XXVI

O DITADOR¹⁷⁸

A ditadura é, por assim dizer, uma espécie de opção política ávida de poder e fortuna. **2.** Eis o perfil do ditador. No momento de o povo escolher os seus representantes para coadjuvarem o arconte na organização da procissão¹⁷⁹, ele sobe à tribuna e declara que convém dar a esses homens plenos

¹⁷⁸ Ο ὀλιγαρχικός é um conservador, que pretende assumir a pose de um aristocrata. Todo ele é arcaizante em palavras e atitudes: situa na idade dos heróis o seu ideal, tem uma linguagem pomposa e sentenciosa, afirma-se solidário com uma certa facção política. Mas é, sob esta capa, um ambicioso, como a própria definição inicial indica desde logo, e um sujeito que visa sobretudo os seus interesses pessoais e alimenta um profundo desprezo pelas massas. Este carácter representa essencialmente uma caricatura de um tipo político, que deveria constituir em Atenas o modelo de uma facção oposta à democrática (Platão, *República* 553a sqq.); e a alternância entre os dois modelos governamentais, oligárquico e democrático, ocorreu em Atenas com particular fluidez entre os anos 322-307 a. C., período coincidente com o da composição de *Caracteres*.

¹⁷⁹ Competia ao arconte epónimo (aquele que dava o nome ao ano, como um dos mais intervenientes no colégio de nove que constituía a mais relevante magistratura ateniense) a organização de algumas festividades religiosas, como as Grandes Dionísias, e ao arconte-rei a superintendência da vida religiosa da cidade, em geral. Na execução dessas tarefas eram auxiliados por comissões, cujos elementos eram eleitos pela assembleia. A procissão aqui vagamente referida podia enquadrar-se nas Panateneias, nas Grandes Dionísias ou no culto de Elêusis. As Panateneias, em final de Julho, celebravam Atena e o momento principal da festa era a procissão, que mobilizava todas as forças vivas da cidade; numa lenta ascensão da Acrópole, a procissão tinha por finalidade dedicar à deusa, no Pártenon, o *peplos* bordado por jovens de Atenas. O testemunho mais célebre desta festa é o friso escultural do Pártenon; cf. Rocha Pereira ⁸1998: 349-351. As Grandes Dionísias, por sua vez, eram o mais importante dos festivais dedicado a Dioniso, na Primavera, e implicavam um cortejo que trazia a imagem do deus de um templo próximo da Academia, para o do teatro de Dioniso, no sopé da Acrópole. Cf. Rocha Pereira ⁸1998: 353-365. Finalmente os mistérios de Elêusis tinham uma celebração importante em finais de Setembro, que começava com a vinda, em procissão, dos objectos sagrados de Elêusis para Atenas e encerrava com o seu regresso ao lugar de proveniência. Cf. Rocha Pereira ⁸1998: 312 sqq.

poderes. Se os outros propuserem dez nomes, ele insiste que “Um só é suficiente, desde que se trate de ‘um homem com letra grande’”¹⁸⁰. Dos versos de Homero há um único que ele retém: “Não resulta o governo de muitos; é a um só que se deve confiar o poder”; dos outros versos nem faz a menor ideia¹⁸¹.

3. É menino para usar frases do estilo: “São pessoas como nós que devem reunir-se¹⁸² para tomar uma decisão sobre o assunto. Mantenhamo-nos arredados do populacho e da praça pública. Devemos abster-nos do exercício de magistraturas e de recebermos dessa gentalha insultos ou honras”¹⁸³. Ou então: “Das duas, uma: a viver nesta cidade, ou eles ou nós!”¹⁸⁴. **4.** Quando, já meio-dia dado¹⁸⁴, sai de casa, de túnica bem posta, cabelo bem cortado, unhas bem cuidadas, manda para o ar, em tom dramático, tiradas do género: “É graças aos sicofantas que esta cidade se tornou inabitável”¹⁸⁵; “Nos tribunais, fazem de

¹⁸⁰ Este tipo de autoridade plena e incondicional podia ser atribuída, em situações de crise extrema, a arcontes, generais, ou outros altos representantes do Estado, como embaixadores, por exemplo. Mas é um exagero descabido em tarefas de rotina na vida colectiva. A proposta do ditador resulta em dois reforços do poder: autoridade plena, isto é, isenta de prestação de contas perante a assembleia, e ainda por cima confiada a um único homem; concentração de um poder ilimitado na mão de um só cidadão, eis o exagero da proposta.

¹⁸¹ Cf. *Iliada* 2. 204. A citação de Homero como um modelo a seguir é, por si só, um elemento de caracterização deste tipo. Diggle 2004: 467 considera que “a afirmação de que só se conhece, de Homero, um único verso equivale a confessar um desprezo total pelos valores civilizacionais”.

¹⁸² O ditador tem em mente os grupos sociais, formados por membros da aristocracia, atentos a defender os interesses da sua classe.

¹⁸³ O ditador receita a abstenção política por considerar um vexame receber, da assembleia do povo, um cargo, dependendo de votos favoráveis ou desfavoráveis, para no fim ter ainda de lhe prestar contas.

¹⁸⁴ A hora em que o bulício matinal cessou e ele se não vê já misturado com a multidão. Logo, todo o cuidado posto na aparência não tem por efeito impressionar seja quem for, durante as horas em que as ruas estão vazias; e os comentários que atira para o ar ‘em tom dramático’ tão pouco têm destinatário.

¹⁸⁵ A palavra “sicofanta”, “delator do figo”, aplicou-se àqueles que recebiam a incumbência de denunciar o comércio ilegal de figos, num tempo em que a sua exportação estava proibida. Mais tarde, o termo passou a aplicar-se

nós gato-sapato, com a corrupção que por lá grassa”¹⁸⁶; “Não consigo entender o que pretende quem se mete em política”; “É de uma ingratidão total a população, sempre esquecida de quem distribui ou dá”; e que vergonha não sente, na assembleia, quando se lhe senta ao lado um parceiro qualquer, escanzelado e imundo. 5. E interroga-se: “Quando acabará essa praga das liturgias e das trierarquias¹⁸⁷, que é a nossa ruína?”; “Maldita raça, a dos demagogos!”. E afirma ter sido Teseu¹⁸⁸, antes de mais, o culpado das desgraças da cidade; foi ele, de facto, que, por ter juntado as doze cidades numa só, ... Mas teve o que merecia, porque acabou por ser ele a sua primeira vítima. E outras do mesmo calibre dirigidas a estrangeiros e compatriotas, que partilham com ele atitudes e opções políticas.

ao delator em geral que, por interesses de lucro, vive da denúncia e da perseguição. Este modelo social tornou-se uma pecha indesejável no sistema democrático de Atenas, que a Comédia Antiga constantemente criticou e ridicularizou (cf., e. g., Aristófanes, *Acarnenses* 904-928, *Aves* 1420-1468). As classes aristocráticas e mais abonadas eram, dentro do regime democrático que deu aos sicofantas a razão de existir, as suas principais vítimas.

¹⁸⁶ Cf. a caricatura feita por Aristófanes, *Vespas*, a esta instituição democrática. A condição de fundo responsável pelo viciamento do sistema jurídico era o seu compromisso com o poder político, não havendo a indispensável separação entre os dois. Em *Vespas* Cléon, o “protector” dos juízes, é o símbolo dessa parceria (cf. 242-244). Através do pagamento de um salário, que representa a própria sobrevivência dos juízes (303-311), os políticos controlam a sua actuação. Segue-se a sedução das palavras, a corrupção retórica na barra do tribunal, que culmina no uso de uma autoridade arbitrária, pronta a condenar a seu bel-prazer.

¹⁸⁷ *Vide supra* XXII. 2, 5 e respectivas notas.

¹⁸⁸ Cf. Tucídides 2. 15; Plutarco, *Teseu* 24. A Teseu, rei lendário de Atenas, foi atribuída a fusão das povoações áticas, com igualdade de direitos, numa comunidade democrática (sinecismo) que deu origem à cidade de Atenas. Há múltiplos elogios a Teseu como o fundador da democracia; cf. Eurípides, *Suplicantes* 350-353, 403-408, 429-441; Demóstenes 59. 75, 60. 28. Mais tarde, o povo de Atenas, levado por um demagogo, o primeiro da espécie, acabou por condenar Teseu ao exílio (cf. Plutarco, *Teseu* 32-35). Daí o ditador poder dizer que foi Teseu a primeira vítima do próprio regime que criara.

XXVII

O REMOÇADO¹⁸⁹

O remoçamento é uma espécie de ânsia de actividade desproporcionada com a idade. **2.** Eis o perfil do remoçado. Aos sessenta anos, põe-se a decorar tiradas retóricas, mas vai para recitá-las e, entre um copo e o seguinte, passaram-lhe de ideia. **3.** Aprende com o filho: “Direita!”, “Esquerda!”, “Meia volta, volver!”¹⁹⁰. **4.** Nas festas dos heróis, junta-se à rapaziada para participar na corrida dos fachos¹⁹¹. **5.** Se se der o caso de o convidarem para um sacrifício a Hércules¹⁹², despe o casaco e

¹⁸⁹ Literalmente, o grego ὀψιμαθία significa “aprendizagem tardia”, e o retrato evidencia os exageros ridículos a que se sujeita aquele que, fora do tempo, quer actuar como um jovem. A aprendizagem contínua, consagrada nas palavras de Sólon “envelheço aprendendo sempre muita coisa”, era conceito em geral aceite pelos Gregos. Mas essa aprendizagem devia assentar num hábito, numa educação desencadeada desde a infância e progressivamente melhorada e alargada. O excesso é próprio daquele que *começa* fora do tempo, que pretende de repente empenhar-se numa actividade para que não está treinado. Talvez, em português, a tradução “remoçado” possa dar a dimensão daquele que, fora da idade, tem pretensões a menino ou se inicia em atitudes totalmente novas e despropositadas. Estrepsiades de *Nuvens* e Filócleon de *Vespas* correspondem a exemplos deste tipo.

¹⁹⁰ Literalmente “para o lado (onde se leva a) lança” = “para a direita”, “para o lado (onde se usa o) escudo” = “para a esquerda”, “para a cauda” = “para trás” (cf. Xenofonte, *Ciropedia* 7. 5. 6, *Anábase* 4. 3. 26), em linguagem militar. Com o filho, o nosso homem faz a recruta, como se tivesse vinte anos.

¹⁹¹ Havia diversos festejos locais dedicados a heróis individuais (Teseu, Ájax, Aquiles), de que fazia parte, além dos habituais cortejos e sacrifícios, uma corrida de fachos. Esta era uma prova de estafetas, em que diversos grupos de corredores se disputavam, passando o facho de uns para os outros. Sobre o culto dos heróis, *vide* Burkert 1985: 203-208.

¹⁹² Pequenos templos dedicados ao culto de Hércules proliferavam por toda a Ática (cf. Eurípides, *Hércules Furioso* 1327). Este culto aparece associado à figura de Teseu (cf. Plutarco, *Teseu* 35). Erguer o boi sobre o altar era um ritual de exibição de força, à medida do próprio Hércules, para ser executado por jovens robustos.

pega no boi, para lhe pôr a corda ao pescoço¹⁹³. **6.** Frequenta as palestras para praticar luta corpo a corpo. **7.** Nos espectáculos de feira, aguenta três ou quatro vezes os números para lhes decorar as cançonetas. **8.** Durante a iniciação nos mistérios de Sabázio, faz tudo para dar nas vistas ao sacerdote¹⁹⁴. **9.** Anda de amores com marafonas, manda-se-lhes aos coices à porta, leva uma coça de um rival e acaba tudo na justiça. **10.** Mete-se a caminho do campo num cavalo que lhe não pertence, põe-se a armar em cavaleiro, espalha-se e esborracha os miolos. **11.** Nos clubes do dia dez, é ele ...¹⁹⁵ **12.** Joga às estátuas¹⁹⁶ com o próprio escravo. **13.** Atira ao arco e lança dados juntamente com o pedagogo dos filhos e vai-os incitando a aprender com ele, como se o outro fosse um ignorante na matéria. **14.** Nas termas, quando luta, sacode as ancas com força, para parecer que tem muito treino. **15.** Quando há mulheres por perto, lá começa ele a ensaiar o passo e a cantarolar o acompanhamento. **16.** Eis como a ânsia de aprendizagem põe as pessoas malucas e lhes dita comportamentos fora de propósito.

¹⁹³ Diggle 2004: 481 considera que o objectivo do remoçado é colocar uma corda ao pescoço do boi, “para presumivelmente lhe puxar a cabeça para trás e lhe expor o pescoço ao golpe da faca”.

¹⁹⁴ *Vide supra* XVI. 4 e respectiva nota.

¹⁹⁵ Estes eram agrupamentos de jovens, que promoviam encontros no dia 10 de cada mês, para uma refeição e uma pândega em conjunto.

¹⁹⁶ O que o texto diz propriamente é “joga à estátua grande”, brincadeira desconhecida para nós. Cf. Diggle 2004: 484 sobre as dificuldades causadas por este passo.

XXVIII

O MALEDICENTE¹⁹⁷

A maledicência consiste na tendência do espírito para tornar tudo pior por palavras. 2. Eis o perfil do maledicente. Pergunta-se-lhe: “Quem é fulano?” e ele ..., à maneira dos genealogistas¹⁹⁸, avança: “Vou começar, antes de mais, pelos antepassados do sujeito¹⁹⁹. O pai, a princípio, chamava-se Sósia; no tempo da tropa, passou a ser Sosístrato; quando se inscreveu na lista dos nossos concidadãos, virou Sosidemo²⁰⁰. Por seu lado, a mãe é uma dama

¹⁹⁷ O maledicente, em Teofrasto, tem dois alvos predilectos: estrangeiros e mulheres. E o alcance das suas observações tem uma natureza privada, onde falta outro objectivo que não seja o próprio gosto de dizer mal. No entanto, ele não deixa de usar, como justificativa das más ausências que faz, as ideias de “democracia” e “liberdade”, expressas no quotidiano de Atenas pela *parrhesia* ou liberdade no uso da palavra. Consagrada como uma prerrogativa do cidadão de um Estado democrático, tem expressão clara no âmbito político propriamente dito, mas também a comédia se caracterizou pela sua actuação como veículo de uma mensagem didáctica concretizada no ataque desassombrado. A fronteira entre a liberdade de expressão, saudável norma democrática, e a maledicência pode, porém, tornar-se muito ténue.

¹⁹⁸ Ou seja, como quem se prepara para recitar uma longa genealogia. O gosto por este tipo de texto está documentado na literatura grega desde a épica homérica, tendo na *Teogonia* de Hesíodo e nas *Genealogias* de Hecateu alguns dos exemplos mais tradicionais. Já em época clássica, famílias e cidades procuravam no passado um fundamento para a sua credibilidade e ascendência. A tragédia, sobretudo Eurípides, regressou ao motivo, que se impõe principalmente nos prólogos. Este é um dos aspectos estruturais da produção do trágico que a comédia mais valoriza em termos de caricatura (cf. Aristófanes, *Tesmofórias* 855-870, *Rãs* 1180-1247). Por sua vez a comédia não deixa de aproveitar para tirar deste elemento o efeito possível (cf. *Acarnenses* 46-51).

¹⁹⁹ O maledicente está a usar uma fórmula própria dos discursos fúnebres ou dos encómios; cf. Tucídides 2. 36. 1; Demóstenes 60. 3.

²⁰⁰ Sósia é um nome trácio, próprio de um escravo (cf. Aristófanes, *Véspas* 136; Plauto, *Anfitrião*; Terêncio, *Sogra*). No exército, o mesmo sujeito, já liberto, acrescentou ao nome *-στρατος* “exército”; simplesmente o efeito final resultou em algo que sugere “o salvador do exército” (σώζω,

da Trácia; chama-se ...²⁰¹. Sujeitas desse calibre, lá na terra delas, são tidas por grandes damas. Quanto ao fulano, o digno herdeiro desta cambada, é um safado marcado a ferro”. 3. Vira-se para um tipo qualquer e ... manda-lhe com esta: “Eu, claro, ... Fulanas dessa laia arrastam para casa o primeiro que passe na rua”. Ou então: “Esta é uma casa com as pernas para o ar²⁰². E não é piada o que estou a dizer. É que são gajas para acasalar pelas ruas que nem cadelas!”; “Numa palavra, uns diabos de saias!”; “São sujeitas para irem, em pessoa, abrir a porta da rua”²⁰³. 4. É certo e sabido que, se outros estiverem na maledicência, ele está logo pronto a meter a colherada: “Não há fulano que eu mais deteste do que esse! Só olhar para a cara dele já dá engulhos. Safado

ατρατός). Por fim, conseguiu, por um golpe baixo, fazer-se inscrever na lista dos cidadãos atenienses e alterou o segundo elemento de composição do nome para -δημος “povo”, passando a sugerir qualquer coisa como “salvador do povo”. Recorde-se que ser cidadão ateniense resultava de ser filho de pais atenienses, ou de adopção. Qualquer fraude em casos destes estava sujeita a um processo de impugnação de cidadania. A ascensão do nosso homem era, portanto, extraordinária e só possível por fraude; o arranjo progressivo do nome acompanha a mudança de estatuto. Diggle 2004: 488, no entanto, salienta que todas estas deduções são deixadas pelos comentários do maledicente como insinuações não explícitas. E documenta, para cada um dos nomes, o seu uso por cidadãos, estrangeiros e escravos.

²⁰¹ Esta parece uma forma irónica de sugerir que se tratava de uma escrava ou prostituta, de origem trácia. Cf. Aristófanes, *Acarnenses* 273, *Paz* 1138, *Tesmofórias* 279-280, 284, onde é referida uma escrava com o nome de Trata. Diggle 2004: 490-491 discute as propostas sugeridas para preencher este passo e esclarecer-lhe a omissão. Pressupõe que algo se dissesse sobre esta mulher como “marcada a ferros”, para justificar que o filho, como seu legítimo herdeiro, o fosse também. Sugere ainda um sentido ambíguo: uma marca que, na Trácia, podia indicar nascimento nobre, em Atenas, identificava um criminoso.

²⁰² Ou seja, com uma atitude de comportamento sexual como quem a habita.

²⁰³ Abrir a porta era função de escravo. E se já se considerava reprovável que o dono da casa atendesse em pessoa (cf. IV. 9), a discrição imposta às mulheres da família proibia-lhes totalmente esse gesto (cf. Aristófanes, *Paz* 981-985, *Tesmofórias* 797,799, *Mulheres na assembleia* 693-696).

como só ele! Querem uma prova? Pois à mulher que lhe trouxe um dote de milhares, desde que lhe deu um filho²⁰⁴, ele passou a entregar-lhe três soldos por dia para a comida e a obrigá-la a lavar-se com água fria em pleno inverno²⁰⁵. **5.** É menino para se pôr, com quem se lhe senta ao lado, a roer na casaca do fulano que se levantou para falar²⁰⁶; e depois de começar nunca mais acaba, até a família do tipo mete ao barulho. **6.** Diz horrores dos amigos, dos parentes e até dos mortos²⁰⁷; à maledicência chama ele “direito à palavra”, “democracia” e “liberdade”. Faz dessa actividade da má língua o sal da sua vida.

²⁰⁴ Ou seja, desde que o filho nasceu, como o dote que a mulher trouxe para o casamento deixou de correr risco de devolução à sua família, o maledicente passou a tratá-la pior.

²⁰⁵ Literalmente “durante o mês de Posídon”, que corresponde a Dezembro / Janeiro.

²⁰⁶ Provavelmente numa assembleia.

²⁰⁷ Havia uma lei, da autoria de Sólon, que proibia a maledicência contra os mortos; cf. Demóstenes 20. 104, 40. 49; Plutarco, *Sólon* 21. 1.

XXIX

O PADRINHO DO VIGARISTA²⁰⁸

Apadrinhar a vigarice é uma atracção pelo mal. **2.** Eis o perfil do vigarista. É um tipo que procura quem perdeu uma causa ou quem saiu condenado de um tribunal público, por pensar que, se se juntar a gente dessa, aprende os truques da “arte” e se torna mais temível. **3.** Quanto à gente de bem, comenta ...; porque, segundo ele, gente séria não existe, é tudo a mesma coisa; e é no gozo que declara: “Que tipo sério!”. **4.** Ao vigarista ele chama “um espírito livre” e se alguém quiser ...; concorda que uma parte do que dele se diz é verdade, embora reclame que há certas coisas ...; de facto, do seu ponto de vista, o vigarista é um sujeito bem dotado, amigo do seu amigo, cheio de tacto. E vai mais longe, ao sustentar que nunca encontrou ninguém com mais capacidade. **5.** Dá-lhe todo o apoio quando um vigarista fala na assembleia ou é julgado em tribunal; e é menino para recomendar ao juiz: “Não é o homem que se deve julgar, é a questão em si”. Afirma que o tipo é o cão de guarda do povo (porque ladra a quem comete delitos)²⁰⁹; para, por fim, prevenir: “Não teremos mais quem cuide dos interesses colectivos, se arredarmos gente

²⁰⁸ Πονηρός “safado” tornou-se um adjectivo muito frequente para definir os oportunistas, aventureiros e indivíduos sem escrúpulos, a que o regime democrático abriu o caminho promissor do sucesso. Ao delinear o retrato de um político nova vaga, em *Cavaleiros* (185-187), Aristófanes retrata-o como “vigarista filho de vigaristas”. Também Tucídides (8. 47. 2) quase assimila *democracia* e *poneria*. Associado à vigarice, o oportunismo, a falta de cultura, mas também a ousadia e o expediente, constituem o padrão perfeito deste tipo próspero na democracia, que vem desviar, da mão da aristocracia tradicional, o poder. Teofrasto preserva estas “qualidades” do πονηρός, mas amplia-as com o φιλοπονηρός (cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1165b 16), que tem consciência do poder social do vigarista, sobreposto à lei e aos princípios.

²⁰⁹ Cf. Aristófanes, *Cavaleiros* 1022-1027; Demóstenes 25. 40.

desta”. 6. É também menino para se pôr do lado da gentalha e para tomar parte num júri, quando se ajuíza sobre as vigarices cometidas. E, no momento da sentença, reage de forma negativa aos depoimentos das duas partes.

7. Numa palavra: o apadrinhamento da vigarice é irmão da própria vigarice e bem verdadeiro é o ditado que diz: “Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”²¹⁰.

²¹⁰ Literalmente: “Cada um se junta aos seus iguais”.

XXX

O EXPLORADOR²¹¹

A exploração é a tendência para o ganho indecoroso. **2.** Eis o perfil do explorador. Quando recebe gente em casa, não põe pão que chegue na mesa. **3.** Se acolhe um hóspede, pede-lhe dinheiro emprestado. **4.** Quando se encarrega de uma distribuição de donativos, põe-se a dizer que quem distribui merece o dobro, e vá de se alambazar com ele. **5.** Quando põe vinho à venda, aos amigos impinge-o a martelo. **6.** Aos espectáculos só vai com os filhos, se a organização admite borlas²¹². **7.** Se se ausenta em missão diplomática, por conta do Estado, as ajudas de custo que lhe foram atribuídas deixa-as em casa, para pedinchar as dos companheiros de embaixada. E mesmo ao criado, que sobrecarrega com uma carga superior à que ele aguenta²¹³, dá uma razão

²¹¹ Cf. IX, X, XXII, em que a avareza é também um factor de identificação. Sobre este tipo humano, *vide* Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1122a 1-12. É notória a extensão particular deste último *Character*, que engloba alguns traços já antes abordados, ainda que numa perspectiva própria. De uma forma geral, as características da avareza estão, neste caso, superlativadas. Uns escassos dois exemplos poderão abonar este retomar de motivos a um nível diferente: se o mesquinho (X. 13) proíbe a mulher de fazer aos vizinhos pequenos empréstimos, o explorador acaba radicalmente com quaisquer generosidades; ou se o forreta (XXII. 8) não sai de casa quando manda lavar o único casaco que tem, o explorador pede um emprestado a um amigo que depois tarda em devolver. Dentro do conjunto dos sovinas em *Caracteres*, este é um sujeito que, apesar de não ter falta de dinheiro, se preocupa sobretudo em beneficiar do alheio.

²¹² O Estado cedia, nesta época de finais do séc. IV a. C., a utilização do teatro de Dioniso a um concessionário que podia cobrar entradas, mas que assumia também a conservação do edifício. Cf. Pickard-Cambridge 1968: 266.

²¹³ O escravo que acompanha o senhor em viagem e lhe carrega com as bagagens tornou-se um motivo convencional da comédia. Cf. o caso paradigmático de Xântias, nas *Rãs* de Aristófanes (1-20). Sempre provocador de um público que lhe não regateia aplausos, o estratagema “do escravo carregado” tornou-se um lugar-comum, digno da caricatura de um técnico

mais pequena do que qualquer um dos outros. Dos presentes que recebem²¹⁴, reclama a sua parte e vai vendê-la. **8.** Nas termas, quando se perfuma, protesta com o criado: “Está rançoso, este óleo que me compraste!”. E vá de se perfumar com o do parceiro do lado. **9.** Se os escravos encontram, na rua, uns cobrezitos, é menino para reivindicar a sua parte, com o pretexto de que o que Hermes dá é de todos²¹⁵. **10.** Quando manda o casaco para lavar, pede outro emprestado a um conhecido; e vai adiando, dia após dia, até o outro lho pedir de volta. **11.** E faz coisas deste género. É pela medida Fidónia²¹⁶, com uma amassadela no fundo, que ele, pessoalmente, mede a comida para a criadagem da casa, e ainda para cúmulo rafada em cima. **12.** ...²¹⁷ **13.** Se tem de devolver trinta minas que pediu emprestadas, não se ensaia nada para abater quatro dracmas²¹⁸. **14.** Quando os filhos não vão à escola, durante o mês inteiro, por estarem doentes, ele corta o

como Aristófanes. Da crítica se inferem os tópicos invariáveis do episódio: dobrado ao peso das bagagens, com as tripas a estalarem de pressão, o escravo vinga-se nos palavrões, com que se consola, dentro do possível, da sorte madrastra que lhe coube.

²¹⁴ Nas cidades que os acolhem, os embaixadores recebem presentes de hospitalidade. Sobre o sentido de ξένια, cf. Heródoto 6. 35.

²¹⁵ Hermes, protector de viajantes, comerciantes e ladrões, patrocinava achados e lucros. As suas dádivas, ἔρμια, eram ditas “de todos”, numa frase proverbial que queria significar que qualquer achado era de todos os que presenciassem a sua descoberta; para outras ocorrências de ἔρμης κοινός, cf. Menandro, *Epitrepontes* 283-285, 317.

²¹⁶ Antes de usarem o sistema de medidas implantado por Sólon, os Atenienses usavam outras medidas, mais pequenas, que, segundo Aristóteles (*Constituição dos Atenienses* 10. 1-2), provinham de Argos e tinham o nome do rei Fídon (cf. Estrabão 8. 3. 33). De resto o nome Φεΐδων presta-se a um subentendido jocoso, porque a palavra em grego significa “poupado, económico” (cf. Aristófanes, *Nuvens* 65).

²¹⁷ O sentido aproximado de “Se lhe parecer que um amigo adquiriu fosse o que fosse por bom preço, trata de lho comprar em boas condições, para o voltar a vender” é discutido por Diggle 2004: 512-514, que o considera mal suportado pelo texto grego.

²¹⁸ Atitude mesquinha: se tem de devolver uma boa soma de dinheiro, aproveita para ficar a dever uns trocos.

equivalente na mensalidade. No Antestérion²¹⁹, não os manda para as aulas, para, como nesse mês há muitas festividades, não ter de pagar a propina. **15.** Ao cobrar a renda a um criado, exige-lhe a taxa de câmbio das moedas de bronze, e ao receber as contas do administrador ...²²⁰. **16.** Quando convida os companheiros de fratria²²¹ para jantar, reclama, para os servos da sua casa, comida comprada com o dinheiro de todos; e as metades dos rabanetes que sobram da refeição, ele regista-as, para que os criados que servem à mesa as não levem. **17.** Quando viaja com conhecidos, serve-se dos criados deles; ao seu próprio aluga-o e não reparte o rendimento. **18.** Se faz uma reunião em sua casa, tem o topete de apresentar a conta daquilo que lhe cabe fornecer, a lenha, as lentilhas, o vinagre, o sal e o azeite para a lamparina. **19.** Se um amigo dele se casa ou dá a filha em casamento, parte em viagem com certa antecedência para não ter de lhe dar um presente. **20.** E aos conhecidos pede emprestadas coisas que ninguém mais teria cara de reclamar, nem de aceitar quando lhe fossem devolvidas.

²¹⁹ Mês correspondente à nossa época de Fevereiro / Março. Nele se comemoravam, como festas principais, as Antestérias (*vide supra* nota 26). Mas havia também uma série de outras festas menores: as Diásias, dedicadas a Zeus, em Atenas, e os Mistérios menores em Elêusis, por exemplo.

²²⁰ Se os escravos de um senhor faziam serviços fora da sua casa, como sapateiros (cf. Êsquines, *Contra Timarco* 1.97), ou mineiros (cf. Xenofonte, *Recursos* 4. 14), por exemplo, pagavam ao patrão uma renda percentual a esse rendimento. Logo o trabalho do escravo representava, por este processo, outra forma de rentabilização para o seu senhor. Como o escravo recebia em moedas de bronze, o explorador exigia-lhe o pagamento em moedas de prata, o que pressupõe um câmbio e a respectiva taxa, que tem, neste caso, de ser o escravo a suportar. Até ao tempo de Alexandre, a quase totalidade das moedas em circulação em Atenas era de prata. O termo da frase é de leitura duvidosa e de sentido pouco claro.

²²¹ A fratria era constituída por um grupo de famílias, que em conjunto celebravam festas, rituais e convívios. Embora o almoço seja em casa do explorador, as despesas são partilhadas a partir de um fundo comum. *Vide supra* nota 29.

ÍNDICE DE AUTORES E PASSOS CITADOS

- Adcock, F. E. – 29 n. 22, 43
- Alcífron
3. 20 – 66 n. 60
- Alexis – 94 n. 140
Jogadores de dados – 66. n. 63
- Altamura, D. – 42, 63 n. 45
- Amory, F. – 42, 50 n. 4
- Andócides
1. 54 – 70 n. 71
Acerca dos Mistérios
133 – 66 n. 62
- Antífanos
Jogadores de dados – 66 n. 63
- Antifonte – 89 n. 130
Acerca do coreuta
6. 45 – 96 n. 148
- Aristófanos – 25-28, 44, 60 n. 35,
86 n. 116, 118 n. 214
Acarnenses – 25
33-36 – 59 n. 30
46-51 – 112 n. 199
109 – 100 n. 158
184 – 99 n. 157
241-279 – 57 n. 29
255-256 – 85 n. 114
273 – 113 n. 202
904-928 – 109 n. 186
1099-1101 – 61 n. 39
Schol. Acarnenses 243 – 73 n.
79
- Aves*
491 – 74 n. 81
503 – 67 n. 67
767 – 54 n. 19
794 – 63 n. 47
875 – 86 n. 116
1211 – 50 n. 4
1420-1468 – 109 n. 186
- Cavaleiros* – 26
43 sq. – 60 n. 38
185-187 – 115 n. 209
248 – 66 n. 62
269 – 100 n. 158
316-318 – 59 n. 32
715-718 – 93 n. 138
908 – 54 n. 17
1022-1027 – 115 n. 210
Schol. Cavaleiros 979a – 100 n.
159
- Estações* – 86 n. 116
- Lisístrata*
388 – 86 n. 116
- Mulheres na assembleia*
74 – 64 n. 55
269-271 – 76 n. 88
320 sqq. – 81 n. 104
672 – 66 n. 63
693-696 – 113 n. 204
792 – 85 n. 114
818 – 67 n. 67
924 – 85 n. 114
- Nuvens* – 26, 28, 110 n. 190
17 – 75 n. 83
43-52 – 59 n. 30
60-74 – 59 n. 30
65 – 118 n. 217
102 – 100 n. 158
449 – 50 n. 4

- 540 – 65 n. 58
 555 – 65 n. 58
 754-756 – 75 n. 83
 931 – 68 n. 68
 1353-1372 – 84 n. 111
 1480 – 56 n. 23
 1485 – 56 n. 23
 1492 – 100 n. 158
Schol. Nuvens 446 – 77 n. 90
Schol. Nuvens 540 – 65 n. 58
Paz
 99 – 81 n. 104
 158 – 81 n. 104
 164 sq. – 81 n. 104
 252 – 64 n. 50
 277-279 – 105 n. 175
 712 – 59 n. 31
 795-796 – 85 n. 114
 882-908 – 63 n. 47
 952 – 71 n. 74
 981-985 – 113 n. 204
 1138 – 113 n. 202
 1151 – 85 n. 114
 1265-1304 – 84 n. 111
Pluto
 243 – 66 n. 63
 690 – 86 n. 116
 1126 – 87 n. 123
Rãs – 25, 205 n. 173
 1-20 – 117 n. 214
 91 – 68 n. 68
 113-114 – 66 n. 62
 196 – 85 n. 114
 340-353 – 57 n. 27
 710-712 – 76 n. 89
 815 – 68 n. 68
 837 – 83 n. 109
 909 – 100 n. 158
 916 sq. – 68 n. 68
 954 – 68 n. 68
 1069 – 68 n. 68
 1180-1247 – 112 n. 199
Tesmofórias
 279-280 – 113 n. 202
 284 – 113 n. 202
 485 – 81 n. 104
 559 – 85 n. 114
 797 – 113 n. 204
 799 – 113 n. 204
 855-870 – 112 n. 199
 1192 – 64 n. 50
Vespas – 26, 77 n. 90, 86 n. 116,
 109 n. 187, 110 n. 190
 9 sq. – 86 n. 116
 75 – 66 n. 63
 103 – 76 n. 88
 136 – 112 n. 201
 169-171 – 60 n. 38
 174 – 50 n. 4
 242-244 – 109 n. 187
 274-275 – 76 n. 88
 303-311 – 109 n. 187
 363 – 85 n. 114
 609 – 67 n. 67
 791 sq. – 67 n. 67
 1085 sq. – 87 n. 121
 1131 – 99 n. 157
 1182 – 85 n. 114
 Aristofonte – 69, 69 n. 130
 Aríston de Céos – 15 n. 10, 17
Charakterismoi – 17
 Aristóteles – 9-12, 13 n. 3, 16-25,
 43-44, 48 n. 1, 50 n. 4, 55, 65
 n. 57, 95 n. 142
Constituição dos Atenenses
 10. 1-2 – 118 n. 217
Ética a Eudemo – 16
 1220b 21 – 1221b 3 – 17
 1228a 23 – 1234b 14 – 17
 1231b 30-34 – 98 n. 149
 1233b – 1234a 1 – 50 n. 4

- Ética a Nicómaco* – 12, 16, 18, 23
 1104a 24 – 81 n. 102
 1107a 33 – 1108b 7 – 17, 18
 1107b 4-8 – 81 n. 102
 1107b 8-14 – 98 n. 149
 1108a 11 – 50 n. 5
 1108a 21 sqq. – 50 n. 4, 100
 n. 158
 1108a 25 sq. – 59 n. 30
 1108a 26-29 – 53 n. 14
 1108a 26-30 – 62 n. 40
 1108a 31-35 – 73 n. 77
 1108b 20-22 – 81 n. 102
 1109a 3-5 – 81 n. 102
 1115a 4 – 1115b 6 – 105 n.
 173
 1115a 6 – 1117b 22 - 21
 1115a 6 – 1128b 35 – 17
 1115a 34 – 1115b 1 - 21
 1116a 6-9 – 21
 1116b 15-18 – 21
 1116b 20-22 – 21
 1117a 29 – 1117b 22 – 105
 n. 173
 1119a 6-7 – 81 n. 102
 1121a – 11
 1121a 10-15 – 75 n. 82, 98
 n. 149
 1121b 22 – 75 n. 82
 1122a 1-12 – 117 n. 212
 1123a 1 – 98 n. 152
 1123a 19-27 – 63 n. 45
 1123a 34 – b 35 – 38
 1124a 20-30 – 103 n. 167
 1125a 27-32 – 63 n. 45
 1125b 10-17 – 95 n. 142
 1127a 6-10 – 62 n. 40
 1127a 6-11 – 53 n. 14
 1127a 20 – 50 n. 5
 1127b 7-8 – 100 n. 158
 1127b 9-14 – 100 n. 158
 1128a 26 – 1130a 36 – 105
 n. 173
 1128b 5 – 50 n. 5
 1128b 10 sqq. – 73 n. 77
 1129b – 12
 1165b 16 – 115 n. 209
 1221a 8 – 83 n. 109
 1221a 27 – 83 n. 109
Grande Ética – 17
 1190b 9 – 1193a 37 – 17
História dos Animais
 607a 30 – 86 n. 117
 608a 25 – 64 n. 48
 612b 10 – 96 n. 146
Poética
 1449a 31-33 – 24
Retórica – 16
 1366a 23-32 – 23
 1366a 23 – 1367b 7 – 23
 1378a 19 – 1391b 6 – 23
 1390a 9-11 – 56 n. 23
 1395b 26 sq. – 56 n. 23
 Astin, A. E. – 44, 71 n. 75, 101 n. 162
 Ateneu
 1. 19 d-e – 65 n. 60
 4. 128d – 73 n. 79
 4. 129d – 66 n. 60
 6. 235f – 53 n. 14
 6. 254d – 53 n. 14
 6. 261d – 12
 8. 348a – 12
 9. 395b – 64 n. 52
 10. 423d – 60 n. 33
 14. 630e – 65 n. 58
 14. 659d – 87 n. 123
 15. 673e – 12
 Badian, E. - 43
 Bergson, L. – 42, 50 n. 4
 Bieber, M. – 42, 63 n. 47, 66 n. 61

- Boardman, J. - 43
- Borthwick, E. K. - 42, 87 n. 123
- Bugh, G. R. - 96 n. 145
- Burkert, W. - 43, 73 n. 78, 88 n. 124, 110 n. 192
- Bury, J. B. - 29 n. 22, 43
- Cícero
Leis
 2. 37 - 86 n. 116
Tópicos
 83 - 23
- Cook, S. A. - 29 n. 22, 43
- Cotter, J. - 43, 50 n. 4
- Cunningham, I. C. - 42, 87 n. 123
- Demóstenes - 70 n. 71, 89 n. 130
 4. 49 - 70 n. 71
 6. 14 - 70 n. 71
 18. 249 - 65 n. 57
 18. 259-260 - 86 n. 116
 19. 124 - 103 n. 170
 20. 104 - 114 n. 208
 21. 10-11 - 78 n. 95
 21. 198 - 70 n. 71
 25. 32 - 65 n. 57
 25. 34 - 65 n. 57
 25. 40 - 115 n. 210
 30. 27 - 76 n. 85
 32. 5 - 100 n. 160
 33. 6 - 76 n. 85
 34. 37-39 - 101 n. 164
 35. 29 - 100 n. 159
 40. 49 - 114 n. 208
 47. 34-40 - 76 n. 85
 50. 24 - 100 n. 159
 59. 75 - 109 n. 189
 60. 3 - 112 n. 200
 60. 28 - 109 n. 189
- Exórdio*
 54 - 96 n. 148
- Olínticas*
 3. 25-29 - 55 n. 22
- Diels, H. - 42
- Diggle, J. - 12 nn. 6, 7, 15 n. 10, 42, 48 n. 1, 50 n. 6, 51 nn. 7, 8, 10, 13, 54 n. 21, 56 n. 23, 62 n. 40, 63 nn. 44, 45, 65 n. 59, 69 n. 69, 70 n. 72, 71 n. 75, 77 n. 91, 80 n. 101, 82 n. 107, 83 n. 110, 85 n. 112, 87 n. 121, 91 nn. 135, 136, 99
- N. 157, 101 n. 163, 108 n. 182, 111 nn. 194, 197, 113 nn. 201, 202, 118 n. 218
- Diodoro sículo
 4. 43. 1-2 - 105 n. 175
 5. 49. 5-6 - 105 n. 175
 15. 44. 4 - 54 n. 20
- Diógenes Laércio - 15 n. 10
 1. 55 - 66 n. 64
 5. 36-57 - 10 n. 1
 5. 37 - 10 n. 2
 5. 38 - 10 n. 2
 5. 40 - 48 n. 2
 5. 46-48 - 12
 5. 47-48 - 23 n. 17
 5. 88 - 15 n. 10
- Duckworth, G. E. - 43, 94 n. 140
- Eliano
História dos animais
 8. 12 - 86 n. 116
- Epicarmo - 53 n. 14, 94 n. 140
- Ésquilo - 83 n. 109, 100 n. 158
Prometeu
 64 - 83 n. 109

- 79 – 83 n. 109
 907 – 83 n. 109
 964 – 83 n. 109
- Ésquines
Contra Timarco
 1.10 – 99 n. 154
 1.28 – 66 n. 64
 1.75 – 66 n. 63
 1. 95 – 66 n. 63
 1. 97 – 119 n. 221
- Estrabão
 8. 3. 33 – 118 n. 217
- Eubulo
 Fr. 53 K.-A. – 81 n. 104
Jogadores de dados – 66 n. 63
- Eurípides – 26, 68 n. 68, 112 n. 199
Hécuba – 66 n. 63
Hércules Furioso
 1327 – 110 n. 193
Ifigénia em Aulide
 718-722 – 99 n. 152
Ifigénia entre os Tauros
 381-383 – 87 n. 122
 1161 - 88 n. 128
 1191-1193 – 88 n. 125
Suplicantes
 350-353 – 109 n. 189
 403-408 – 109 n. 189
 429-441 – 109 n. 189
Troianas – 66. N. 63
- Eustácio – 12
- Ferreira, J. R. – 43, 96 n. 14
- Filémon – 59 n. 30
- Filodemo
Sobre os vícios
 10 – 15 n. 10
- Fortenbaugh, W. W. – 43
- Fox, R. J. L. – 43
- Fraser, P. M. – 43
- Fredericksen, M. W. – 44, 71 n. 75,
 101 n. 162
- Furley, D. J. – 24, 43
- Gigliani, G. B. – 28, 43
- Gooch, P. W. – 43, 50 n. 4
- Gould, J. – 44, 57 n. 26
- Graves, R. - 43, 94 n. 139
- Hecateu de Mileto – 70 n. 71
Genealogias – 112 n. 199
- Heródoto
 2. 35. 3 – 81 n. 104
 2. 143. 1 – 70 n. 71
 5. 36. 2 – 70 n. 71
 6. 35 – 118 n. 215
 8. 107. 2 – 105 n. 174
- Herondas
 6. 60 – 63 n. 43
- Hesíodo
Teogonia – 112 n. 199
Trabalhos e Dias
 770 sq. – 87 n. 123
- Hesíquio – 53 n. 16, 54 n. 20, 64
 n. 51
- Hípias – 44, 48 n. 1
- Homero – 108, 108 n. 182, 112 n. 199
Iliada
 1.334 – 66 n. 63
 2. 204 – 108 n. 182
 11. 624 – 59 n. 31
 11. 641 – 59 n. 31
 23. 88 – 64 n. 53
Odisseia
 10. 234-235 – 59 n. 31
- Horácio – 44, 50 n. 4
Epodos
 6. 5 – 64 n. 48

- Hornblower, S. – 43
- Immisch, O. – 24, 42
- Iseu
8. 32 – 66 n. 64
- Isócrates – 89 n. 130
- Jebb, R. C. – 12 n. 4, 13, 19, 20 n.
16, 42, 62 n. 40, 99 n. 157
- Kennedy, G. A. – 11 n. 3, 43
- Knox, A. D. – 12 n. 7, 42, 87 n. 123
- Lesky, A. – 43
- Lewis, D. L. – 44, 57 n. 26
- Lewis, D. M. – 43
- Liddell, R. G. – 64 n. 51
- Lisandro – 69, 69 n. 69
- Lísias – 70 n. 71, 89 n. 130
16. 11 – 70 n. 71
22. 14 – 70 n. 71
Contra Alcibiades
14. 27 – 66 n. 63
- Luciano
Alexandre
30 – 86 n. 118
Diálogos dos mortos
11. 4 – 94 n. 139
Menipo
7 – 88 n. 127
- MacDowell, D. M. – 43, 62 n. 41,
67 n. 65, 86 n. 116
- Malhadas, D. – 42
- Marcial
2. 37 – 73 n. 79
3. 23 – 73 n. 79
7. 20 – 73 n. 79
- Menandro – 16, 24-26, 28, 39, 44,
59 n. 30, 73 n. 79
Ἄγροικος ‘O parolo’ – 27
Ἄπιστος ‘O desconfiado’ – 27,
90 n. 131
Ἄπληστος ‘O glutão’ – 27
Δεισιδαίμων ‘O supersticioso’
– 27, 85 n. 112
Δύσκολος ‘O embirrento’ –
27, 59 n. 30, 85 n. 112
260-264 – 85 n. 112
407-409 – 85 n. 112
487-521 – 66 n. 63
Epitrepontes ‘Arbitragem’ – 62
n. 41
283-285 – 118 n. 216
317 – 118 n. 216
Herói
2 – 73 n. 79
Κόλαξ ‘O bajulador’ – 27
Μεμψίμοιρος ‘O eterno des-
contente’ – 27
Μονότροπος ‘O solitário’ – 27
Mulher de Perinto
3 – 73 n. 79
Πολυπράγμων ‘O intriguista’
– 27
- Mnesímaco
Fr. 4. 18-19 K.-A. – 65 n. 58
- Montanari, F. – 64 n. 51
- Mylonas, G. E. – 43, 57 n. 27, 88
n. 125
- Navarre, O. – 42
- Ogilvie, R. M. – 44, 71 n. 75, 101
n. 162
- Orfeu – 88 n. 124
- Ostwald, M. – 43

- Pausânias
 1.15 – 53 n. 15
 1.27. 1 – 87 n. 123
- Pavloskis, Z. – 44, 50 n. 4
- Peterson, E. A. – 20 n. 16
- Pickard-Cambridge, A. W. – 44, 57 n.
 26, 58 n. 29, 98 n. 150, 117 n. 213
- Píndaro
 Fr. 106 Snell – 64 n. 48
 Fr. 107a Snell – 64 n. 48
- Platão – 9, 88 n. 124
Apologia
 31a – 50 n. 6
 37e – 50 n. 4
Banquete
 216e – 50 n. 4
 218d – 50 n. 4
Crátilo
 384a – 50 n. 4
 395a – 50 n. 6
 400c – 88 n. 124
Crítias
 46b – 50 n. 6
Êutifron
 2a – 53 n. 15
Górgias
 489e – 50 n. 4
 493b – 94 n. 139
Leis
 782c – 88 n. 124
 909e 3 – 910a 6 – 86 n. 117
 918d – 66 n. 62
Lisis
 206e – 64 n. 53
Protágoras
 335d – 99 n. 157
República
 337a – 50 n. 4
 364e – 365a – 88 n. 124
 408d – 48 n. 3
- 514d – 65 n. 60
 553a sqq. – 107 n. 179
Teages
 121a – 53 n. 15
- Plauto – 94 n. 140
Anfitrião – 112 n. 201
 1107-1119 – 86 n. 116
Soldado fanfarrão – 100 n. 161
- Plínio
História Natural
 8. 57 – 86 n. 119
- Plutarco
Fócion
 29 – 10 n. 2
Licurgo
 19. 2 – 66 n. 60
 21. 3 – 71 n. 74
Moralia
 164e – 171e – 85 n. 112
 166a – 88 n. 125
 224e – 88 n. 124
 280b-c – 88 n. 127
 290d – 88 n. 127
 862b-c – 75 n. 84
Nícias
 19. 4 – 64 n. 55
Péricles
 13 – 57 n. 28
 38 – 11
Sólon
 21. 1 – 114 n. 208
Temístocles
 12. 1 – 87 n. 121
Teseu
 5. 1 – 95 n. 143
 24 – 109 n. 189
 32-35 – 109 n. 189
 35 – 110 n. 193
- Pólux
Onomasticon
 4. 122 – 63 n. 47

9. 42 – 10 n. 2
 10. 18 – 54 n. 21
- Quintiliano
 1.9. 3 – 23
- Rocha Pereira, M. H. – 44, 98 n.
 150, 107 n. 180
- Rosenmeyer, T. G. – 44, 50 n. 4
- Rostagni, A. – 44
- Rusten, J. – 12 n. 7, 42, 87 n. 123
- Sandys, J. E. – 12 n. 4, 13, 19, 20
 n. 16, 42, 62 n. 40, 99 n. 157
- Sarian, H. - 42
- Scott, R. – 64 n. 51
- Silk, M. S. – 44, 50 n. 4
- Silva, M. F. – 44, 60 n. 35
- Sófocles
 Ájax
 8 – 64 n. 48
Filoctetes
 473 – 91 n. 135
 900 – 91 n. 135
- Sólon – 110 n. 190, 114 n. 208,
 118 n. 217
- Steinmetz, P. - 42
- Suda* – 10 n. 1, 15 n. 10, 53 n. 16,
 54 n. 20
- Teócrito
 3. 2 – 64 n. 51
 6. 39 – 88 n. 128
- Teofrasto – *passim*
Caracteres
 I – 13, 18, 40, 50-52, 100 n.
 158
 I.5 – 35
- I.6 - 40
 II – 13, 18, 26, 53-55, 62 n.
 40, 80 n. 98
 II. 2 – 35, 39, 40, 72 n. 76
 II. 3 – 39, 40
 II. 4 – 39, 40
 II. 6 – 40
 II. 7 - 36
 II. 8 – 40
 II. 9 - 36
 II. 10 – 33, 40
 II. 11 - 37
 III – 13, 26, 40, 56-58, 68
 n. 68
 III. 1 – 68 n. 68
 IV – 18, 25, 59-61
 IV. 2 - 39
 IV. 3 – 32
 IV. 7 – 32
 IV. 9 – 113 n. 204
 IV. 11 – 35
 IV. 12 - 38
 IV. 13 - 36
 V – 18, 53 n. 14, 62-64, 80 n.
 98, 83 n. 109
 V. 2 – 40
 V. 3 – 79 n. 96, 103 n. 169
 V. 5 – 33, 54 n. 18
 V. 7- 36, 37, 38
 V. 8 – 36
 V. 9 – 36, 38
 V. 10 - 38
 VI – 13, 26, 50 n. 5, 65-67
 VI. 3 – 79 n. 97
 VI. 4 - 37
 VI. 6 – 30
 VI. 9 - 37
 VII – 13, 26, 40, 56 n. 23,
 68-69
 VII. 3 - 40
 VII. 8 - 37

- VII. 9 - 34
 VIII - 13, 40, 50 n. 5, 70-72
 VIII. 2 - 40
 VIII. 3 - 40
 VIII. 6 - 101 n. 162
 VIII. 11 - 35, 38
 IX - 13, 18, 26, 35, 73-74,
 75 n. 82, 98 n. 149, 117
 n. 212
 IX. 3 - 31, 33
 IX. 4 - 36, 77 n. 91
 IX. 5 - 37
 IX. 8 - 38
 X - 13, 35, 73 n. 77, 75-76,
 117 n. 212
 X. 3 - 30, 32
 X. 5 - 31
 X. 11 - 32, 78 n. 95
 X. 12 - 36, 77 n. 91
 XI - 77
 XI. 3 - 37, 117 n. 212
 XI. 4 - 35
 XI. 5 - 35
 XI. 6 - 35
 XI. 8 - 36, 99 n. 155
 XI. 9 - 36
 XII - 78-79
 XII. 6 - 34
 XII. 11 - 33
 XII. 12 - 31
 XII. 14 - 34, 65 n. 58, 84 n.
 111
 XIII - 80
 XIII. 4 - 33
 XIV - 18, 50 n. 5, 81-82
 XIV. 2 - 102 n. 165
 XIV. 4 - 37
 XIV. 7 - 40
 XIV. 9 - 31
 XIV. 12 - 40
 XIV. 13 - 40
 XV - 13, 62 n. 40, 83-84,
 103 n. 167
 XV. 7 - 35
 XV. 10 - 34
 XVI - 85-88
 XVI. 4 - 111 n. 195
 XVI. 7 - 88 n. 126
 XVI. 12 - 30
 XVII - 40, 89
 XVIII - 90
 XVIII. 2 - 31
 XVIII. 4 - 30
 XVIII. 7 - 35
 XVIII. 8 - 31
 XIX - 13, 19, 91-92
 XIX. 2 - 36
 XIX. 3 - 51 n. 11
 XIX. 5 - 34, 36, 38
 XIX. 10 - 34
 XX - 19, 93-94
 XX. 6 - 34
 XX. 7 - 30, 32
 XX. 9 - 34
 XX. 10 - 34
 XXI - 19, 95-97
 XXI. 2 - 33, 39
 XXI. 4 - 31
 XXI. 6 - 36
 XXI. 7 - 33
 XXI. 8 - 36
 XXI. 9 - 40
 XXI. 10 - 40
 XXI. 11 - 30
 XXII - 13, 18, 35, 73 n. 77,
 98-99, 117 n. 212
 XXII. 2 - 102 n. 166, 109 n.
 188
 XXII. 3 - 35
 XXII. 4 - 33
 XXII. 5 - 102 n. 166, 109 n.
 188

- XXII. 6 – 35
 XXII. 7 – 36
 XXII. 8 – 117 n. 212
 XXII. 10 – 30, 54 n. 21
 XXIII – 18, 26, 50 n. 4, 100-102
 XXIII. 7 – 36
 XXIII. 8 – 32, 36, 90 n. 132
 XXIV – 13, 103-104
 XXIV. 9 – 33
 XXIV. 13 – 40
 XXV – 18, 21, 25, 105-106
 XXV. 2 – 22
 XXV. 3-4 – 21
 XXVI – 13, 40, 107-109
 XXVI. 3 – 40, 51 n. 11
 XXVI. 4 – 36, 40
 XXVI. 5 – 32, 40
 XXVII – 26, 110-111
 XXVII. 7 – 37, 65 n. 60
 XXVII. 12 – 32
 XXVII. 13 – 32
 XXVII. 14 – 38
 XXVIII – 13, 40, 112-114
 XXVIII. 2 – 40
 XXVIII. 3 – 40
 XXVIII. 4 – 30, 40
 XXIX – 13, 115-116
 XXX – 13, 35, 73 n. 77, 98 n. 149, 117-119
 XXX. 2 – 32
 XXX. 6 – 37, 66 n. 61
 XXX. 7 – 31
 XXX. 8 – 31, 38
 XXX. 9 – 31
 XXX. 11 – 31
 XXX. 14 – 35
 XXX. 15 – 31
 XXX. 16 – 31, 32, 57 n. 29
 XXX. 17 – 31
 XXX. 18 – 32
 XXX. 19 – 33
Causas das plantas – 11
História das plantas – 11
 Περὶ ἡθῶν – 12
 Περὶ εὐδαιμονίας – 12
 Περὶ κολακείας – 12
 Περὶ εὐτυχίας – 12
 Περὶ κωμωδίας (*Sobre a Comédia*) – 25
 Περὶ γελοίου (*Sobre o Ridículo*) – 25
 Terêncio
Formião
 707 – 86 n. 116
Sogra
 112 n. 201
 Tucídides
 2. 15 – 109 n. 189
 2. 36. 1 – 112 n. 200
 8. 47. 2 – 115 n. 209
 Untersteiner, M. – 44, 48 n. 1
 Usener, H. – 12
 Ussher, R. G. – 42, 44
 Vilardo, M. – 12 n. 7, 14, 18, 42, 63 n. 44, 95 n. 142, 99 n. 157
 Virgílio
Geórgicas
 3. 405 – 64 n. 48
 Walbank, F. W. – 44, 71 n. 75, 101 n. 162
 Webster, T. B. L. – 29, 44
 Xenofonte
Anábase
 4. 3. 26 – 110 n. 191

Ciropedia

1.2. 3 – 50 n. 6

7. 5. 6 – 110 n. 191

História da Grécia

3. 3. 1-3 – 69 n. 69

5. 1. 21 – 100 n. 159

6. 5. 7 – 50 n. 6

Memoráveis

2. 6. 37 – 50 n. 6

3. 8. 8-10 – 55 n. 22

Recursos

4. 14 – 119 n. 221

ÍNDICE TEMÁTICO

- Ágora – 14, 28, 29, 35-37, 53-56, 63, 63 n. 46, 66 n.63, 67, 72, 77, 91, 96, 96 n. 148, 99, 108
- Alexandre Magno – 9-11, 13, 29, 38, 71, 71 n. 75, 95 n. 144, 100, 101 n. 162, 119 n. 221
- Antestérias – 56 n. 26, 119 n. 220
- Apatúrias – 57, 57 n. 29
- Banquete – 14, 32-34, 69, 73 n. 79, 75, 75 n. 84, 79 n. 97, 80, 84 n. 111, 94, 95, 103, 117, 119
- Cabiros – 105 n. 175
- Comédia – 12, 15, 16, 20, 24-41, 50 n. 4, 58 n. 29, 59 n. 30, 60 n. 35, 65, 65 n. 58, 66 n. 63, 68 n. 68, 73 n. 79, 85 n. 114, 86 n. 116, 94 n. 140, 100 n. 158, 105 n. 173, 109 n. 186, 112 nn. 198, 199, 117 n. 214
- Côngios – 61 n. 39
- Demétrio de Falero – 10
- Diásias – 119 n. 220
- Dionísias rurais – 56 n. 26, 57-58 n. 29, 58
- Dionísias urbanas / Grandes Dionísias – 56-57 n. 26, 107 n. 180
- Escravo (servo, criado) – 21-22, 30, 31-33, 36-37, 54-55, 57 n. 29, 60 n. 35, 70, 73, 73 n. 79, 75, 77-79, 82, 86 n. 116, 89-90, 94-95, 100, 102, 105-106, 111-113, 117-119
- Ética – 15-22, 41
- Galáxias – 97
- Macedónia – 9-10, 29, 43, 71, 71 n. 75, 101, 101 nn. 162, 163
- Mistérios de Elêusis – 43, 57, 57 n. 27, 88 nn. 124-125, 107 n. 180, 119 n. 220
- Orfismo – 88 n. 124
- Panateneias – 96 n. 145, 107 n. 180
- Peripatéticos – 9-10, 15-18, 22, 27
- Retórica – 11, 11 n. 3, 15, 22-24, 41, 56 nn. 23, 24, 78 n. 93, 89 n. 130, 109 n. 187, 110
- Teatro – 14, 28, 37, 53 n. 15, 55, 55 n. 22, 63, 63 n. 47, 66 nn. 60, 61, 69, 74, 74 n. 80, 77, 81, 98 n. 150
- Termas – 14, 28, 38, 60, 72, 74, 74 n. 81, 91, 111, 117

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibiades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrío. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquilides. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epiceto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

IMPRESSÃO:

ARTIPOL - ARTES TIPOGRÁFICAS, LDA.

ZONA INDUSTRIAL DE MOURISCA DO VOUGA, APARTADO 3051

3754-901 ÁGUEDA

Resumo da Obra

Esta publicação inclui a tradução dos *Caracteres* de Teofrasto, acompanhada de um estudo introdutório e de notas ao texto, de acordo com a recente edição e comentário de J. Diggle. No estudo introdutório, além de uma informação geral sobre o autor e a sua actividade intelectual, está contemplada a definição dos vários géneros literários que deixaram a sua marca nesta produção de Teofrasto: os tratados de ética de Aristóteles, a retórica contemporânea e a Comédia Nova. O estudo vem acompanhado de uma bibliografia actualizada.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

